

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

CAROLINE DE PAULA FERNANDES LIMA PAPANIDIS

**SÃO BENEDITO, FESTA E RESISTÊNCIA CULTURAL: A CONTRIBUIÇÃO DO
CAPITAL SOCIAL NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**

Varginha/MG

2018

CAROLINE DE PAULA FERNANDES LIMA PAPANIDIS

**SÃO BENEDITO, FESTA E RESISTÊNCIA CULTURAL: A CONTRIBUIÇÃO DO
CAPITAL SOCIAL NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Gestão Pública e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Sociedade da Universidade Federal de Alfenas, *campus* Varginha. Área de concentração: Gestão Pública e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Staub Mafra.

Varginha/MG

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca *campus* Varginha

P213s Paparidis, Caroline de Paula Fernandes Lima
São Benedito, festa e resistência cultural: a contribuição do capital
social na preservação do patrimônio imaterial / Caroline de Paula
Fernandes Lima Paparidis. -- Varginha, MG, 2018.
130 f. : il. --

Orientador: Luiz Antonio Staub Mafra.
Dissertação (mestrado em Gestão Pública e Sociedade) -
Universidade Federal de Alfenas, *campus* Varginha, 2018.
Bibliografia.

1. Capital social (sociologia). 2. Patrimônio Cultural – Machado
(MG). 3. Festas folclóricas – Machado (MG). I. Mafra, Luiz Antonio
Staub. II. Título.

CDD – 306.4098151

CAROLINE DE PAULA FERNANDES LIMA PAPANIDIS

**SÃO BENEDITO, FESTA E RESISTÊNCIA CULTURAL: A CONTRIBUIÇÃO DO
CAPITAL SOCIAL NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**

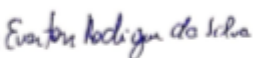
A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Gestão Pública e Sociedade pela Universidade Federal de Alfenas, *campus* Varginha. Área de concentração: Gestão Pública e Sociedade.

Aprovada em: 26/10/2018.

Prof. Dr. Luiz Antonio Staub Mafra
Universidade Federal de Alfenas


Assinatura:

Prof. Dr. Everton Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura: 

Prof.ª Dr.ª Carmem Lúcia Rodrigues
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura: 

Dedico esta pesquisa ao meu irmão Pedro; às minhas afilhadas Mariane, Júlia e Laura; e a todas as crianças que participam da congada mirim. Espero despertar em vocês o interesse na preservação dos patrimônios culturais e a consciência da importância do fazer coletivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por mais esta conquista.

Agradeço ao meu orientador Luiz Antonio Staub Mafra, por todas as vezes que me instigou a ir além, bem como pelas suas valiosas orientações, indispensáveis para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à FAPEMIG, pelo incentivo através da bolsa de estudos, que me proporcionou maior dedicação a esta pesquisa.

Agradeço também aos Congadeiros de Machado, Secretaria de Cultura, Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, Comerciantes e às Escolas Comendador Lindolfo de Souza Dias, Centro de Educação Infantil Vovó Donana, Carlos Legnani, Gabriel Odorico e Paulina Rigotti de Castro; por terem contribuído tão ricamente com esta pesquisa.

Agradeço ainda a todos os servidores da UNIFAL, especialmente ao Marcel, bem como todos os terceirizados e estagiários, bem como à bibliotecária Patrícia, que tanto me auxiliaram nesse processo.

Mas, se cheguei até aqui, é porque também fora do ambiente acadêmico e do campo de pesquisa tive muito suporte, pessoas muito especiais que fizeram toda a diferença em minha vida e pelas quais sou extremamente grata.

Ao meu marido Otávio, por todo o amor, carinho, paciência e compreensão; por nunca me deixar desanimar, por sempre me motivar e por acreditar que eu fosse capaz de concluir essa caminhada.

À minha mãe Cristina e meu querido irmão Pedro, por sempre me apoiarem quando eu mais preciso e por me acompanharem sempre, em tudo o que eu faço, me trazendo motivação, alegrias, muito amor e carinho.

Às minhas amigas, ah, minhas amigas. Sempre tão solícitas e tão presentes e tão amáveis. Às agregadas, por todo o suporte e carinho, vocês me inspiram. À amiga Ana, que me acompanha desde a faculdade, cuja trajetória me faz acreditar no poder da dedicação.

Às amigas do mestrado, presente desta jornada, quero agradecer de maneira especial. À Jéssica, sem sua amizade esse caminho com certeza seria bem mais penoso, você me ajudou muito e se tornou uma amiga para todas as horas, que levarei para vida toda. À Amanda, à Luziana, à Dona Abigail e à Marcela, pessoas tão maravilhosas, sempre dispostas a me ajudar em qualquer situação, ouvirem meus choros e me colocarem para cima! Todas vocês são mulheres incríveis e que me orgulham!

Aos demais amigos do mestrado, agradeço por todos os debates e aprendizados, as aulas eram momentos muito agradáveis.

Agradeço também a toda minha família e demais amigos que, ao longo dessa caminhada, me ajudaram direta ou indiretamente na conclusão desse trabalho, tão especial em minha vida.

RESUMO

A festa de São Benedito no município de Machado (MG) vem sendo realizada há mais de cem anos com intensa participação e mobilização de diversos setores da comunidade. Objetiva-se por meio desta pesquisa compreender a contribuição do ‘capital social’ na preservação dessa festa. Para tanto, parte-se da hipótese de que a festa vem se mantendo ao longo dos anos em decorrência do capital social existente nessa comunidade. O capital social diz respeito a características da organização social, tais como, confiança, sistemas e normas que auxiliem no incremento da eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas e a cooperação espontânea (PUTNAM, 2006). Assim, pretende-se analisar como se dá a organização e execução da festa relacionando a participação das pessoas e do poder público com a existência de um capital social que vem se multiplicando ao longo dos anos. Foi utilizada uma abordagem não experimental, em sua vertente qualitativa, pesquisas bibliográficas, documental, exploratória, entrevistas semiestruturadas e pesquisa de caráter observacional antes e durante a festa de 2017. A análise dos dados foi realizada por meio da análise do conteúdo (BARDIN, 2011). Constatou-se que o processo de preservação da festa é resultado de um fazer coletivo que se alterou no decorrer dos anos, sendo identificados na pesquisa, três grandes grupos responsáveis pela organização do evento: a Associação dos Congadeiros, a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio e a Prefeitura Municipal. As relações entre os grupos, naturalmente, envolvem cooperação e conflito, bem como existem tanto relações verticalizadas como horizontalizadas, sendo estas últimas facilitadoras do capital social. As contribuições do capital social na preservação deste patrimônio cultural imaterial se materializam através de um arranjo institucional delimitador de papéis e funções; bem como através da colaboração espontânea da comunidade; através da atuação em conjunto dos grupos, que alcançam juntos um objetivo impossível de ser alcançado individualmente. Além disso, no processo de preservação foram percebidos o hibridismo cultural e a resistência, valores culturais que marcam a manutenção dessa festa, destacando-se a resistência dos congadeiros em continuarem participando do evento apesar das dificuldades que enfrentam.

Palavras-chave: Capital social. Patrimônio cultural imaterial. Festas populares.

ABSTRACT

The festival of São Benedito in the municipality of Machado (MG) has been held for more than a hundred years with intense participation and mobilization of various sectors of the community. The objective of this research is to understand the contribution of 'social capital' in the preservation of this feast. Therefore, it is based on the hypothesis that the party has been maintained throughout the years as a result of the social capital existing in this community. Social capital refers to characteristics of social organization, such as trust, systems and norms that help to increase the efficiency of society, facilitating coordinated actions and spontaneous cooperation (PUTNAM, 2006). Thus, it is intended to analyze how the organization and execution of the party occurs, relating the participation of the people and the public power with the existence of a social capital that has been multiplying over the years. We used a non-experimental approach, in its qualitative aspect, bibliographical, documentary, exploratory, semi-structured interviews and research of observational character before and during the celebration of 2017. Data analysis was performed through content analysis (BARDIN, 2011). It was verified that the process of preservation of the party is the result of a collective doing that changed over the years, being identified in the research, three major groups responsible for the organization of the event: the Association of Congadeiros, the Holy Family Parish and Santo Antônio and the City Hall. Relations between groups, of course, involve cooperation and conflict, as well as vertical and horizontal relations, the latter being facilitators of social capital. The contributions of social capital in the preservation of this intangible cultural heritage are materialized through an institutional arrangement delimiting roles and functions; as well as through the spontaneous collaboration of the community; through the joint action of the groups, which together achieve an objective that can not be achieved individually. In addition, in the process of preservation cultural hybridity and resistance were perceived, cultural values that mark the maintenance of this celebration, highlighting the resistance of the congadeiros to continue participating in the event despite the difficulties they face.

Keywords: Social capital. Intangible cultural heritage. Popular parties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Imagem de São Benedito.....	23
Fotografia 2 – Rua das barracas.....	100
Fotografia 3 – Praça de São Benedito.....	100
Fotografia 4 – Praça de São Benedito.....	101
Fotografia 5 – Praça de São Benedito no horário de maior movimentação.....	106
Imagem 1 – Programa de Festejos Profanos.....	95
Imagem 2 – Cartaz de divulgação da 103ª Festa de São Benedito.....	96
Quadro 1 – Unidades de análise e categorias.....	54
Quadro 2 – Definição de papéis pelo Decreto n. 5.364/17.....	63
Quadro 3 – Programação da Festa de São Benedito de 2017.....	128

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1	PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: O PROCESSO DE PRESERVAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL.....	17
2.2	SÃO BENEDITO, REPRESENTATIVIDADE E FESTA: O FATOR HIBRIDISMO NA RESSIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES.....	20
2.3	FESTA DE SÃO BENEDITO: A INCORPORAÇÃO DO SAGRADO E DO PROFANO.....	30
2.4	CAPITAL SOCIAL: A DIMENSÃO DA CONFIANÇA NA FORMAÇÃO DAS REDES.....	37
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.1	METODOLOGIA.....	47
3.1.1	Coleta de dados.....	48
3.1.2	Análise dos dados.....	49
3.1.2.1	<i>Pré-análise.....</i>	<i>50</i>
3.1.2.2	<i>Exploração do material.....</i>	<i>52</i>
3.1.2.3	<i>Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.....</i>	<i>52</i>
3.1.2.4	<i>Unidades de análise e categorias.....</i>	<i>53</i>
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	56
4.1	ARRANJO INSTITUCIONAL.....	56
4.1.1	Papéis e funções.....	59
4.2	RELAÇÃO ENTRE OS PRINCIPAIS GRUPOS PROMOVEDORES DA FESTA	69
4.2.1	Cooperação e conflito.....	71
4.2.1.1	<i>Cooperação.....</i>	<i>71</i>
4.2.1.1.1	Cooperação entre os grupos.....	72
4.2.1.1.2	Cooperação dentro dos grupos.....	77
4.2.1.1.3	Outros locais de cooperação.....	80
4.2.1.2	<i>Conflito.....</i>	<i>82</i>
4.2.2	Horizontalidade e hierarquia.....	88
4.3	VALORES CULTURAIS E PRESERVAÇÃO.....	93

4.3.1	Hibridismo.....	91
4.3.2	Resistência.....	102
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
	REFERÊNCIAS.....	119
	APÊNDICES.....	128

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural são os bens de natureza material e imaterial que contém em sua história e características, a identidade de determinada sociedade, em determinada época. Além disso, eles promovem a aproximação da comunidade com suas origens e identidades, permitindo que a mesma se identifique através dele. Dessa maneira, o patrimônio cultural além de revelar a história e cultura de determinada sociedade, é capaz de fazer o indivíduo se encontrar e se reconhecer, tanto individualmente, como dentro do seu grupo, fortalecendo assim os vínculos da comunidade.

A Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial definiu esse tipo de patrimônio como:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, p. 4).

Nesse sentido, as festas populares podem ser consideradas como patrimônio cultural imaterial da comunidade que as promovem. As festas populares são fruto de um fazer coletivo, estando presentes nos diferentes tipos de comunidades, contribuindo para a construção da identidade e cultura nacionais e inserindo-se como expressão dinâmica da cultura popular LANTERNARI (1987 *apud* CAPONERO, 2009).

Sendo momentos de afirmação coletiva, possuem a capacidade de promover a noção de pertencimento no seio da comunidade onde está inserida, possuindo assim um grande significado coletivo e pessoal (FERREIRA, 2006; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017). Ferreira (2006) entende as festas como momentos de afirmação da identidade coletiva, sendo através dela que os indivíduos tomam consciência do seu pertencimento ao grupo que integra, tornando-se protagonista de sua história.

A cidade de Machado, localizada no sul de Minas Gerais, possui uma festa popular centenária. A Festa de São Benedito, em 2018, completou 104 anos de existência e foi registrada como patrimônio cultural imaterial machadense e reconhecida no âmbito do

programa ICMS Patrimônio Cultural¹. Essa festa representa a cultura dos machadenses, marcando a forma de expressão dessa comunidade, sendo permeada pela religiosidade e folclore (DOSSIÊ, 2010).

A supracitada festa é marcada por práticas religiosas e profanas de maneira que, em determinados momentos, torna-se impossível separar o que é profano do que é sagrado, evidenciando a hibridização que acontece durante o evento.

A festa é promovida pelos esforços da comunidade, entretanto, alguns grupos se destacam na promoção do evento. Durante muitos anos, a festa foi promovida exclusivamente pela Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio e pelos congadeiros, através da Associação dos Congadeiros, juntamente com o auxílio dos voluntários que ambas as instituições possuem. Tal fato evidencia o engajamento da comunidade local na produção e manutenção do patrimônio cultural.

Para Bauman (2003) o sentido de comunidade remete a sensações boas, haja vista que, segundo o autor, todos os significados que o termo traz prometem prazeres que gostaríamos de experimentar. Primeiramente, comunidade é um lugar cálido, confortável e aconchegante. Ela traz a sensação de segurança, confiança, sugerindo coisas boas. Tönnies (1995 *apud* PERUZZO; VOLPATO, 2009) identifica três gêneros de comunidade: parentesco, vizinhança e amizade. Nesse sentido, é possível falar que a festa engloba diversos setores da comunidade.

Durante a festa, há celebrações tanto religiosas como profanas. Segundo o Dossiê Festa de São Benedito (2010) as celebrações religiosas da Festa de São Benedito compõem a alvorada, a reza do terço durante nove dias seguidos, a procissão e as missas diárias.

Segundo o mesmo documento, a festa também conta com a apresentação dos ternos de congo e, quando se trata da Festa de São Benedito, congada e religião se misturam. Quanto a parte das congadas, a programação compõe a abertura da tenda do congo, a subida do mastro, o prêmio congada, o bumba meu boi, o moçambique, o reinado e o dia do congo.

Além da questão religiosa e folclórica, a festa se relaciona também com atores do mercado, os quais estão presentes através das barraquinhas de alimentação e da feira de vendedores ambulantes. Não é possível precisar a data do surgimento de tal comércio alimentício, mas foram incorporados e crescendo de acordo com a dimensão da festa.

¹ “ICMS Patrimônio Cultural é um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado, por meio de repasse dos recursos para os municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais através de políticas públicas relevantes” (IEPHA, 2016).

Diante disso, é possível perceber que a festa demanda um fazer coletivo, bem como é marcada pela participação da comunidade. Entretanto, cumpre indagar, de que maneira a festa vem sendo preservada por todos esses anos e quem são os envolvidos neste processo?

Assim, pode-se pensar que a Festa de São Benedito vem sendo mantida pela contribuição do capital social existente na comunidade, tendo em vista que a festa articula vários setores e que há intensa mobilização da comunidade.

Dessa maneira, considera-se a seguinte hipótese: a preservação do patrimônio cultural imaterial é transmitida por gerações, caso em que o capital social existente na comunidade machadense é determinante na manutenção desse patrimônio.

O capital social é um conceito que vem sendo recorrentemente estudado no campo das ciências sociais e que se refere a capacidade de uma sociedade em estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação. Nesse sentido, o capital social favoreceria a cooperação espontânea e pode se constituir de várias maneiras como, por exemplo, através de normas de reciprocidade.

Sendo fruto de características da organização pessoal, como confiança, sistemas, instituições e normas, o capital social tem a capacidade de facilitar as ações dos indivíduos que, através de uma rede de cooperação, conseguem atingir objetivos que, individualmente, não seriam capazes de atingir.

Nesse sentido, nota-se que é possível relacionar a preservação da Festa de São Benedito com a existência de um capital social na comunidade, uma vez que a festa demanda um fazer coletivo indispensável para a sua realização.

Assim, o objetivo geral da presente pesquisa consiste em analisar as dinâmicas sociais entre os grupos promovedores da Festa de São Benedito, bem como a influência do capital social na sua preservação.

Para tanto, tem-se como objetivos específicos:

- a) caracterizar e identificar o papel de cada grupo na elaboração da festa;
- b) investigar o processo de preservação da festa;
- c) descrever como é realizada a organização do evento;
- d) compreender como se dão as relações entre os grupos envolvidos na elaboração da festa;
- e) identificar as contribuições do capital social na realização da Festa de São Benedito.

A presente pesquisa é importante tanto no mundo acadêmico, quanto para a comunidade em geral. O presente trabalho poderá contribuir na medida em que estuda uma festa popular de uma cidade do interior, trazendo para o mundo acadêmico uma festa pouco estudada, bem como relacionando a mesma com o conceito de capital social, sendo que a maioria das pesquisas, matérias e trabalhos existentes, relacionados a Festa de São Benedito, buscam descrevê-la e contar a sua história.

Nesse sentido, a presente pesquisa é relevante para o mundo acadêmico tanto por dar visibilidade a uma cultura local, quanto por relacioná-la a um conceito relevante para as ciências sociais. Justifica-se assim, academicamente, por tratar de dois temas de alta relevância nas ciências sociais e, além disso, busca relacioná-los para verificação da hipótese.

Esta pesquisa também encontra grande relevância social. Uma vez que o objeto do presente estudo é uma festa popular local, há uma valorização desse tipo de cultura, por vezes esquecida num mundo permeado pelas culturas de massa, prontas para o consumo. Assim, é importante para a sociedade em geral e, especialmente, para a sociedade machadense, uma vez que poderá contribuir tanto com a literatura acerca do tema, quanto para demonstrar à sociedade a importância da Festa de São Benedito e como ela vem sendo preservada, possibilitando, através da análise do que vem sendo realizado, a promoção de novas estratégias de preservação.

Para a realização deste trabalho, foi utilizada uma metodologia não experimental em sua vertente predominantemente qualitativa. Nesse sentido, foram feitas revisões bibliográficas quanto aos temas estruturantes da dissertação e pesquisa exploratória da Festa de São Benedito em Machado-MG. Além disso, foi realizada coleta de dados antes, durante a festa do ano de 2017 e após a festa, através de entrevistas semiestruturadas com os grupos sociais que promovem e/ou participam da festa, cujo método de tratamento foi a análise de conteúdo. Além disso, foi realizada pesquisa de campo de caráter observacional.

Assim, buscando a verificação da hipótese, bem como alcançar todos os objetivos pretendidos, a pesquisa foi realizada na forma de dissertação, que fora dividida em três partes. A Parte I corresponde ao referencial teórico necessário para possibilitar ao leitor a compreensão do tema estudado, bem como dar subsídio à análise dos dados coletados. A Parte II corresponde a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados. A Parte III trata sobre a análise e discussão dos dados obtidos.

Para melhor compreensão de todo o abordado nesta pesquisa, as partes também foram subdivididas em tópicos. A Parte I, contém quatro tópicos. O tópico 1 – Patrimônio cultural imaterial: o processo de preservação e sua importância social traz ao debate tanto a definição do conceito como uma discussão acerca da importância de sua preservação para a comunidade, uma vez que é capaz de promover a identidade e fortalecer os laços sociais do indivíduo com a seu grupo. O tópico 2 – São Benedito, representatividade e festa: o fator do hibridismo na ressignificação das identidades traz ao leitor a história do santo cultuado na festa e demonstra a grande relação dele não apenas com a religiosidade, mas também com o povo negro, tal discussão é analisada também pela ótica do hibridismo cultural, trazendo ao leitor conceitos chaves do termo e relacionando o mesmo com o santo e as festas populares. O tópico 3 – Festa de São Benedito: a incorporação do sagrado e do profano traz um pouco da história da festa, através das literaturas locais, bem como busca identificar seus atores e preservação ao longo dos anos. Por fim, o tópico 4 – Capital social: a dimensão confiança na formação das redes traz o conceito que é a base da hipótese da presente pesquisa, trazendo os fundamentos que serão posteriormente utilizados na análise dos dados.

A parte II traz os procedimentos metodológicos utilizados, descrevendo as partes da pesquisa, os métodos utilizados em cada uma delas, as categorias e unidades de análises que serão a base da análise e discussão dos dados.

Já a parte III refere-se a análise e discussões dos dados coletados. Para tanto, esta parte foi subdividida em três tópicos que correspondem às categorias de análise. O tópico 1 – Arranjo institucional faz uma identificação dos grupos envolvidos na realização da Festa de São Benedito, bem como faz uma análise dos papéis e funções de cada um desses grupos. O tópico 2 – Relação entre os principais grupos promovedores da festa faz uma abordagem de como os grupos interagem entre si na organização do evento, analisando a existência, ou não, de cooperação e de conflitos entre eles; bem como analisando como os grupos se posicionam entre si por meio de uma identificação de posições de horizontalidade e hierarquia entre eles. Ao fim da terceira parte, o tópico 3 – Valores culturais e resistência traz para pesquisa a discussão sobre o hibridismo cultural, existente na festa; e também da resistência dos congadeiros em participarem do evento. As considerações finais encerram o trabalho e trazem resumidamente os dados obtidos e analisados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: O PROCESSO DE PRESERVAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

O presente tópico se destina a discutir ao que se refere o conceito de patrimônio cultural imaterial, sua importância e os sentimentos capazes de gerar nas pessoas que se apropriam dele.

Patrimônio cultural é aquilo que possibilita um elo entre o passado e o presente de determinado povo, em determinada época, remetendo-nos aos bens, materiais e imateriais, que serão transmitidos às futuras gerações e que são símbolos da cultura da sociedade que o preserva, independente de se tratarem de fatos gloriosos ou não (FUNARI; PELEGRINI, 2009).

Entendido como uma herança transmitida para as futuras gerações, o patrimônio tem grande importância para a continuidade de um grupo social, pois além de se transmitir os bens materiais, também podem ser transmitidas as práticas sociais do grupo (CANANI, 2005). Nesse sentido, a herança pode ser tanto de bens materiais, como de bens culturais imateriais, consistentes nos hábitos e modos de fazer.

O patrimônio cultural imaterial é definido pelo Decreto Lei n. 3.551/2000 como “os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam”.

Segundo a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o patrimônio cultural imaterial é composto pelas

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, p. 4).

Segundo a mesma Convenção, o patrimônio cultural imaterial pode se manifestar em vários campos, são eles:

- a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- b) expressões artísticas;
- c) práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- e) técnicas artesanais tradicionais.

Para Fonseca (2005), patrimônios culturais imateriais não se restringem ao folclore e cultura popular, mas também se constituem através das interpretações e instituições, lendas, mitos, ritos, os saberes e as técnicas.

O conceito é amplo e abraça várias possibilidades de caracterização, o que revela o quão complexo pode ser o estudo desses patrimônios. Considerando estes bens como aqueles que representam determinada comunidade, em determinado período de tempo, as festas populares podem se constituir como patrimônio cultural imaterial, caso tenham importância significativa para a comunidade, seja na afirmação do sentimento de identidade com seu território, no fomento da coesão social, como também na preservação de suas origens.

As festas populares, geralmente, além de se constituírem elas próprias um patrimônio imaterial, são constituídas por outros elementos culturais que também são considerados patrimônios imateriais separadamente como, por exemplo, culinária, danças, celebrações, canções, rituais, músicas e modos de fazer. Assim, as festas possuem a capacidade de aglutinar vários tipos de patrimônios em uma só manifestação, em um só local.

Tais patrimônios transmitem-se ao longo das gerações e são constantemente recriados pelas comunidades e grupos, tendo em vista o ambiente em que vivem, a interação deles com a natureza e suas histórias (UNESCO, 2003). Eles se localizam entre o passado e o futuro e, dessa maneira, além de favorecer um sentimento de identidade e continuidade eles são mutáveis, sendo constantemente ressignificados pela comunidade em que estão inseridos, promovendo o elo entre o passado e o futuro, através das novas marcas realizadas no presente.

Juntamente com a transmissão da propriedade, segundo Canani (2005), transmitem-se também as funções sociais a ela relacionadas, de maneira que cada um dos receptores do bem exerça o papel social esperado. É perceptível que surge, no imaginário de quem deixa a herança, a ideia de continuação do que já existia e estava sendo transmitido, seja a

continuação de um negócio de família, de uma coleção ou de práticas culturais, que podem ser um patrimônio cultural imaterial.

A cultura passa por um processo não apenas material, mas também simbólico. Nesse sentido, Arantes (2006) entende a preservação do patrimônio cultural como uma prática social. Percebe-se que, sendo prática social, sua preservação depende não apenas de ações do Estado, mas também de um reconhecimento e ações sociais o que demanda um esforço conjunto da comunidade.

Além disso, Fonseca (2005) salienta que a manutenção do patrimônio imaterial depende em grande medida de ações de apoio aos produtores, buscando preservar as condições de produção, divulgação e formação do público, sempre que possível.

Foi apenas com a Constituição Federal de 1988 que o conceito de patrimônio deixou de ser voltado apenas à preservação de bens materiais. O reconhecimento da presença e importância dos diferentes grupos e comunidades brasileiras, segundo Pelegrini (2008), foi um passo em direção a cidadania, legitimando o pleno exercício dos direitos culturais.

Entretanto, falar em legitimação do pleno exercício dos direitos culturais é complexo, haja vista o caráter multifacetado da cultura brasileira e extensão do território nacional, o que dificulta a promoção e o exercício dos direitos culturais. Além disso, outra dificuldade de tal exercício são as marcas deixadas por anos de escravidão, anos de grupos de minorias segregados da sociedade, o que é perceptível até hoje.

Há que se reconhecer a importância das políticas públicas de caráter local no que tange à efetivação dos direitos culturais, sendo valorizadas as manifestações populares que, em grande medida, partem de uma cultura baseada nas tradições locais dos diferentes grupos formadores da sociedade, diferentemente dos grandes feitos nacionais anteriormente valorizados. Porém a efetivação desses direitos envolve diversos fatores que vão desde a educação cultural, até o fornecimento de incentivos públicos, passando pelo processo de reconhecimento e valorização desses bens.

Corroborando com o entendimento acima citado, Fonseca (2005) acredita que o acesso a esses direitos, bem como aos sociais e econômicos, depende de uma estrutura social favorável. Nesse sentido, dependeria tanto da atuação do Estado, quanto da mobilização da sociedade, reconhecendo que o tema pode ser alvo de interesses políticos.

Porém, segundo a mesma autora, no Brasil, a questão cultural possuía fortes resistências por parte da classe política, onde programas partidários e eleitorais a deixam de

fora. Por outro lado, argumenta que, recentemente, vem havendo um interesse crescente por parte dos governos de estados e municípios em “marcar sua atuação com iniciativas na área da cultura”.

No Brasil, falar em direitos culturais é complexo, pois o país possui origem colonial, sendo marcado pela escravidão e, conseqüentemente, foi restrita a noção de cultura, haja vista que não era reconhecida a cultura referente aos estratos mais baixos da sociedade e suas práticas e, mesmo após a independência, a cultura era importada das metrópoles europeias. A importância de se preservar tais bens é que eles, como qualquer outro patrimônio cultural, são portadores da identidade do grupo que os reconhece, formando um vínculo com suas raízes e reafirmando esses sentimentos nos cidadãos ao longo das gerações. Além disso, segundo a UNESCO (2003), o patrimônio cultural imaterial é fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável.

Preservar a memória de manifestações, aproxima o patrimônio com a produção cultural anterior e atual; facilita leituras da produção cultural dos vários grupos sociais, principalmente quando a tradição é passada oralmente; cria melhores condições para o exercício dos direitos culturais e à memória; contribui para a inclusão de tais bens em novos sistemas (turismo, por exemplo), sem comprometimento da continuidade histórica e de seus valores (FOSNECA, 2005).

Dessa maneira, a preservação de patrimônios culturais imateriais é extremamente importante para a coletividade onde ele se insere. Nesse contexto, a preservação das festas populares é importante pois, além de trazer todos os benefícios aos direitos culturais acima citados, é fundamental para a continuação dos laços afetivos entre os grupos que as promovem, visto que são esses grupos que promovem a preservação, possibilitando a manutenção de coesão social na comunidade, uma vez que tais festas, como será visto nos próximos capítulos, demandam grande esforço coletivo não apenas no período festivo, mas também em período anterior e posterior a ele.

2.2 SÃO BENEDITO, REPRESENTATIVIDADE E FESTA: O FATOR HIBRIDISMO NA RESSIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES

A festa em Machado, que leva o nome de São Benedito, remete à história/estória de um homem simples e de grande generosidade e solidariedade. Preto de cor e considerado pai dos pobres, a sua história indica que nasceu na Sicília, na aldeia de São Filadelfo, hoje de San Fratello, em 1526. Levou sua vida com fundamento na humildade e simplicidade, sendo considerado santo ainda em vida. Atraía inúmeras pessoas que buscavam por seus milagres. A cor da pele de São Benedito gerava uma identificação instantânea nas populações negras pelo irmão de cor, que saberia compreender melhor os seus problemas do que os santos brancos (SILVA, 2002).

Além de ser considerado um homem milagroso, Benedito representou, e ainda o faz até hoje, um povo. Negro e filho de escravos, o santo gera sentimentos de pertencimento étnico cultural, reforçando sua importância não apenas para a igreja católica e seus devotos, mas também para todos que veem nele a representação da cultura afrodescendente (ALENCAR, 2014).

No período escravocrata, quando a cor negra não representava uma conotação preponderantemente racial, mas sim um lugar social legitimador da escravidão, um dos desafios da igreja católica era catequizar os negros e, para tanto, passou a promover o culto aos santos negros. A utilização de tais santos foi feita com o objetivo de promover a identificação dos africanos e afro-brasileiros com as divindades e foram apropriados pelas pessoas negras que os viam como protetores e também como exemplos que deveriam ser seguidos. Nesse sentido, a devoção funcionava também como meio de controle da igreja (OLIVEIRA, 2007).

Durante o período escravocrata, os negros possuíam instituições nas quais se agregavam de maneira mais ou menos autônoma, como as confrarias ou irmandades religiosas que prestavam devoção a santos católicos. A irmandade atuava como uma sociedade de ajuda mútua, representando um espaço de relativa autonomia negra, onde os membros se identificavam socialmente (REIS, 1996).

Durante o período colonial as irmandades ganharam maior força no Brasil. Eram uma típica expressão do catolicismo, estando subordinadas à ordem religiosa. As irmandades podiam incluir vários membros, independente de suas origens sociais, gerando solidariedades verticais e atuando também como associações profissionais, de classe, de nacionalidade e de “cor”. Elas fomentavam a devoção a um determinado santo protetor e também praticavam

atividades beneficentes aos seus irmãos, que eram comprometidos em uma participação efetiva nas atividades da irmandade (BOSCHI, 1998; MATTOSO, 1992).

Em todo o Brasil existiam irmandades apenas para negros, constituindo-se em uma forma de os negros serem incorporados à “vida civilizada”. Entretanto, havia igrejas separadas e dias diferentes para as suas celebrações. A igreja é importante para esse povo, sendo um símbolo de prestígio e espaço de vida religiosa e social (SILVA, 2000). As irmandades negras eram local de preservação das tradições africanas (CRUZ, 2007). Em suas festividades, os negros incorporavam uma reflexão de suas posições sociais e, simultaneamente, adoravam um santo católico com a manifestação de tradições africanas (MATTOSO, 1992).

Segundo Tinhorão (2001), no seio das irmandades, surgiram as congadas, sendo que o autor identifica como a primeira coroação de rei congo ocorrida na irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Pernambuco, em 1711. Para Brandão (1989) congada é um folguedo brasileiro, religioso, apresentado em forma de cortejo real e que possui cantos e danças, onde também comumente estão presentes representações teatrais. As congadas são uma cultura híbrida que contém características das religiosidades cristã e africanas.

Nesse sentido, segundo Cruz (2007), as irmandades eram uma espécie de família ritual, onde os africanos, retirados de sua terra, conviviam e morriam de maneira solidária. Pelos brancos, elas eram um meio de domesticação do espírito africano, onde os negros adotavam a religião dos senhores, mas ressignificavam com traços da cultura africana. Todos esses fatores fizeram das irmandades um instrumento de identidade e solidariedade coletivas, sendo o principal critério de identidade a cor da pele.

No Brasil, o surgimento da representação de Benedito aumentou no período colonial, mais precisamente na época da escravidão, antes mesmo de se tornar santo. A devoção ao Santo se propagou devido aos inúmeros milagres atribuídos a ele. Dentre os mais famosos casos, cita-se que São Benedito teria ressuscitado um menino e uma menina, ambos da cidade de Leiria, em Portugal. Além disso, teria curado várias pessoas, dentre elas Madalena de Lancastre, filha do conde de Sortelha, que se encontrava com uma febre maligna e que, ao entrar em contato com a coroa de flores aposta na imagem de São Benedito, ficou boa. O santo também teria curado uma irmã da surdez e multiplicado pães (SILVA, 2002).

Ao citar os milagres, um elemento importante a ser considerado é a imagem do santo que, segundo Silva (2002) também efetuava milagres. Não se sabe ao certo quando a primeira

imagem de São Benedito da paróquia de Machado foi adquirida, porém a atual foi adquirida por Cônego Walter Maria Pulcinelli, em seu paróquiato. A referida imagem retrata o santo segurando uma criança branca no colo.

Fotografia 1 - Imagem de São Benedito.



Fonte: acervo pessoal da autora, ago. 2017.

A imagem do santo também conta com representações. Segundo Alencar (2014) predomina-se o entendimento de que a criança branca levada no colo pelo santo é o Menino Jesus, vestido de rei, relembrando o período colonial. Segundo a autora existe uma simbologia, carregada de preconceito, retratada na imagem, onde a criança branca “eleva” a posição do santo. O santo negro, carregando a criança branca demonstra a sujeição do negro, tal como um servo onde a presença dessa criança branca e santificada (visto que é o próprio filho de Deus) faz o branqueamento da representação, corroborando a própria crença no Santo.

A mesma autora evidencia que a integração do elemento branco com *status* superior no que tange a divindade e culto cristão reafirma o preconceito racial e enfraquece a

resistência afrodescendente, onde o santo se coloca como mais um escravo de um senhor branco.

Ante todo o exposto e apesar dos preconceitos que revestem a simbologia da imagem do santo, pode-se perceber que a união dos negros através das irmandades, bem como através da adoração de santos negros, além de promover certa coesão social e independência, também possibilitou a propagação de suas culturas que foram ressignificando a cultura católica e inserindo características próprias da cultura afrodescendente.

Segundo Souza (2002) havia grande diversidade étnica dos africanos, motivo de rivalidades. Entretanto, ao constituírem uma “comunidade negra” no contexto do Brasil escravista, a diversidade foi substituída por uma “unidade negra”, formada através de processos de reconstrução de laços sociais e novas identidades.

Tendo em vista o contexto de maior exploração possível do trabalho escravo, juntamente com o desejo de reforçar a separação entre o mundo dos brancos e o dos negros, as práticas africanas e seus festejos muitas vezes eram vistas pelos senhores como favoráveis ao domínio do branco, propiciando uma separação dos mundos e, além disso, serviria como modo de os escravos aliviarem as tensões do dia a dia, podendo retornar mais dispostos para o trabalho (SOUZA, 2002).

Em contrapartida, ao lado desse projeto ideológico, também havia interesse dos colonos jesuítas em transformar todos os negros em cristãos, não abrindo espaço para as práticas de origem africana, vistas como demonizadoras e que afastariam o negro do mundo cristão (SOUZA, 2002).

Assim, percebe-se uma diferença de interesses entre os senhores brancos e os colonos jesuítas, pois os primeiros buscavam ainda mais separar o negro, seus costumes e práticas; enquanto os segundos buscavam a sua incorporação no seio do catolicismo, o que traz uma certa igualdade entre negros e brancos.

Esse cenário possibilita perceber o quanto ambas as culturas foram sendo ressignificadas através da dinâmica social ao longo dos anos. Tais acontecimentos trazem à discussão o conceito de hibridismo cultural, fenômeno que permite o dinamismo da cultura, em todos os sentidos, bem como possibilita a própria manutenção e sobrevivência de determinadas culturas, através de estratégias praticadas pela própria comunidade que a produz para assegurar a sua perpetuação.

Para Canclini (2008), cujo foco do trabalho é estudar o hibridismo como fruto do diálogo entre a cultura indígena com a das elites, o termo hibridação é considerado mais apropriado para tratar de fusões entre culturas de bairro e midiáticas, músicas locais e transnacionais, modos de consumo de gerações distintas, servindo para nomear combinações de elementos étnicos ou religiosos, bem como a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais pré-modernos ou pós-modernos.

Canclini (2008) entende a hibridação/hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O autor acredita que, geralmente, a hibridação se dá pela criatividade individual e coletiva, não sendo algo planejado, podendo ser resultado de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio.

Nesse sentido, Canclini (2008) vê no hibridismo não apenas uma negação das identidades puras, rompendo com a ideia de pureza, mas também um fenômeno questionador da delimitação de identidades locais autocontidas, ou que buscam se contrapor a sociedade nacional ou à globalização. Assim, o fenômeno contribui tanto com a sobrevivência da cultura indígena e popular, quanto com a modernização da cultura de elite.

Entretanto, ainda que Canclini (2008) tenha uma visão otimista do processo, entendendo que o multiculturalismo permite a interação entre diferentes culturas, ele não nega que a integração e fusão entre as culturas pode não ser fácil, pois podem emergir conflitos e contradições que impeçam a hibridação. O autor entende necessárias políticas de hibridação para que haja o combate à guerra entre culturas, visando uma tolerância cultural.

Diferentemente, em Bhabha (2010), o estudo do hibridismo cultural se dá pelo viés do conflito entre colonizador e colonizado, onde por meio da ironia, o colonizado impõe sua cultura à autoridade do colonizador. Desse conflito é que nasce o hibridismo que não significa, necessariamente, a resolução daquele. Assim o hibridismo é algo consciente e até mesmo uma forma de o colonizado manter resquícios de sua cultura inseridos na cultura do colonizador, através da mistura entre elas.

Para o autor, o hibridismo não resolve a tensão entre duas culturas, mas se constitui um desvio do sujeito em direção ao que o aterroriza, é um processo de resistência. O hibridismo é fruto de um problema de representação que busca reverter os efeitos da recusa colonialista, a fim de que o que se nega, se infiltre no discurso dominante e torne estranha a base de autoridade (BHABHA, 2010).

Contemporaneamente, o hibridismo ganha força nos estudos pós-coloniais contendo duas faces: uma política e outra estética. O fenômeno configura-se como modo de agir e como um modo de construir, tendo como força motivadora a luta para vencer o opressor ou derrotar o oprimido (KERN, 2004).

Burke (2003) sugere que o termo hibridismo, remete à ideia de processos naturais e, nesse sentido, a hibridização seria um fenômeno inconsciente. Para processos conscientes de intercâmbio cultural, o termo mais apropriado para o autor é o de tradução cultural, pois segundo ele o termo descreve o processo através do qual os encontros entre as culturas geram novas e híbridas culturas.

Para o mesmo autor, o tema hibridismo é controverso, mas há uma tendência atual em se celebrar o híbrido, o que não quer dizer que não existam críticas ao fenômeno. Citando Amselle (1990), o autor explica que não existem fronteiras culturais que definam e limitem culturas, mas sim uma continuidade cultural, havendo uma tendência global para mistura e hibridização da qual não conseguimos nos livrar.

Para Burke (2003) devemos entender as formas híbridas como resultado de vários encontros e não apenas como resultado de um único encontro. Ele reconhece que o significado de hibridismo varia caso a caso, entretanto, ele o divide em três tipos, ou também chamados três processos de hibridização: artefatos híbridos, práticas híbridas e povos híbridos.

Os processos de hibridização podem ser encontrados tanto na esfera econômica, como na social e política. Às vezes, a troca cultural não se constitui em simples enriquecimento, caso em que o preço da hibridização, principalmente quando é rápida, resulta na perda de tradições regionais de raízes locais. Por outro lado, toda inovação é uma forma de adaptação e o ponto positivo de tais processos de encontros culturais é o encorajamento da criatividade. O mesmo autor entende que, na maioria das vezes, o hibridismo é um processo e não um estado (BURKE, 2003).

No que tange aos artefatos híbridos, o autor demonstra como a arquitetura, móveis, imagens e texto podem conter elementos de diferentes culturas, seja o processo consciente ou inconsciente. A hibridização que reúne dois ou mais tipos de culturas em um mesmo objeto pode acontecer de várias maneiras, podendo a mistura ocorrer pela importação, apropriação e adaptação de objetos ou da língua, pela imitação de tendências de outras culturas no processo de manufatura, pela influência da cultura do seu criador, dentre outras infinitas possibilidades.

Já as práticas híbridas “podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures” (BURKE, 2003, p. 28), ou seja, práticas que permeadas por duas ou mais culturas ganharam sua forma peculiar. Seja na hibridização de artefatos ou de práticas, os povos híbridos são essenciais, tais como os anglo-irlandeses, anglo-indianos e afro-americanos (BURKE, 2003)

Essa mistura ocorreu também nas festas populares brasileiras, que em sua maioria, não nasceram no país, tendo sido trazidas pelos colonizadores, durante o período da colônia, os quais utilizaram as festas como um instrumento de inserção dos portugueses, de catequização dos índios e negros, além de meio de entretenimento. Nesse sentido, estando no Brasil, todos adicionaram às festas seus símbolos, enriquecendo-as, haja vista que para se moldarem a realidade multicultural brasileira, as festas importadas tiveram que passar por grandes transformações, tanto em suas formas, como nos seus significados (AMARAL, 1998).

Assim, as festas ainda que importadas, tomaram características do Brasil e de seu povo, e este, por sua vez, contém características de várias culturas diferentes, pois uma vez que as festas populares são feitas em sua grande maioria com a presença da comunidade, cada indivíduo dá sua contribuição e transmite nela seus próprios valores e crenças, acrescentando significados e colaborando na construção e/ou modificação do sentimento coletivo. É nesse sentido que a festa se caracteriza tanto como promotora, quanto como consequência do hibridismo cultural.

Segundo Guarinello (2001 *apud* CAPONERO, 2009), as festas populares não possuem um conceito definido. Para o autor, o termo advindo do senso comum é vago, podendo ser aplicado em várias situações sociais. Já para Barbosa e Oliveira (2017) festa é um local de celebração que se transforma pelas crenças, religiosas ou não, construção das memórias, afirmação das identidades culturais, bem como na consolidação de símbolos de poder.

Durkheim (1968) contribuiu em grande maneira com o entendimento de o que são festas, sejam religiosas ou não, em *Les formes elementaires de la vie religieuse*. Segundo Amaral (1998), a bibliografia posterior tomou essa obra como base comum e a autora explica que para Durkheim (1968), todas as festas populares, ainda que de origem laica, possuem características de cerimônia religiosa, uma vez que aproxima os indivíduos causando um estado de efervescência, típico da religião.

Durante as festas, para o autor, a individualidade dá lugar à coletividade, reanimando o sentimento do grupo em si mesmo e sua unidade, superando as distâncias entre os

indivíduos; e reafirmando os indivíduos como seres sociais. O indivíduo – ser individual – desaparece para ser visto na coletividade. Assim, as festividades são fundamentais para a manutenção da coletividade, haja vista que a consciência coletiva se desgasta com o tempo e as festas ressocializam os indivíduos através dos vínculos entre os atores e entre estes e esfera subjetiva da vida.

Além disso, para o autor, a festa gera uma efervescência coletiva e dá a oportunidade de transgressão de normas sociais, permitindo a fuga da vida séria, fortificando o espírito cansado pelo trabalho cotidiano, podendo os indivíduos gozarem de uma vida menos tensa e mais livre durante a festa.

Ferreira (2006) entende as festas como momentos de afirmação da identidade coletiva, sendo através dela que os indivíduos tomam consciência do seu pertencimento ao grupo que integra, tornando-se protagonista de sua história.

Assim, as festas possuem grande significado coletivo e social, pois contribuem com a organização e ritualização do tempo, permitindo que as pessoas expressem por meio das celebrações os vários sentidos de sua existência (BARBOSA; OLIVEIRA, 2017).

Além de aglutinadora de vários aspectos sociais, elas são fruto de um fazer coletivo, pois demandam esforço da comunidade envolvida, demonstrando sua força coletiva e, ao mesmo tempo, traz prazer aos envolvidos (OLIVEIRA, 2007). Nesse sentido, elas podem formar um elo identitário entre pessoas e grupos distintos, permitindo a manutenção ou criação de novas culturas, símbolos e identidades.

Assim, elas possibilitam a criação de novas culturas, símbolos e identidades, uma vez que permitem a vivência de novas formas de sociabilidade e relações com o mundo, sendo necessárias contribuições coletivas para a sua preservação (SILVA, 2012).

Segundo Oliveira (2007), as festas populares não são manifestações descompromissadas de uma coletividade. Pouco tempo antes de o evento acontecer e durante a realização das festas, pode-se notar com maior clareza os personagens envolvidos, alegorias e atividades que resultarão no rito da festa. Entretanto, as festas são um momento histórico, possuidora de uma montagem oculta, que ocorre nos meandros do cotidiano das comunidades e que pode passar despercebida. Elas não se resumem ao tempo de sua duração. Por demandarem um fazer coletivo, elas requerem um envolvimento da coletividade durante um período relativamente maior do que aquele em que ela efetivamente ocorre.

Nesse mesmo sentido, Caponero (2009) explica que as festas populares requerem uma organização anterior ao período festivo, demandando que os atores envolvidos permaneçam nos grupos dos quais fazem parte, o que resulta em uma estrutura social de produção própria para o evento.

Segundo Amaral (1998) a comunidade reinventa suas festas de acordo com as novas condições de vida, que são fruto de novos contextos econômicos e sociais. Assim como um fenômeno híbrido, para a autora, as festas são a mediação entre o inconciliável, por exemplo, entre o sagrado e o profano, estabelecendo uma linguagem possível para diálogos diferentes.

Assim, entende-se que as festas populares são palco para abrigar diversas culturas que podem se mediar e, além disso, podem se transformar e se reconfigurar ao longo dos anos de acordo com os contextos sociais que encontram. A tradição realça a resistência cultural das festas, que se mantém ao longo dos anos, o que não quer dizer que sejam puras e imutáveis, pois a própria noção de hibridismo cultural é um caminho para a manutenção da cultura entre as gerações.

Nesse sentido é que as festas populares são formas de hibridismo cultural uma vez que, segundo Canclini (2008), o hibridismo são processos socioculturais onde estruturas ou práticas discretas que existiam separadamente, se combinam gerando novas estruturas, objetos ou práticas. Nesse mesmo sentido, pode-se relacionar o hibridismo cultural com a FSB, haja vista que o seu surgimento se deu pela interação entre duas culturas distintas e que, inclusive, no início existiam separadamente, além de outras mudanças na sua estrutura que foram, ao longo dos anos, alterando sua configuração.

Entende-se apropriado a este estudo entender o hibridismo, relacionado às festas populares, também de forma híbrida. Reconhece-se que os patrimônios culturais imateriais são dinâmicos e, por isso, também são híbridos, pois parte-se do pressuposto que não exista no contexto das festas populares brasileiras uma cultura pura e portanto, o hibridismo é tido como processo de interação e mediação cultural, que acarreta na modificação ou produção de novas culturas, o que não é necessariamente pacífico, reconhecendo que existem processos de luta para a resistência cultural que acabam ressignificando os modos de fazer, ser e agir.

Além disso, há que se considerar as festas tradicionais populares, patrimônio imaterial, como híbridas pois, por se manterem ao longo dos anos, demandam a participação de diferentes pessoas em diferentes épocas e que buscam, através de sua própria criatividade e

sentimento, resgatar o antigo e expressar no presente um sentimento coletivo que é constantemente recriado pela sociedade com o passar dos anos.

Entretanto, embora sejam patrimônios culturais imateriais de grande valor para os diversos grupos que as constituem e reconhecem, sua organização, manutenção e preservação dependem de um fazer coletivo, visto que são fruto da comunidade. Nesse sentido, fatores como ajuda mútua, cooperação e solidariedade podem ser úteis nesse processo, contribuindo para que a comunidade seja mais coesa e possa trabalhar em conjunto para o alcance desse objetivo comum, a festa.

2.3 FESTA DE SÃO BENEDITO: A INCORPORAÇÃO DO SAGRADO E DO PROFANO

Machado está localizada no sul do estado de Minas Gerais e tem população estimada em 38.688 habitantes, de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

A cidade teve seus primeiros registros históricos em 1750, época em que a região passou ao domínio da capitania de Minas Gerais, sendo anteriormente de São Paulo. Porém foi apenas entre 1810 a 1815, com a instalação de duas fazendas, que o município teve seu início propriamente dito, onde o pequeno povoado começou a desenvolver a agricultura e pecuária (REBELLO, 2006).

Os motivos originários da cidade ainda são a base da economia até os dias atuais, sendo a agricultura sua maior fonte de circulação de capitais, ganhando maior destaque a produção cafeeira. Sua origem ligada à atividade agrícola consequentemente também é ligada à escravidão.

Segundo Rebello (2006), há uma dificuldade em se obter dados sobre a população escrava tendo em vista que grande parte dos documentos relacionados foram destruídos no início da República, por determinação de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda. Na cidade de Machado, tal destruição ocorreu em 21 de abril 1895, quando uma procissão cívica pelas ruas da cidade culminou na incineração dos documentos, sobrando poucos livros sobre o assunto.

Entretanto, tendo em vista que a cidade surgiu baseada na produção agrícola, as fazendas do município continham a utilização da mão de obra escrava. Segundo relatos orais,

teria sido nas próprias fazendas que surgiram as congadas, onde, com a anuência dos senhores, os escravos dançavam o congo.

Segundo Araújo (2014) não é possível precisar a origem da tradicional festa, esclarecendo que a origem oficial da festa, registrada pela Paróquia diverge da origem percebida nos relatos orais.

O primeiro registro oficial da festa se deu no Livro do Tombo da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio (1857 *apud* REBELLO, 2006), na ata do dia 13 de maio de 1914 onde é possível perceber que a sua origem está intimamente ligada à história do povo negro, sendo sua participação indispensável para a realização daquela festa que, através dos registros orais, acredita-se não ter sido a primeira. No referido documento consta que no “dia 13 de maio de 1914, celebrou-se a festa em louvor a São Benedito com algumas comunhões devido principalmente os esforços da população de côr” (PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA E SANTO ANTÔNIO, 1857 *apud* REBELLO, 2006, p. 184)

Entretanto contam os registros orais que a festa é anterior a essa data, tendo surgido ainda nas fazendas, nos tempos de escravidão, bem como nos arredores da cidade. Segundo Tia Anselma, “preta velha machadense”, os primeiros ternos de congada da cidade surgiram na zona rural, durante as festas de São João. Posteriormente, os ternos passaram a dançar também em outros dias de santos, os de Santa Cruz, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e São Benedito. Com o passar do tempo, os ternos passaram a se manifestar na cidade (GONÇALVES; REIS, 1979).

Outro registro oral que se tem sobre a origem das congadas é dado pelo Rei Perpétuo Joaquim Santana à Murilo Carvalho. Neste registro a origem da congada também tem cunho religioso, onde o Rei Perpétuo esclarece que, no tempo do cativo, alguns negros acharam um nhambu que aparecia e sumia e, ao segui-lo, encontraram com uma santa preta em cima de uma pedra, de onde só saiu após os homens, com instrumentos diversos, com vestes coloridas, como na África, começarem a tocar e dançar ao redor da santa, que seria Nossa Senhora do Rosário.

Também referente ao surgimento das congadas em Machado, Rebello (2006) explica que Padre Alexandre Carvalho de Macedo teria doado ao escravo Tibúrcio um sítio próximo à Jacutinga, posteriormente herdado por seu filho João Carvalho de Macedo, onde foi morar Procópio de Tal, que teria fundado o primeiro terno do Município. Deste terno participavam o dono do imóvel e Chico Moreira, porém após a morte de Procópio houve um desentendimento

entre os dois, que dividiram o terno. O terno de João Carvalho ligou-se à Irmandade de São Benedito; o de Chico Moreira, à do Rosário. Mais uma vez, percebe-se que a origem do congado é inseparável do culto aos Santos.

O mesmo autor conta que, entre as décadas de dez e vinte, do século XX, grupos de congadeiros dançavam sem regularidade na Grama, ao redor de um cruzeiro, onde, posteriormente, a Irmandade do Rosário construiu uma capelinha, onde celebravam sua festa.

Algum tempo depois a festa teria sido transferida para o adro da Igreja de Santa Cruz, próxima à pracinha da velha caixa d'água, na Avenida Santa Cruz. Finalmente, em 1923, a festa teria sido transferida para o local atual, mudando seu nome de Festa do Rosário para Festa de São Benedito.

Embora haja íntima ligação entre o surgimento da Festa de São Benedito (FSB) com a dança das congadas, estas possuíam uma programação externa à festa, sendo celebradas nos três dias posteriores à programação religiosa, uma vez que a igreja não aceitava a participação delas na FSB.

Brandão (1989 *apud* REBELLO, 2006), explica que ainda que os ternos de congada parecem invadir e tomar conta da cidade de Machado, eles estão submissos aos códigos das cerimônias dos festejos dos padroeiros e, além disso, submissos aos verdadeiros donos da festa que são as autoridades brancas e dominantes e os seus representantes nos festejos. O autor ainda complementa que do ponto de vista dos brancos, os negros são necessários e até chega a se escutar que a festa é deles, porém desde que obedeçam às regras.

Tal fato explica o tempo atual de duração da festa, pois antigamente eram destinados nove dias à parte religiosa, e três à parte profana. Em 1942, o cartaz de propaganda intitula as celebrações das congadas como Programa dos Festejos profanos e como a Grande e Tradicional Festa de Congado (ARAÚJO, 2014).

Rebello (2006, p. 186) explica que “em 1.963, as comemorações beneditinas ainda eram depreciativamente denominadas “*uma espécie de quermesse dos pretos*”, no “*Histórico do Ginásio São José*””. O autor ainda explica que com o passar dos anos, a animosidade cessou, uma vez que os brancos dominaram a festa e a Paróquia começou a explorá-la economicamente.

Segundo Gonçalves e Reis (1979), durante muito tempo houve total separação entre a parte profana e a religiosa, tendo em vista que a maioria dos sacerdotes que atuavam na cidade eram contra a participação dos congadeiros nas festividades religiosas.

Com o passar dos anos, a Festa de São Benedito integra em seu evento a apresentação dos Ternos de Congo. A presença das congadas na festa ocorreu através das ações do Cônego Walter Maria Pulcinelli que, em 1965, começou uma fase de reorganização e inovações do evento. O Cônego inseriu a participação das congadas na Praça de São Benedito (local onde é realizada a festa) todas as noites, após a novena. Antes do referido pároco chegar à cidade e iniciar o processo de reorganização da festa, as Congadas, cultura brotada no seio do catolicismo popular, foram repelidas pela Igreja que as considerava uma expressão imprópria para a fé cristã, sendo considerada uma manifestação profana (DOSSIÊ, 2010).

A Festa de São Benedito da cidade de Machado-MG tem significado especial para o povo que a preserva há mais de cem anos. Ela marca a forma de expressão da comunidade machadense, sendo permeada pela religiosidade e folclore (DOSSIÊ, 2010). Gonçalves e Reis (1979) explicam que o evento possui duas partes sendo uma religiosa, marcada pela novena em homenagem ao santo, com missas e procissão; e outra profana, representada pelas congadas e barraquinhas, sejam de alimentos ou de vendedores ambulantes.

Segundo Gonçalves e Reis (1979), a festa é uma tradição de muitos anos e que vem resistindo ao longo do tempo apesar das grandes limitações e dos escassos recursos disponíveis, alertando para a necessidade de um maior apoio e incentivo ao congado.

Nos dizeres das autoras, em 1938 e 1939 a festa foi realizada no mês de julho. Já em 1940, foi realizada em setembro e somente a partir de 1942 é que o evento começou a acontecer em agosto. A mudança teria sido feita porque em agosto a colheita de café já havia sido realizada e os trabalhadores, muitos deles congadeiros, possuíam mais tempo e mais dinheiro, ou seja, a mudança também ocorreu por interesses econômicos.

De acordo com o Dossiê da Festa de São Benedito (2010), atualmente a festa é comemorada na segunda quinzena do mês de agosto e possui duração de doze dias, sendo nove dias destinados à novena e outros três dias destinados às Congadas. As celebrações religiosas da Festa de São Benedito compõem:

- a) alvorada: ocorre sempre na sexta-feira, às cinco horas com um cortejo de congadas, sob repicar dos sinos da Igreja de São Benedito e queima de fogos. O cortejo percorre as principais ruas e avenidas da cidade, inaugurando o começo da festa;
- b) novena: na primeira sexta-feira da festa tem início a novena, acompanhada por repicar de sinos. Todas as noites, depois de terminada a novena, há uma queima de fogos que anuncia o começo das atividades populares no evento;

- c) missa Festiva: ocorre na Igreja Matriz da Sagrada Família e Santo Antônio e conta com a presença dos congadeiros;
- d) procissão: ocorre após a missa festiva e se dá em direção à Igreja de São Benedito;
- e) proclamação dos festeiros do ano seguinte: ocorre na porta da Igreja de São Benedito e encerra a parte religiosa da festa;
- f) troca solene das coroas dos festeiros.

Mas quando se trata da Festa de São Benedito é difícil separar a religião da congada, uma vez que a própria origem da congada na cidade de Machado, segundo entrevista do Rei Perpétuo das Congadas, Joaquim Santana, se confunde com a religião, tendo em vista que a congada surgiu devido ao aparecimento de uma santa aos escravos (DOSSIÊ, 2010).

No que se refere a programação cultural, ou seja, programação das congadas, segundo o Dossiê da Festa de São Benedito (2010), ela se compõe de:

- a) abertura da tenda do congo;
- b) subida do mastro;
- c) prêmio congada: concurso de poesia que ocorre na Praça de São Benedito;
- d) bumba meu boi: apresentação de Ternos de Congo e do Bumba meu Boi, na Praça de São Benedito;
- e) moçambique: apresentação na Praça de São Benedito;
- f) reinado: subida do Reinado, partindo da Igreja Matriz com encerramento na Praça de São Benedito, onde ocorre a coroação dos novos festeiros;
- g) dia do congo: início da Premiação dos Ternos de Congada pela Associação dos Congadeiros, descida do Mastro e Bandeira do São Benedito que marca o encerramento da festa.

Além da questão religiosa e folclórica, a festa conta com as barraquinhas de alimentação e a feira de vendedores ambulantes. Quanto as barracas, consideradas parte indispensável no evento, não é possível precisar a data de seu surgimento, mas surgiram naturalmente e foram crescendo de acordo com a dimensão da festa. É provável que as primeiras barracas de alimentação surgiram já em 1914 (DOSSIÊ, 2010).

Segundo Gonçalves e Reis (1979), os moradores da região próxima da localização do evento já se acostumaram com o barulho e esperam ansiosamente a festa, visto que, dentre outros motivos, há um incremento de suas rendas, seja pelo aluguel da frente de suas casas, seja pela refeição que muitos vendem aos barraqueiros. Segundo as mesmas autoras, os

barraqueiros, em sua maioria, não são da cidade e disputam os melhores lugares para suas barracas.

Ainda segundo as mesmas autoras “o evento envolve toda a comunidade: festeiros, vigário, fazendeiros, barraqueiros, Rei Congo e todos os figurantes do Reinado, prefeito, polícia, proprietários das linhas de ônibus e comerciantes” (GONÇALVES; REIS, 1979, p. 29).

Nesse sentido, todos contribuem para o acontecimento da festa. Ainda segundo Gonçalves e Reis (1979), os festeiros, no mês seguinte às suas nomeações já se reúnem para a feitura de um pré planejamento e divisão das tarefas. O vigário fica como responsável pela programação da festa, supervisionamento e realização do planejamento e pelas cerimônias religiosas. Por outro lado, os fazendeiros facilitam a participação de seus colonos na festa e nas Congadas, dispensando-os dos serviços nos três dias mais importantes da festa, além de contribuírem com doações.

Entre os envolvidos na programação cultural, todos os integrantes do Reinado colaboram com os preparativos de roupas, coroas, mantos e outros acessórios. Os capitães de terno iniciam meses antes da festa seus treinamentos e fazem seus planejamentos (GONÇALVES; REIS, 1979).

As mesmas autoras explicam que, no que tange ao setor administrativo municipal, o prefeito faz reparos nas ruas adjacentes da praça da festa, intensifica a limpeza e pede a remoção dos bancos da praça onde é realizada a festa.

Além disso, a polícia traça planos de trabalhos, solicitando, inclusive, reforço de cidade vizinha. Os proprietários de linhas de ônibus deixam seus automóveis livres para reforçar todos os horários de São Paulo para Machado, trazendo as comitivas de turistas. Os comerciantes da cidade, por outro lado, não são beneficiados, visto que a cidade para, tendo em vista a feira da Praça de São Benedito e nas Ruas Aírton Rodrigues Leite e Avenida Santa Cruz (GONÇALVES; REIS, 1979)

Entretanto, surgiram insatisfações no que tange à divisão das tarefas acima descrita, que já era considerada uma tradição na organização do evento. Insatisfeitos, os congadeiros reivindicaram uma participação mais efetiva no gerenciamento da festa e na sua distribuição de renda. Assim, em 15 de junho de 2000, foi assinado o Instrumento Particular de Avenças entre a Associação dos Congadeiros de Machado e a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio. Esse documento foi assinado após mais de 80 anos de existência da festa e ele

definiu as competências para a organização da mesma, definindo os direitos e responsabilidades que cabem a cada parte envolvida (DOSSIÊ, 2010).

Para os congadeiros o acordo representou o sonho de retomar a efetiva participação no evento que eles próprios contribuíram com a fundação e cultivaram ao longo dos anos (DOSSIÊ, 2010).

Embora cada ator institucionalizado tenha seu papel fundamental na elaboração da festividade, não se pode esquecer que população machadense em geral, em muito contribui para que a tradicional festa aconteça. Existem colaborações de todos os tipos, existem aquelas pessoas que colaboram com as instituições, como voluntárias, a partir da doação de roupas, dinheiro, brindes para as instituições ou para os congadeiros; existem também aquelas que contribuem durante o evento, isoladas de qualquer instituição.

Merece destaque a colaboração do Maurinho Som, locutor cuja participação é marcante na festa. O locutor promove a animação do evento há mais de trinta anos e também é um dos moradores mais antigos da praça São Benedito, onde é realizada a festa. Sua participação no evento se originou em 1984, a convite do Cônego Walter Maria Pulcinelli, para que montasse um estúdio de sonorização em um cômodo ao lado da antiga capela. Desde então, a festa é animada por ele, que sempre chama a atenção do público com suas falas e músicas durante o evento (ARAÚJO, 2014).

Entretanto, embora a participação da igreja, da associação dos congadeiros e do povo, de maneira geral, sempre tenha sido muito presente, foi apenas com o registro da festa como patrimônio cultural imaterial de Machado que a prefeitura passou a participar efetivamente na organização do evento.

Durante a 1ª Conferência Municipal de Cultura de Machado, ocorrida em 23 de outubro de 2009, na Casa da Cultura, com a presença da comunidade, foram promovidos debates da cultura como construtora da identidade do povo. Entre as discussões, foi destacada a importância de se registrar a festa como patrimônio cultural e imaterial do povo de Machado (ARAÚJO, 2014).

Nesse sentido, em 18 de março de 2010, por meio da Lei Municipal n. 2.232, o prefeito Roberto Camilo Órfão de Moraes instituiu, no âmbito do município de Machado, o registro de bens culturais de natureza imaterial.

Uma vez instituído o registro dos bens no município, em 27 de março do mesmo ano, em reunião entre o executivo machadense, o conselho do patrimônio histórico e artístico de

Machado e a associação dos congadeiros, definiram-se os procedimentos a serem adotados para que a festa de São Benedito fosse registrada (FESTA ..., 2010 *apud* DOSSIÊ, 2010).

Na mesma matéria consta que, com o registro, a prefeitura estaria autorizada legalmente a investir recursos municipais para viabilizar a realização da festa, que anteriormente era tida apenas como religiosa.

Assim, foi publicado o Decreto n. 3.439 de 11 de maio de 2010, que regulamenta a Lei Municipal n. 2.232/2010, regulamentando assim o registro de tais bens. O autor do pedido de Registro da FSB, em 25 de maio de 2010 e após toda a publicação da legislação que daria base ao pedido, foi José Vitor da Silva. O pedido considerou todos os rituais religiosos, bem como os culturais das congadas, o lugar de realização, barracas de alimentação e feira (ARAÚJO, 2014).

Para que a festa fosse devidamente registrada, era necessária a atuação do conselho de patrimônio histórico e artístico de Machado, que teve seus membros nomeados em 25 de maio de 2010, pela portaria n. 5.853 (ARAÚJO, 2014).

Segundo a mesma autora, a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, por meio do Pároco Padre Donizetti de Brito apoiou incondicionalmente a efetivação do registro da festa a princípio religiosa.

O registro foi concluído em 20 de julho de 2010 quando a prefeitura passa a ter papel mais significativo no evento. O registro ocorreu durante a Missa Campal organizada pela Casa da Cultura, onde foi feita a leitura do registro e colhidas as assinaturas necessárias (ARAÚJO, 2014).

A FSB consolidou-se em Machado através da intensa participação da comunidade no evento, bem como dos esforços dos organizadores, especialmente da Associação dos Congadeiros e da paróquia que, independentemente do poder público, organizaram o evento desde 1914 até 2010. Uma vez que a FSB demanda grande fazer coletivo entre diferentes grupos, pretende-se analisar se há a contribuição do capital social na preservação dessa festa.

2.4 CAPITAL SOCIAL: A DIMENSÃO DA CONFIANÇA NA FORMAÇÃO DAS REDES

Pretende-se, ao trazer o conceito de capital social à discussão da presente pesquisa, entender como, na Festa de São Benedito de Machado-MG, fatores como a solidariedade, a cooperação, a ajuda mútua, a confiança e a atuação conjunta dos diversos grupos contribuem com a preservação desta festa popular que é um patrimônio imaterial da referida cidade. Posto isso, neste capítulo será discutido o conceito de capital social para que o leitor possa compreendê-lo, visto que será utilizado nas análises futuras.

Segundo D'Araújo (2010), o conceito de capital é um dos mais importantes nas ciências sociais. Ele foi proposto por Karl Marx, no século XIX, que o definiu como produto da mais-valia. Para a economia clássica, trata-se do produto do trabalho utilizado para se produzir outros bens. Modernamente, o capital sofreu algumas releituras e o conceito pode se transformar em capital aberto, constante ou variável, de giro, de risco, financeiro, fixo, intensivo, fechado e capital social das empresas. Apesar da perspectiva econômica, o termo tem sido utilizado em outras áreas das ciências sociais. Atualmente tem-se o entendimento de que as riquezas não são geradas exclusivamente pelos recursos físicos ou naturais ou financeiros. Além desses recursos, tem-se como fundamental o homem e sua capacitação,

Segundo a mesma autora, o Banco Mundial, a partir de 1990, propôs uma distinção em quatro formas de capital, quais sejam, capital natural, capital financeiro, capital humano e capital social. O primeiro deles é representado pelos recursos naturais disponíveis no país; o segundo, é aquele produzido pela sociedade, culminando em bens físicos monetizáveis; o terceiro, capital humano, é o nível da educação e condições de saúde de um povo; o último termo, capital social, é recente e será estudado ao longo deste capítulo, que se destina a analisar as principais teorias formuladas sobre o tema e a definir o conceito que será utilizado para esta pesquisa.

Segundo Lin (2002), nas últimas décadas o capital social, em suas várias formas e contextos, se tornou uma das mais notáveis formas de capital. Para a autora, a premissa que está por trás da noção de capital social é simples e direta sendo o investimento nas relações sociais com retornos esperados no mercado, uma vez que os indivíduos se comprometem com as interações visando a obtenção de lucros.

Para o Banco Mundial, capital social refere-se, basicamente, a capacidade de determinada sociedade em estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação, visando a produção de bens comuns. Ele seria representado pelas normas, instituições e

relações, onde a coesão social é imprescindível. Para a mesma instituição, ele pode ser comparado à argamassa que une as instituições, fazendo com que elas mantenham contato entre si e vinculando-as com o cidadão, objetivando a produção do bem comum (D'ARAÚJO, 2010). Nesse sentido, uma sociedade dotada de capital social teria maior coesão social através de uma atuação social em redes de cooperação e promovendo a confiança entre os integrantes desta rede.

Primeiramente, cumpre salientar que há correntes de estudo sobre o tema que procuram demonstrar outro lado do capital social, representado pela capacidade associativa de, por exemplo, máfias e gangues. Em princípio, tais organizações possuem ajuda mútua, colaboração e outros fatores relacionados ao capital social, porém tais grupos dispõem de regras não transparentes, poder centralizado e hierarquizado, visam lesar patrimônios e transgredir a ordem, objetivos que não se coadunam com os da coletividade (D'ARAÚJO, 2010). Nesse sentido é que não será analisada tal vertente de estudo por entender que, nesta pesquisa, a ideia central do conceito diz respeito a capacidade de ajuda mútua com o objetivo de colaborar com a produção do bem público.

O conceito de capital social vem sendo recorrentemente estudado por diversos teóricos. O tema ainda carece de conceito definido na literatura o que dificulta sua compreensão e sua mensuração em pesquisas empíricas. Apesar de o tema ainda ser relativamente novo, é reconhecida a sua importância na busca para colaboração em atividades benéficas para a sociedade (PISTORE, 2013).

Segundo Higgins (2003), para os especialistas em políticas públicas, algumas comunidades possuem o crescimento natural de elementos de cooperação e autogestão que contribuem para que as mesmas atinjam de forma mais rápida e eficiente os objetos do desenvolvimento. Já em outras, a cooperação é prejudicada por práticas culturais permeadas pela corrupção e individualismo. Assim, vários estudiosos tentam entender a sociabilidade como forma de combater fatores prejudiciais aos programas de desenvolvimento, quais sejam, individualismo, ineficiência burocrática, corrupção e custos de transação. Assim, o capital social favoreceria a participação conjunta da comunidade de maneira que, atuando em um sistema de redes, os indivíduos possam contribuir mais e melhor para o alcance dos objetivos comuns.

Higgins (2003) preconiza que a construção do capital social é como um eclipse com dois focos, sendo um político e o outro utilitarista ou econômico. O foco político diz respeito

a existência de assimetrias na obtenção de recursos por meio das redes de relação social. Já o foco utilitarista, também chamado de econômico, parte da ideia de que a simetria das relações possibilita o alcance de recursos que estão presentes nas estruturas das relações sociais.

Entretanto, o autor explica que, a despeito de suas diferenças, ambas perspectivas convergem na ideia de que as relações sociais são um patrimônio “não visível”, entretanto muito eficaz que está à disposição dos sujeitos sociais, individuais ou coletivos. Assim, uma vez que as relações sociais têm como base a reciprocidade e a expectativa de cumprimento mútuo, a ação coletiva é movida pela confiança e cooperação.

As principais contribuições e conceituações desenvolvidas até hoje, e que continuam dando sustentação para os estudos realizados sobre o tema, vieram dos teóricos Bourdieu, Coleman e Putnam. Cada autor analisou o conceito sob diferentes perspectivas (FIALHO, 2003; MENEZES; OLIVEIRA; CARNIELLO, 2012).

Bourdieu, no final dos anos 1960 e início de 1970, produziu vários estudos onde entendia a cultura como fenômeno dinâmico, criativo e estruturado (PISTORE, 2013) e, além disso, entendia o capital como poder, ampliando o conceito para três formas diferentes de capital, quais sejam, econômico, cultural e social (HIGGINS, 2003).

Para o autor, estudar o capital social é o único meio de entender o fundamento dos efeitos sociais nos casos em que diferentes indivíduos extraem um rendimento muito desigual de um capital que é relativamente equivalente, de acordo com o nível de mobilização que possuem do capital de um grupo mais ou menos constituído e mais ou menos provido de capital. O autor considera vários tipos de grupos, tais como famílias, clubes, nobreza, grupos de alunos, sendo várias possibilidades.

Pioneiro na sociologia a trazer o conceito de capital social em *Le capital social – notes provisoires*, o autor entende o conceito como:

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, *à vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por *ligações* permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Para o autor, o capital social se constitui pelas redes de relações sociais, as quais facilitam o acesso dos recursos, bem como pela quantidade e qualidade de recursos de

determinado grupo. As ligações de que trata Bourdieu, ultrapassam àquelas relativas ao espaço físico ou econômico e social, visto que são baseadas em trocas materiais e simbólicas que dependem do reconhecimento da proximidade para que possam surgir e permanecer no grupo.

Bourdieu (1998, p. 14) afirma que “ser miembro de un grupo proporciona a cada uno de sus miembros todo el soporte del capital poseído colectivamente”. Assim, o autor entende que os benefícios obtidos pela inserção em um determinado grupo estão na base da solidariedade que os possibilita, ainda que não sejam conscientemente buscados. É a própria participação no grupo que possibilita os lucros materiais e simbólicos presentes nele.

Segundo o autor, as redes de relações não surgem naturalmente e seu surgimento não implica em duração eterna, tal como se fosse institucionalizada através de um ato social. Ao contrário, para Bourdieu, essas redes são fruto de um trabalho de instauração e manutenção, que pode ser consciente ou inconsciente. Esses esforços são entendidos pelo autor como estratégias de investimento social e são orientadas para transformar relações eventuais em relações necessárias e eletivas, ou seja, que impliquem em obrigações duráveis baseadas em sentimentos subjetivos, ou obrigações que sejam garantidas institucionalmente.

Entretanto, Bourdieu não possui uma visão tão idealista do capital social e acredita que, embora exista a noção de reciprocidade dentro dos grupos que contém capital social, os grupos distribuem seu capital social de forma desigual entre os seus membros, o que permite que todo o capital coletivo seja individualizado em apenas uma pessoa que, inclusive, pode utilizá-lo contra seu próprio grupo. Assim, a apropriação e reprodução do capital social depende da posição do indivíduo dentro do grupo, constituindo-se uma visão de foco político a respeito do capital social.

Segundo Higgins (2003) a visão de Bourdieu foi alvo de várias críticas tendo em vista que sua análise do poder e dominação é considerada mecanicista, sobre-determinista e inflexível.

Outro autor importante quando se trata de capital social é James Coleman, cujo trabalho foi bastante influente nos países de língua inglesa. Seus escritos são posteriores a Bourdieu e o autor buscou criar uma teoria sobre capital social que complementasse as limitações e equívocos da teoria deste. Assim, ele utiliza das ideias de mobilização de uma rede de relações sociais e reprodução do capital social por meio de sua utilização e reciprocidade. Entretanto, ele diverge de Bourdieu no que tange a alocação do capital social.

Para Coleman, o capital social é inerente à estrutura de relações entre as pessoas, não se concentrando no indivíduo, mas sim no grupo. Nesse sentido, qualquer pessoa do grupo pode utilizá-lo quando necessário (FIALHO, 2003).

Para o autor, o capital social compreende os aspectos estruturais que facilitam certas ações dos indivíduos, segundo ele:

They all consist of some aspects of a social structure, and they facilitate certain actions of individuals who are within the structure. [...] Unlike other forms of capital, social capital inheres in the structure of relations between persons and among persons. It is lodged neither in individuals nor in physical implements of production. (COLEMAN, 1988, p. 98).

Para Coleman (1988), o capital social é definido pela sua função não sendo uma única entidade, mas uma variedade de diferentes entidades, que possuem dois elementos em comum, todas consistem em alguns aspectos da estrutura social e facilitam algumas ações de atores dentro da estrutura.

Assim, ele acredita que o capital social é produtivo, sendo que torna possível o alcance de objetivos que, sem ele, seriam inalcançáveis, e se insere nas estruturas das relações entre os atores, constituindo um recurso para as pessoas.

Ele espelha lealdade, reciprocidade, compromisso, fidelidade e outros elementos próprios das relações dentro de um grupo (SILVA, 2010).

Para o autor, assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo uma vez que permite o alcance de objetivos que, sem ele, não seriam conquistados. Assim, ele só está disponível no espaço relacional, onde as pessoas se relacionam, sendo um bem intangível (HIGGINS, 2003; COLEMAN, 1988).

Para Coleman (1988) o capital social surge de mudanças nas relações das pessoas e que facilitam a ação. Para ele são formas de capital social: obrigações, expectativas e confiabilidade das estruturas; canais de informação e normas sociais.

As expectativas e confiabilidade dizem respeito a situação de troca de favores, onde A faz algo para B e confia que B irá retribuir no futuro, o que implica em uma expectativa por parte de A e em uma obrigação por parte de B. Segundo Coleman (1988), essa forma de capital social depende de dois elementos, quais sejam, confiança no meio ambiente social de que as obrigações serão cumpridas e a extensão real das obrigações. Como exemplo desse tipo de capital social, o autor cita as associações de crédito rotativo, cuja instituição seria

impossível sem um nível alto de confiança entre os membros do grupo.

Já no caso das normas sociais, para Coleman (1988) quando elas existem e são efetivas, elas se configuram em uma poderosa, embora as vezes frágil, forma de capital social. Cita-se como exemplo a norma em que o indivíduo deve renunciar ao seu próprio interesse em favor dos interesses da coletividade. Algumas normas são mantidas por serem internalizadas pelos indivíduos, outras porque são aplicadas sanções a quem descumpri-las, e são importantes na superação dos conflitos a respeito dos bens públicos, pois, na mesma medida em que determinam e facilitam uma determinada ação, elas inibem outras, como por exemplo, normas que consideram que bons atletas deveriam jogar futebol, retiram a atenção de outras atividades que não seja o futebol.

Extremamente importante no tema capital social é o autor Robert D. Putnam. Através de seu livro *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna* (2006), o autor abordou o conceito de capital social e ganhou destaque. Em seu livro, Putnam analisa quase duas décadas do processo de descentralização política na Itália e mostra como formas de associacionismo, confiança e cooperação contribuem para boa governança e economia, buscando compreender a discrepância do desenvolvimento ocorrido entre o norte e o sul da Itália.

O livro é fruto de uma pesquisa multidisciplinar que começou em 1970, cujo objetivo era observar a implantação da descentralização administrativa no país. Nesse sentido, a Itália transformou-se em um laboratório em que o autor buscava entender o impacto da descentralização na diminuição das desigualdades nas regiões (D'ARAÚJO, 2010).

O capital social facilita a cooperação espontânea. De acordo com Putnam e Goss (2003 *apud* REIS, 2015), capital social é uma ideia que está localizada entre o compromisso cívico e a participação em redes sociais, sendo que a ideia central do conceito é a de confiança. Os autores defendem que as redes sociais importam e possuem valor, acima de tudo, para aqueles que fazem parte dela. Essas redes, segundo Tomaél *et al.* (2005), são uma estrutura não-linear, descentralizada, dinâmica, flexível, não possui limites definidos e são auto-organizáveis, sendo estabelecidas através de relações horizontais de cooperação. Sua formação se dá por meio de diversas maneiras como, por exemplo, uma conversa informal com um colega, *happy hour* com os amigos, entre outros.

O objetivo de Putnam (2006) em seu livro é contribuir para a compreensão do desempenho das instituições democráticas, verificando quais são as origens do governo

eficaz. Para o autor, as instituições além de serem as regras do jogo, que regem a tomada de decisões coletivas, são também mecanismos para alcançar propósitos, e não apenas para conseguir acordos (PUTNAM, 2006).

O autor afirma que os teóricos neoinstitucionalistas concordam que as instituições moldam a política – influenciando nos resultados, uma vez que moldam a identidade, o poder e a estratégia dos atores; e que as instituições são moldadas pela história – uma vez que dotadas de inércia e robustez, corporificam trajetórias históricas e momentos decisivos.

Para perseguir seu estudo do desempenho institucional, Putnam adota um conceito de desempenho institucional baseado em um modelo simples de governança: demandas sociais → interação política → governo → opção de política → implementação.

O autor explica que nas ciências sociais existem três formas principais de explicar o desempenho institucional, sendo a corrente de pensamento que enfatiza o projeto institucional; a que enfatiza os fatores socioeconômicos; e a terceira forma de explicação é através da corrente, que enfatiza os fatores socioculturais.

Assim, o autor busca analisar as instituições como variável independente – buscando entender “como a mudança institucional influencia a identidade, o poder e a estratégia dos atores políticos” (PUTNAM, 2006, p. 24); e depois, como variável dependente – avaliando de que maneira o desempenho é condicionado pela história. Além disso, Putnam (2006) considera que o contexto social molda o desempenho das instituições.

Ao perceber um desempenho diferente em diversas regiões italianas, algumas com melhor desempenho institucional do que outras, superada a ideia de que a verdadeira democracia está associada a modernização socioeconômica (através das pesquisas empíricas, uma vez que algumas regiões mais atrasadas, no que tange ao desenvolvimento, se mostraram com governos mais eficazes), Putnam passa a analisar sob a ótica sociocultural e entende que a comunidade cívica é um fator determinante, haja vista que entende que o êxito ou o fracasso das instituições dependia da virtude cívica dos cidadãos.

Para o autor, a comunidade cívica se caracteriza pela participação dos cidadãos nos negócios públicos, a busca pelo bem público acima do interesse particular. Livre de idealismos, a busca pelo bem público é baseada no interesse próprio corretamente entendido, definido por Tocqueville como o interesse próprio dentro do contexto das necessidades públicas gerais.

Além disso, a comunidade cívica é permeada pela igualdade política dos cidadãos,

baseada em direitos e deveres iguais para todos e a união por laços horizontais de cooperação e reciprocidade. Entretanto, esse espaço não está livre de conflitos, mas é mantido por estruturas e práticas específicas, onde as associações civis têm papel importante, haja vista que inculcam hábitos de cooperação, solidariedade e espírito público nos seus integrantes.

Através de indicadores como variedade de formas associativas, número de leitores de jornais, participação em referendos e aplicação do voto preferencial, Putnam entende que uma democracia forte tem como fundamento a comunidade autônoma de cidadãos, unidos mais por uma educação cívica do que por interesses homogêneos e que tem capacidade de buscar objetivos comuns e atuar com reciprocidade, tendo em vista o espírito cívico presente e as instituições participativas (HIGGINS, 2003).

Assim, analisando a história das regiões, onde as mais desenvolvidas possuem uma tradição maior de associativismos e relações horizontais, e as menos desenvolvidas possuem uma tradição de governos autoritários e práticas clientelistas, Putnam (2006) conclui que a divergência entre as províncias do norte, cujo desempenho é superior, e do sul da Itália está na concentração de capital social existente nas províncias. Na região norte haveria um estoque de capital social muito maior do que na região sul, haja vista que no norte, desde a idade média, já existia uma cultura de associações de mútua assistência e de tradição de cooperativas.

Putnam (2006) traz a baila os dilemas da ação coletiva, tais como o dilema do prisioneiro e outros afins, e destaca a improbabilidade de as pessoas agirem levando em consideração o interesse da totalidade dos envolvidos. A alternativa de se colocar o Estado para trazer harmonia nas relações sociais, minadas pela desconfiança, não é bem vista pelo autor, para quem tal situação torna a vida social mais ineficiente e pouco gratificante, não constituindo um equilíbrio estável – quando nenhum jogador possui razões para mudar seu comportamento.

Nesse sentido, entre o melhor cenário – onde todos colaboram e confiam mutuamente – e o pior cenário – baseado em uma sociedade pautada na força do Estado, Putnam (2006) acredita que existem formas de ação cooperativa que se fazem úteis e onde o conceito de capital social é significativo. Havendo cooperação e confiança mútua, é mais fácil a tomada de decisão nos dilemas da ação social, para que ambas as partes saiam ganhando. Entretanto, é preciso deixar a desconfiança de lado, pois quando ela está presente, a ação mais racional é desertar nos dilemas, escolhendo sempre o interesse próprio, temendo que o outro não vá cumprir com o seu papel e, assim, ambos saem prejudicados.

Segundo o autor “a cooperação voluntária é mais fácil numa comunidade que tenha herdado um bom estoque de capital social sob a forma de regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica”. Assim, é do capital social que surgem as relações cooperativas que se materializam nas variadas formas de associação na comunidade cívica (PUTNAM, 2006; HIGGINS, 2003).

Para o autor, capital social diz respeito a características da organização social, tais como, confiança, sistemas e normas que auxiliem no incremento da eficiência da sociedade, facilitando as ações, a cooperação espontânea. O capital social pode aparecer de diversas maneiras, tais como associações de crédito, normas e cadeias de relações sociais; e o seu uso o faz multiplicar, enquanto o desuso o diminui.

Assim, segundo Putnam (2006), o capital social versa sobre características de organização social que possam contribuir, tornando a sociedade mais eficiente. Além disso, o autor afirma que “assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse”.

De acordo com Franco (2001), em Putnam a confiança é componente básico do conceito de capital social. Entretanto, essa confiança não se trata de uma confiança irrestrita, mas ela implica em uma previsão do comportamento de uma pessoa independente. A confiança surge pelo conhecimento que uma pessoa tem sobre a outra, inclusive sobre a disposição da outra, as alternativas que possui e as consequências, suas capacidades e tudo mais que leve a uma pessoa chegar a conclusão que a outra agirá de tal maneira. Em pequenas comunidades essa previsão pode advir do convívio íntimo entre as pessoas.

Nesse sentido, à luz do que preceitua Putnam (2006) o capital social, características da organização social pautadas na confiança, solidariedade e ajuda mútua, podem permitir o alcance de objetivos que isoladamente os indivíduos não seriam capazes de alcançar. Assim é que se pode considerar útil o conceito de capital social para a presente pesquisa, bem como é possível relacioná-lo à preservação da festa pelos diferentes grupos da comunidade machadense.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 METODOLOGIA

Para a concretização da presente pesquisa, foi utilizada uma abordagem não experimental, em sua vertente qualitativa. A investigação qualitativa abrange várias estratégias de investigação e busca a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva do investigador. Baseia-se na abordagem interpretativa da realidade social, permitindo flexibilidade para maior aprofundamento e detalhamento dos dados.

A pesquisa foi realizada na cidade Machado-MG, no período de março de 2017 até fevereiro de 2018, ou seja, antes, durante e depois da Festa de São Benedito de 2017, que aconteceu entre os dias 18 a 29 de agosto.

Foram utilizados, dentro do campo de investigação qualitativa, para coleta dos dados, a pesquisa bibliográfica e exploratória. A pesquisa exploratória possui como principal objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos ou ideias. Ela é desenvolvida buscando atingir uma visão geral, de tipo aproximativo, de um fato delimitado. Sua maior aplicação ocorre quando o tema a ser pesquisado é pouco explorado, tornando difícil a formulação de hipóteses sobre o mesmo. Geralmente são tidas como a primeira etapa de uma pesquisa mais ampla (GIL, 2010), o que é o caso da presente pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi concluída, tendo como resultado o referencial teórico produzido que, além de servir para o cumprimento de alguns objetivos traçados para a presente pesquisa, servirá como base para a análise dos dados.

O referencial teórico, como meio para alcance dos objetivos, se mostrou útil na caracterização dos principais atores que participam da promoção da festa (objetivo a), na descrição de como é realizada a organização do evento (objetivo c) e na identificação do papel de cada grupo na elaboração da festa (objetivo d), uma vez que foram utilizados trabalhos, jornais e revistas que descreviam o evento, bem como documentos produzidos pelas partes organizadoras do evento, que nos permitiram perceber como se dá a sua organização. Também contribuíram com tais objetivos as entrevistas realizadas.

3.1.1 Coleta de dados

Quanto a coleta de documentos para análise, segundo Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2002) considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser utilizado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reunião, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres etc., podem nos dizer muita coisa sobre os princípios e normas que regem o comportamento de um grupo e sobre as relações que se estabelecem entre os diferentes subgrupos.

Na presente pesquisa foram utilizados livros escritos por moradores locais, revistas sobre a Festa de São Benedito e sobre as Congadas, documentos diversos da Casa da Cultura de Machado, o Dossiê, formulado para a requisição de tombamento do evento, documentos públicos municipais, bem como jornais que fizeram a cobertura da festa.

Além disso, foi realizada coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas entrevistas com os principais grupos envolvidos no evento, quais sejam, Associação dos Congadeiros, Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, poder executivo municipal e comerciantes da praça de alimentação, além de participantes aleatórios que contribuíram de alguma forma durante o evento.

Nas entrevistas, a Associação dos Congadeiros foi representada pelo seu presidente; a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, pelo seu pároco administrador; o poder executivo, pelo secretário de cultura do ano de 2017. Quanto aos comerciantes da praça de alimentação, devido ao seu grande número, foram realizadas entrevistas com quatro deles, tendo em vista a compatibilidade de horário.

Embora fosse enriquecedor realizar entrevistas com todos os integrantes de todos os grupos envolvidos, tendo em vista a complexidade das entrevistas e o tempo necessário para realizá-las, entrevistar todos os participantes restou inviável. Dessa maneira, optou-se pelo caminho de se escolher o representante legal de cada grupo e, quando não houvesse, realizou-se entrevista com os atores disponíveis.

Complementarmente, foi realizada uma pesquisa, através de entrevistas semiestruturadas e coleta de documentos, com as escolas que possuam projetos que incentivem a participação dos alunos na festa, de modo que permitiu a análise de mais um grupo que, hipoteticamente, contribui para a elaboração e manutenção da referida festa. Essas

entrevistas foram necessárias tendo em vista que várias escolas, dentre elas municipais, estaduais e privadas, mantêm ternos de congada mirins, formados em sua maioria por alunos que, inclusive, se apresentam durante o evento em outros ternos de congo.

Ainda que a Associação dos Congadeiros represente o grupo dos congadeiros na presente pesquisa, as escolas não fazem parte da mesma associação, mas mantêm ternos de congo mirins, o que as caracteriza como um grupo diferente e, portanto, carecedor de entrevistas para coleta dos dados.

A entrevista é uma técnica muito utilizada nas ciências sociais e nela o investigador se coloca frente ao investigado, formulando-lhe perguntas, visando a obtenção dos dados pertinentes à investigação. Assim, trata-se de um diálogo assimétrico onde uma das partes pretende coletar dados e a outra se coloca como fonte de informação (GIL, 2010).

Segundo Selltiz *et al.* (1967 *apud* GIL, 2010, p. 273) “enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”.

Dentre as vantagens da entrevista pode-se citar o fato de ela possibilitar a obtenção de dados referentes a diferentes ângulos da vida em sociedade; de ser muito eficiente para coleta de dados em profundidade sobre o comportamento humano; e, de que os dados podem ser classificados e quantificados (GIL, 2010).

3.1.2 Análise dos dados

Para proceder o tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Laurence Bardin, professora que aplicou as técnicas da análise de conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas (BARDIN, 2011).

Segundo a autora, no princípio do século e durante quase 40 anos, a referida análise desenvolveu-se nos Estados Unidos, quando o rigor científico invocado era o da medida e o material analisado era essencialmente jornalístico, sendo que a pioneira nessa análise foi a Escola de Jornalismo de Columbia, multiplicando os estudos quantitativos dos jornais.

A análise de conteúdo foi primeiramente ensinada por H. Lasswell que promoveu análises de imprensa e de propaganda, em meados de 1915. Entretanto, o tema passou por uma série de mudanças ao longo dos anos e, entre 1950 a 1960, a exigência de objetividade é menos rígida e passa a ser vista não apenas com um alcance descritivo, mas, pelo contrário, passa a ser reconhecida que sua função ou seu objetivo é a inferência. Em uma análise quantitativa, verifica-se a frequência com que aparecem certas características do conteúdo. Já pela análise qualitativa, realizada na presente pesquisa, é a presença ou ausência de uma característica de conteúdo ou um conjunto delas que é tomada em consideração (BARDIN, 2011).

Segundo a referida autora, a análise de conteúdo organiza-se em torno de três polos cronológicos, quais sejam, a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011). É nesse sentido que foi realizada a divisão em etapas da presente análise.

3.1.2.1 Pré-análise

Segundo Bardin (2011) essa é a fase de organização, sendo destinada à sistematização das ideias iniciais, visando a criação de um plano de análise. O processo de pré-análise foi iniciado em 2016, quando da elaboração do projeto de pesquisa, e durante toda a escrita, permaneceu em constante fase de reconstrução.

Tal possibilidade é convalidada por Bardin que explica que o programa de análise pode ser flexível de maneira que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise. Nesse sentido, essa etapa demanda a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação de hipóteses e objetivos, além da elaboração das categorias (BARDIN, 2011).

Ainda dentro da fase de pré-análise houve a formulação da hipótese. Em decorrência da dimensão da festa e do seu tempo de existência tendo completado, em 2017, 103 anos de existência pelos registros escritos, partiu-se da hipótese de que a preservação desse patrimônio imaterial cultural é transmitida por gerações, caso em que o capital social existente entre os organizadores e a comunidade machadense é determinante na manutenção desse patrimônio.

É nesse sentido que foram importantes as entrevistas, uma vez que elas possibilitarão verificar a existência, ou não, de um capital social entre os organizadores e a comunidade. Por serem subjetivas, as entrevistas têm o poder de aproximar a pesquisadora da intimidade do entrevistado, podendo detectar sentimentos diversos, tais como confiança, solidariedade e colaboração, que são a base do capital social; bem como permitem mapear os conflitos existentes.

De outro lado, a observação não participante foi um elemento fundamental para a presente pesquisa. Foi realizada observação simples durante a Festa de São Benedito, tendo sido acompanhados todos os eventos da agenda cultural e os principais da agenda religiosa.

Nessa técnica, o pesquisador permanece alheio à comunidade, grupo ou situação estudada. Seu benefício é a obtenção de dados sem gerar suspeições nos membros da comunidade, grupo ou instituição pesquisada. É um tipo de pesquisa muito apropriado para o estudo das condutas das pessoas na vida social, por exemplo: hábitos de compra, modos de vestir, de convivência social, de frequência a lugares públicos, dentre outros (GIL, 2010).

Dessa forma, durante a pré-análise foram realizadas:

- a) leitura flutuante;
- b) definição da hipótese e objetivos;
- c) formulação de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e as devidas assinaturas pelas partes cabíveis;
- d) formulação e aceite do Termo de Anuência Institucional pelo Executivo, pela Associação dos Congadeiros, pela Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, pela Associação Comercial e pelas escolas: Escola Municipal Comendador Lindolfo de Souza Dias, Escola Municipal Carlos Legnani, Centro de Educação Infantil Vovó Donana, Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro e Escola Estadual Gabriel Odorico;
- e) seleção dos entrevistados que são: o representante de cada órgão acima citado, com exceção da Associação Comercial, caso em que as entrevistas foram realizadas com os próprios comerciantes;
- f) seleção de entrevistados aleatórios, escolhidos durante a análise observacional em decorrência de terem contribuído, de alguma forma, durante a realização da festa;
- g) realização de entrevistas;
- h) transcrição das entrevistas.

3.1.2.2 Exploração do material

Durante a fase de exploração do material, os documentos já obtidos são lidos e relidos objetivando a identificação de temas, índices, categorias, criação de códigos, em função do que foi pré-definido na pré-análise.

Para O. R. Holsti (1969 *apud* BARDIN (2011) a codificação é o procedimento onde dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, permitindo uma descrição precisa das características pertinentes ao conteúdo do texto.

Bardin (2011) explica que, no que tange a análise qualitativa, o que importa é a inferência ser baseada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.) e não na frequência de sua aparição ao longo do *corpus*.

Entretanto, antes de mais nada, é preciso saber o que levar em conta do *corpus*. Para tanto, são utilizadas unidades de análise (ou de registro) que são unidades de “significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base” (BARDIN, 2011, p. 134). Uma das unidades de análise mais utilizadas e que será aplicada nesta pesquisa é o tema. Geralmente, a definição de unidades de análise por tema é utilizada para estudar, dentre outros, atitudes, valores e crenças.

Por outro lado, Bardin (2011) explica que a categorização é uma classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento, de acordo com o gênero e com critérios previamente definidos. O primeiro objetivo de se categorizar é simplificar os dados brutos.

Nesse sentido, a fase de exploração do material consistiu em:

- a) delimitar as unidades de análise;
- b) categorizar as unidades de análise.

3.1.2.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Durante esta fase os resultados foram tratados para que fossem significativos e válidos. Nesse sentido, as unidades de análise e suas categorias foram analisadas de maneira

que se pudesse produzir inferências sobre o conteúdo, bem como proceder a sua interpretação, considerando os objetivos da pesquisa.

Nesse sentido, o tratamento e interpretação foram feitos a partir do diálogo entre o referencial teórico e os dados, buscando alcançar os objetivos da pesquisa e, principalmente, perceber se há contribuição do capital social na manutenção da Festa de São Benedito.

Durante a análise foram citadas diretamente falas dos entrevistados. Entretanto, teve-se o cuidado de citar apenas falas que não comprometeriam o sigilo da pessoa, ou seja, falas que revelassem de qual instituição determinado entrevistado faz parte, garantindo o sigilo da entrevista.

Assim, as entrevistas foram referenciadas a partir da utilização de siglas. A sigla E significa a palavra Entrevistado, e quer dizer que o entrevistado é o representante de um dos grupos organizadores do evento. A sigla EE, por sua vez, significa Escola Entrevistada, e se refere ao integrante da escola que nos concedeu a entrevista, podendo ser tanto o seu representante legal, como alguém indicado por ele. A sigla EC significa Entrevista com Comerciante e se refere as entrevistas realizadas com os comerciantes que possuem barraca na Praça de São Benedito. Por outro lado, a sigla TC diz respeito à Entrevista com Terno de Congo, que foram realizadas aleatoriamente durante a realização do evento. Os numerais que seguem as siglas se referem à ordem em que foram realizadas as entrevistas.

3.1.2.4 Unidades de análise e categorias

As unidades de análise e suas respectivas categorias foram criadas segundo os objetivos e hipótese da pesquisa e, conseqüentemente, se relacionam com o referencial teórico, além de serem compatíveis com as experiências obtidas durante a análise observacional e durante as entrevistas.

Nesse sentido, surgiram três unidades de análise:

- a) arranjo institucional;
- b) relação entre os principais grupos promovedores da festa;
- c) valores culturais e preservação.

Dentro dessas unidades de análise, foram criadas categorias para melhor interpretação do conteúdo, tendo emergido, principalmente, do conteúdo das entrevistas.

Quadro 1 – Unidades de análise e categorias.

UNIDADES DE ANÁLISE			
	ARRANJO INSTITUCIONAL	RELAÇÃO ENTRE OS PRINCIPAIS GRUPOS PROMOVEDORES DA FESTA	VALORES CULTURAIS E PRESERVAÇÃO
CATEGORIAS DE ANÁLISE	<ul style="list-style-type: none"> • Papéis e funções 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação e conflito • Horizontalidade e hierarquia 	<ul style="list-style-type: none"> • Hibridismo e resistência

Fonte: Elaborado pela autora.

As categorias de análise foram escolhidas tendo em vista os objetivos da presente pesquisa e também tendo como fundamento o conceito de capital social à luz do que preceitua Putnam (2006).

Nesse sentido, através da categoria Arranjo institucional pretendeu-se identificar quais são os grupos mais atuantes na promoção da festa e através das unidades de análise Papeis e funções pretendeu-se não apenas cumprir um dos objetivos da pesquisa, mas também verificar o que cada grupo faz para a manutenção do evento, verificando se existe uma atuação em redes de cooperação de maneira que permita analisar a existência ou não de um capital social entre esses grupos.

A unidade Relação entre os principais grupos promovedores da festa busca, através das categorias de análise verificar também a presença do capital social. Essa categoria foi escolhida objetivando compreender de que maneira os grupos se relacionam, se existe um capital social presente através da cooperação entre os grupos. Através da identificação dos conflitos foi possível também perceber possíveis estratégias de superação dos mesmos, verificando se há coesão entre os grupos, bem como ajuda mútua, fatores característicos do capital social. Além disso, considerando que Putnam (2006) entende que relações horizontais favorecem o capital social, enquanto as verticais podem prejudicá-lo, pretendeu-se, com a

unidade Horizontalidade e hierarquia investigar se a atuação dos grupos é beneficiada através de relações horizontais de igualdade, ou se há uma relação vertical de dependência e hierarquia que pode prejudicar a coesão do grupo e, conseqüentemente, a preservação da festa.

Finalmente, a unidade Valores culturais e preservação buscou entender a manutenção da cultura imaterial a partir dos conceitos de hibridismo cultural e resistência, categorias de análise. Relacionou-se o hibridismo cultural na Festa de São Benedito não apenas como um fator de coesão social, através da mistura de culturas, mas também como um modo de manutenção patrimônio cultural; bem como foi analisada a resistência dos congadeiros na Festa de São Benedito, que favorece a manutenção da festa como um todo.

4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 ARRANJO INSTITUCIONAL

A realização da FSB é facilitada pela presença de um arranjo institucional historicamente definido entre os grupos promovedores do evento, tendo sido organizados e definidos os papéis e funções de cada grupo, materializando-se através das atribuições e responsabilidades para efetivação da festa.

Algumas mudanças ocorreram desde que a festa começou. Anteriormente, a organização da festa, conforme pôde ser percebido nas entrevistas realizadas com os grupos organizadores do evento, era realizada mais com os esforços da paróquia e da Associação dos Congadeiros, do que da prefeitura, que se manteve por muitos anos isolada na assunção de compromissos e responsabilidades para a estruturação do evento.

Inicialmente, as barracas e aluguel do espaço público eram organizados pela paróquia, por meio de particulares, que por muitos anos alugaram o espaço público para as barracas de alimentação, na praça de São Benedito, bem como para as barracas do comércio de vendedores ambulantes, na rua Ayrton Rodrigues (REBELLO, 2006).

Após reivindicações da Associação dos Congadeiros pleiteando maior participação no evento, foi assinado o Instrumento Particular de Avenças entre a Associação dos Congadeiros e a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, em 15 de junho de 2000. Tais reivindicações por uma participação mais efetiva no gerenciamento e distribuição da renda da festa eram antigas (DOSSIÊ, 2010).

Esse conflito a respeito do gerenciamento do evento foi solucionado através de várias reuniões na sede da associação, que culminaram na assinatura do supracitado documento. Tal forma de solução encontrada pelas partes, pode estimular a cooperação, uma vez que as reivindicações foram ouvidas, discutidas e como resultado foi elaborado um documento, conferindo transparência e seriedade à convenção das partes. Para os congadeiros, a assinatura do Instrumento Particular de Avenças representa o resgate de um antigo sonho (DOSSIÊ, 2010). Assim, o instrumento definiu direitos e responsabilidades das partes. As cláusulas 2^a, 3^a e 4^a, estipulam, respectivamente:

Convencionam as partes que, para estimular a cultura, o folclore e as tradições das congadas em nossa cidade, caberá a Casa dos Congadeiros a receita proveniente dos valores pagos pelos barraqueiros, bem como a organização, instalação e responsabilidade das barracas na época da festa.

Com o intuito de prestar colaboração à realização da festa de São Benedito, a Casa dos Congadeiros compromete-se, neste ato, a construir a barraca com que se realiza o jogo do bingo na festa e a barraca onde fica a Polícia Militar, sempre respeitando a forma tradicional de construção dessas barracas nos anos anteriores, mas atendendo às modificações necessárias e especificadas pelos festeiros.

A Casa dos Congadeiros compromete-se por si e por seus integrantes a não realizar, nos quatro meses que antecedem à festa, qualquer promoção que implique na distribuição ou sorteio de prêmios, como rifas, bingos, etc, ou mesmo lista de doações ou pedidos de qualquer espécie (DOSSIÊ, 2010, p. 26-27).

Por outro lado, fica configurada como responsabilidade da Paróquia algumas despesas com a realização da festa, conforme pode ser percebido na cláusula 5ª:

Estabelecem as partes que os festeiros e a Paróquia, para a realização da festa e durante a mesma, não terão despesas com segurança, congadas e congadeiros, inclusive com relação ao fornecimento da alimentação, roupas, materiais diversos, etc, que ficarão por conta da Casa dos Congadeiros. As despesas com fogos de artifícios, transporte e alimentação da Banda da Alvorada, serão de responsabilidade da Paróquia e dos festeiros (DOSSIÊ, 2010, p. 28).

Pelo acordo, pode ser percebida uma clara divisão. Enquanto a Associação obteve o direito à receita da festa, proveniente do aluguel do espaço público, em contrapartida ela ficou com todo o trabalho de organização dessas barracas e, segundo foi relatado nas entrevistas, “até mesmo a retirada dos alvarás dos comerciantes era realizada por ela (Associação dos Congadeiros)” (EC2). Além disso, a associação ficou responsável por montar a barraca do bingo, que é utilizada unicamente pela Paróquia, para arrecadação de dinheiro para a Igreja; bem como ficou proibida de angariar qualquer fundo para sua organização nos quatro meses que antecedem a festa.

De outro lado, a Paróquia se eximiu de qualquer ajuda financeira à Associação dos Congadeiros, ficando responsável, juntamente com seus festeiros, apenas pelos fogos de artifícios, transporte e alimentação da Banda da Alvorada.

Registro de matéria de jornal destaca que, em 2004, a organização e coordenação da FSB foi passada para uma comissão organizadora. Entretanto, até então, a prefeitura não participava efetivamente na organização do evento o que mudou após o registro da festa como patrimônio cultural imaterial do povo machadense, quando ela assumiu a responsabilidade legal de colaborar com a promoção do evento (DOSSIÊ, 2010), o que configurou uma

institucionalização formal da festa.

O processo de registro foi fruto da 1ª Conferência Municipal de Cultura de Machado, realizada em 23 de outubro de 2009 na Casa da Cultura, que, segundo Araújo (2014) mobilizou toda a comunidade local e onde foi discutida a importância da cultura como construção da identidade de um povo. Entre as propostas sugeridas na conferência surgiu a de promover o registro da FSB como patrimônio cultural e imaterial da população de Machado.

A partir daí, foi dado início ao trâmite burocrático para tanto, tendo sido instituído em âmbito municipal o registro de bens culturais de natureza imaterial, através da Lei Municipal n. 2.232 de 18 de março de 2010; o processo de registro foi regulamentado, através do Decreto n. 3.439, de 11 de maio de 2010; foi feita a nomeação de membros do conselho consultivo do patrimônio histórico e artístico de Machado – responsável pelo trâmite do processo de registro, através da Portaria n. 5.853, de 25 de maio de 2010; e, finalmente em 20 de julho de 2010 concluiu-se o processo de registro da FSB através do Decreto n. 3.487, de 20 de julho de 2010 (ARAÚJO, 2014).

Entretanto, foi apenas em 2013 que a prefeitura assumiu definitivamente a gestão da FSB, assumindo a responsabilidade pela organização estrutural do evento, publicando naquele ano a portaria n. 460, de 21 de junho de 2013, que instituiu uma comissão organizadora da FSB, nomeando membros de cada uma das secretarias envolvidas, um membro representando os moradores das adjacências da festa, do conselho consultivo do patrimônio histórico e artístico de Machado, da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, da polícia militar, da polícia civil, e do conselho tutelar (ARAÚJO, 2014)

Essa comissão atua em reuniões, convocadas pelo Prefeito da cidade, que se configuram em um espaço para discussão de questões que precisam ser resolvidas por todos, além de se constituir em ambiente de troca de informações e interação dessas pessoas.

Além disso, todos os anos, a prefeitura publica um decreto que dispõe sobre a realização da FSB, no ano de 2017 foi publicado o Decreto n. 5.364 de 04 de agosto de 2017, onde a Prefeitura estabeleceu medidas de higiene, segurança e proteção ambiental.

Nesse decreto, a prefeitura abrange toda a questão estrutural da festa, desde o dia e horários do evento, até mesmo as responsabilidades de cada uma das secretarias municipais para que o evento possa acontecer.

Acredita-se que o arranjo institucional que mobiliza os diversos grupos para a promoção da FSB e as atividades que cada um desses grupos mantém ao longo dos anos

ajudam na manutenção do evento, através da reprodução do capital social existente, bem como são fruto do processo anterior de negociação entre as partes, que por sua vez foi possibilitado pela existência do capital social.

4.1.1 Papéis e funções

O arranjo institucional atual, através da especificação clara de papéis e funções determina a organização do evento. Essas regras surgiram da própria comunidade, através da tradição, ou foram determinadas através de normas ou parcerias com o poder executivo local.

Putnam (2006) comprova através de sua pesquisa que o capital social se encontra em certas características da organização social, tais como as normas e os sistemas, além da confiança, cujo indicativo é a cooperação entre as pessoas.

Assim, o autor explica que a existência de normas de reciprocidade é um tipo de capital social e que facilita a cooperação das pessoas e de onde emana também confiança. Citando Geertz, o autor esclarece que a cooperação não reflete tanto um espírito geral de cooperação, como se as pessoas fossem naturalmente boas e aptas a ajudar, mas sim um conjunto de práticas explícitas e concretas que possibilitem a troca de serviços, capital e bens de consumo, e que servem para todos os aspectos da vida.

Assim, percebe-se que o capital social se materializa através de normas e regras que promovem a cooperação dos envolvidos e que minimizam alguma desconfiança quanto ao outro ou a baixa reputação que o outro possui. “A incerteza quanto a reputação e o risco de descumprimento são minimizados por normas rígidas e por uma densa teia de compromissos recíprocos” (PUTNAM, 2006, p. 178). Assim, normas rígidas e uma densa teia de compromissos recíprocos mantém a cooperação entre as pessoas.

Nesse sentido, através das entrevistas, pôde ser identificado o papel dos principais grupos na realização da FSB sendo que cada um contribui com a área para qual é voltado, mas, segundo constatou-se em entrevista, também ajudam o outro a conseguir superar suas dificuldades e realizar o que lhe incumbe (E1).

[...] na maneira do possível, o que um não pode, cada um fazendo a sua parte, mas os outros dois contribuindo para ele fazer aquela parte também. Então não são três coisas independentes, mas a paróquia faz de tudo, para que tudo possa... Para que a

prefeitura possa fiscalizar da forma correta, assim como a associação dos congadeiros também. Depois a congada né, tanto a prefeitura quanto a paróquia, trabalham para que possa acontecer da melhor forma, né, e a parte religiosa também. Os congadeiros e prefeitura eles oferecem todo o esforço que tem para deixar isso acontecer da melhor forma - parte religiosa (E1).

- A prefeitura - coopera com toda a infraestrutura, com a logística de funcionários, com recursos públicos né. A igreja tem a sua participação também na parte religiosa, a associação é fundamental na questão dos ternos de congada, acho que isso, os papéis a grande essência de estar permanecendo até hoje foi que os papéis são muito bem definidos né. A parte cultural, a parte religiosa, e o poder público abraçando na infraestrutura, na logística né, nesse processo de organização (E2).

É preciso fazer reuniões, e vi que foi mais fácil trabalhar com [...] do que com [...] (E3).

O papel da Paróquia está relacionado primordialmente, segundo E1, E2 e E3, sendo cada um desses entrevistados o representante de um grupo diferente, com os rituais religiosos. Porém, além disso, a Paróquia também é responsável pela organização das atividades destinadas a angariar recursos para si. Segundo E1, a contribuição da Paróquia se dá buscando manter a religiosidade da festa, sendo que toda parte religiosa fica a cargo do pároco que tem a responsabilidade de aprovar tudo o que será feito no que tange aos rituais religiosos.

Na comissão, tudo o que nós vamos fazer é decidido junto, mas é mais especificamente para – a paróquia -, é essa parte religiosa. Então tanto as missas, né, que tem a novena, depois tem a missa na praça que sempre acontece, a procissão e juntamente porque ela não resume só isso, mas – a paróquia - tem a obrigação também de indicar os festeiros, e os festeiros estão muito ligados com a associação dos congadeiros também, né, porque na alvorada a paróquia com os festeiros que oferecem um café para todos ali, né, depois nós temos, no último dia, né, os congadeiros vão até os festeiros para buscar os festeiros, vem até a igreja matriz, depois a gente caminha, em procissão, até o São Benedito, onde é anunciado os novos festeiros. Onde é coroado então ali também os novos festeiros, né. Então toda essa ligação porque ela não se dá simplesmente... só a missa. Mas então todo esse envolvimento com os congadeiros e com toda a comunidade. É muito mais do que só missa, né, mas manter, tudo isso está atrelado a nossa fé (E1).

Assim, cabe a Paróquia organizar as missas; as novenas; promover o tradicional leilão de gado com objetivo de angariar recursos financeiros para ela própria; conduzir a alvorada; indicar os festeiros – que serão os principais voluntários da Paróquia, pedindo doações e organizando a barraca do bingo; montar a barraca do bingo e realizá-lo; realizar o sorteio do carro bem como as procissões (DOSSIÊ, 2010; E1; E2; E3).

Também é papel da paróquia, através de seus festeiros, tal como avençado no Instrumento Particular de Avenças, fornecer os fogos de artifício para serem estourados

durante o evento, fornecer condução para os congadeiros saírem tocando na alvorada, bem como fornecer o café da manhã para os congadeiros, após a alvorada (DOSSIÊ, 2010; E1; E3).

É papel da Associação dos Congadeiros a organização no que tange aos ternos de congada, participação e incentivo aos mesmos, bem como a montagem da Tenda do Congo. Além disso, cabe à Associação organizar os rituais de abertura da Tenda do Congo; subida e descida do mastro; prêmio congada (concurso de poesia); bumba meu boi; reinado e dia do congo, com a premiação dos Ternos de Congada pela Associação dos Congadeiros. A associação também cumpre com seu papel de incentivo às congadas, através de alguns de seus congadeiros que vão até as escolas que possuem congada mirim para ensinar e ensaiar as crianças voluntariamente, contribuindo para a perpetuação da cultura das congadas e a participação destas no município.

O papel da Associação, além de marcado culturalmente, é reforçado através do convênio firmado juntamente a Prefeitura de Machado, uma vez que atualmente os congadeiros não mais recebem os valores arrecadados com os aluguéis do espaço público, sendo tal locação realizada pela prefeitura. O objetivo do convênio, segundo a cláusula 1ª do referido documento é firmar a colaboração do Município para que a associação preste seus serviços de preservação da cultura Machadense, principalmente no que tange as congadas e à FSB. A verba destinada à associação no ano de 2017 foi de R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais) e, além de executar seus trabalhos visando a preservação da cultura Machadense, a associação deve seguir alguns trâmites burocráticos como prestar contas do recurso financeiro recebido, não efetuar nenhuma despesa antes ou depois do prazo de vigência do convênio, arquivar a documentação comprobatória das despesas pelo prazo de 5 anos, manter a conta bancária e manter em local visível na sua sede uma placa com os dizeres: A associação dos Congadeiros de Machado funciona em parceria com a Prefeitura Municipal de Machado, através de convênio (MACHADO, 2017).

A contribuição mais efetiva da prefeitura em relação à organização da FSB se deu após o registro da festa como patrimônio cultural imaterial. Atualmente, o papel da prefeitura é cuidar da logística que envolve a promoção da FSB, a infraestrutura, tomar conta da parte administrativa, do aluguel do espaço público para as barracas, do incentivo às congadas através de parcerias com a Associação dos Congadeiros (E2).

o poder público contribui com subvenção, com incentivo à congada, com parcerias através da associação de congadeiros, né, em toda a logística, em toda a infraestrutura, em todo um layout, em todo um serviço que o poder público, não só a secretaria de cultura, mas outras secretarias vão estar envolvidas aí nesse acontecimento importante e já histórico e cultural de machado (E2).

Além disso, a prefeitura incentiva as congadas através de repasse financeiro aos ternos de congo e ajuda aos ternos das congadas mirins, fornecendo repasse em dinheiro ou disponibilizando alguns materiais como tecidos para feitura de roupas. Entretanto essa contribuição à congada mirim não é regular, conforme pôde ser constatado pelas entrevistas (EE3).

Muitas vezes ela – a prefeitura - já compra, por exemplo, ano passado ela já comprou os tecidos e mandou para nós. Nós fizemos uma listagem do que nós íamos precisar e ela mandou para nós. É isso, então, acontece de ter ano que não. Já teve ano que não, entendeu? Aí a gente, igual eu te falei, nós reciclamos, usamos outras né. Nós temos dificuldade com os instrumentos, para repor esses instrumentos, entendeu. São caros, né. Então aí não é todo ano que a gente tem essa ajuda, então por exemplo, as vezes eu uso assim, eu tenho a verba que vem para escola. Aí muitas vezes para compra desse instrumento a gente usa essa verba também. Então no caso esse repasse anual não é suficiente para atender todas as necessidades da escola pra sair com a congada mirim. Acaba que a escola tem que se dedicar e conseguir para poder suprir as necessidades (EE3).

Além disso a Prefeitura estabelece todos os anos uma comissão organizadora da FSB, onde através de uma portaria nomeia membros para que discutam em reuniões questões pertinentes à organização do evento. Os membros são indicados pelas secretarias de governo, bem como pelas demais instituições que participam das reuniões, tais como Associação dos Congadeiros, Associação Comercial, moradores das adjacências, Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico de Machado, Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, Polícia Militar, Polícia Civil, Conselho Tutelar e, para acompanhar os trabalhos da comissão há pessoas indicadas pela Secretaria Municipal de Fazenda, Câmara Municipal e pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto.

As secretarias de governo envolvidas são a de Obras e Serviços Públicos, a de Educação, a de Saúde, a de Agricultura e Meio Ambiente, a de Governo e a de Planejamento.

Nesse sentido, alguns representantes comparecem nessas reuniões, que são uma oportunidade de as instituições ouvirem as demais e serem ouvidas, podendo dar opiniões e sugestões, e obter esclarecimentos.

Além disso, a prefeitura emite decreto estabelecendo medidas de higiene, segurança e de proteção ambiental, além de dispor sobre a realização do evento. No ano de 2017 houve a

publicação do Decreto n. 5.364, de 04 de agosto de 2017, que estabeleceu o papel de cada secretaria para que a festa fosse realizada. Abaixo segue tabela com as definições feitas pelo Decreto.

Quadro 2 – Definição de papéis pelo Decreto n. 5.364/17.

(continua)

ÓRGÃO	PAPEL DURANTE A FESTA
Secretaria de Obras e Infraestrutura	<p>I – manter caminhão pipa, durante todo o evento, em local a ser indicado pela Polícia Militar;</p> <p>II – instalar lixeiras para disposição de resíduos orgânicos e inorgânicos na Praça de São Benedito e na extensão das Ruas Airton Rodrigues e João Batista de La Salle;</p> <p>III – realizar a limpeza diária do local do evento;</p> <p>IV – lavar áreas consideradas insalubres, desde que necessário;</p> <p>V – cuidar da limpeza e manutenção dos locais de realização da FSB e da iluminação da Praça de São Benedito;</p> <p>VI - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Meio Ambiente	<p>I - realizar medição, através de decibelímetro, de volume de som produzido durante e em razão da FSB em, ao menos, quatro pontos diferentes, durante todos os dias do evento, pela manhã, à tarde e à noite, registrando em arquivo próprio;</p> <p>II – auxiliar a Secretaria de Obras na implantação de coleta de lixo, durante todo o evento, sendo realizadas vistorias e orientações periódicas;</p> <p>III - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria Municipal de Saúde	<p>I – promover a fiscalização e apreensão imediata de produto alimentício sem procedência e em desacordo com as normas sanitárias deste Decreto;</p> <p>II – manter ambulância com equipe médica no local durante o evento;</p>

Quadro 2 – Definição de papéis pelo Decreto n. 5.364/17.

(continuação)

Secretaria Municipal de Saúde	<p>III – adotar medidas de vigilância epidemiológica e de assistência;</p> <p>IV – zelar pelas medidas de higiene no que tange aos produtos comestíveis comercializados e sua manipulação;</p> <p>V - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte	<p>I – coordenar a programação cultural do evento;</p> <p>II – divulgar o evento para fins turístico e de informação ao turista;</p> <p>III – auxiliar as demais Secretarias envolvidas na realização do evento;</p> <p>IV – tomar declaração formal do interessado ou beneficiário de alvará de localização de barraca de queeste tomou conhecimento das regras impostas pelo Decreto e que assume responsabilidade pelo cumprimento;</p> <p>V – desenvolver os três primeiros itens em parceria com a Associação dos Congadeiros, nos termos do convênio celebrado entre o município e a referida associação;</p> <p>VI - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria Municipal de Fiscalização	<p>I – disponibilizar fiscais para prestação de serviços durante o evento;</p> <p>II – conferir dimensões de barraca, para emissão de alvará;</p> <p>III – remover, imediatamente, barraca instalada por particular não cadastrado e ou em desacordo com as normas do Corpo de Bombeiros;</p> <p>IV – acionar a Polícia Militar para apreensão de produto ilegal, de procedência duvidosa ou que esteja em desacordo com o Decreto n. 5.364/2017;</p>

Quadro 2 – Definição de papéis pelo Decreto n. 5.364/17.

(continuação)

Secretaria Municipal de Fiscalização	<p>V – verificar o cumprimento das exigências no que tange às barracas, seu local de instalação e obediência ao Projeto Técnico de Combate a Incêndio e Pânico, devidamente aprovado pelas autoridades competentes; banheiros químicos, saídas de emergência, tudo conforme o referido projeto;</p> <p>VI - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria Municipal de Fazenda	<p>I – cadastrar comerciante;</p> <p>II – recolher e arquivar documentação comprobatória de procedência de mercadoria;</p> <p>III – recolher tributo atinente à instalação de equipamento;</p> <p>IV – disponibilizar funcionário para emissão de taxas e alvará, no local do evento;</p> <p>V - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria Municipal de Governo	<p>I – fixar horário de encerramento diário da festa;</p> <p>II – manter equipe no local do evento para orientação quanto aos procedimentos administrativos relativos à execução da FSB;</p> <p>III - promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.</p>
Secretaria Municipal de Planejamento	<p>I – proibir estacionamento de veículos nas ruas Joaquim Teófilo, Floriano Peixoto, Almirante Saldanha, Marechal Deodoro, Barão de Caxias, São João Batista de La Salle e Aymorés;</p> <p>II – implantar de 18 a 29 de agosto de 2017, mão única na continuação da Rua Dom Hugo até a Rua Aymoré;</p> <p>III – providenciar sinalização provisória, se necessária;</p> <p>IV – sinalizar a área do evento com placas indicativas e/ou orientadoras e demarcação do solo;</p>

Quadro 2 – Definição de papéis pelo Decreto n. 5.364/17.

(conclusão)	
Secretaria Municipal de Planejamento	V – promover medidas corretivas apontadas pelo Corpo de Bombeiros, com atendimento de notificações.
Serviço Autônomo de Água e Esgoto	I – promover ligação de água na Praça de São Benedito e na Rua São João Batista de La Salle; II – promover ligação de esgoto; III – disponibilizar equipe, durante todo o evento, para sanar possíveis intercorrências; IV – distribuição de água a congadeiros e equipe de trabalho.
Associação dos Congadeiros	I – elaborar projeto elétrico do evento, assinado por responsável técnico, sendo vedada à extensão de rede elétrica das residências; II – contratar equipe de segurança.
Comissão organizadora	I – determinar locais de queima de fogos de artifício.

Fonte: Elaborado pela autora com base no Decreto Municipal n. 5.364, de 04 de agosto de 2017.

Pode-se perceber que há o envolvimento de diversas secretarias municipais para que a FSB aconteça, bem como a atual importância da participação da prefeitura no processo de organização do evento, que além de cuidar da parte administrativa, através da secretaria de cultura também atua na definição das manifestações culturais, juntamente a Associação dos Congadeiros.

É clara a mudança ocorrida ao longo dos anos, de maneira que pode-se perceber que a festa em sua configuração atual está mais institucionalizada do que antigamente, funcionando com intensa participação do poder público, diferentemente do que ocorria antes, e, inclusive, através da publicação de leis que consolidam o papel de cada um dos grupos envolvidos e dá um caráter impositivo no que tange a realização pelos órgãos.

Como pode ser visto, as normas com a definição dos papéis de cada grupo, agora, são mais institucionalizadas, de maneira que a Prefeitura se apropriou de um sistema originado na tradição e confiança, fatores-chave, até hoje, na organização do evento, uma vez que particulares, e após, a Associação dos Congadeiros quem faziam o recolhimento das taxas e providenciavam a documentação e os alvarás pertinentes, bem como organizavam o evento como um todo, desde os horários dos rituais, até o aluguel do espaço público.

Nesse sentido, percebe-se que a confiança e as regras de reciprocidade entre os atores, formas de capital social, foram fatores cruciais na promoção da FSB, pois os comerciantes realizavam o pagamento de taxas para essas pessoas, que possivelmente não possuíam recursos para ressarcir-las em caso de eventual problema, uma vez que vários relatos em jornais da cidade, em vários anos diferentes, destacam as dificuldades financeiras da Associação dos Congadeiros e das congadas.

Com o passar do tempo, o capital social na forma de confiança e regras de reciprocidade entre os atores, tanto se consolidaram como normas institucionalizadas, como cederam espaço às regras do poder executivo, tais como obrigação da prefeitura em proteger o patrimônio cultural imaterial e cuidar do espaço público, o que também é uma forma de capital social, que reforça a cooperação entre as pessoas.

Além de desempenharem várias atividades durante a época da FSB, esses grupos desempenham outras ao longo do ano e que, direta ou indiretamente auxiliam na promoção da FSB e reforçam o capital social existente dentro desses grupos.

A Paróquia promove mensalmente outras festas em outros bairros, além de trabalhos sociais, tais como acompanhamento de famílias, custeio de remédios, oferecimento de cestas básicas, apoio a outras instituições de caridade, reformas de casas em condição precária, dentre outras atividades assistencialistas. O entrevistado E1 explica que esses trabalhos assistenciais promovidos contribuem indiretamente com a promoção da FSB, uma vez que demonstram à comunidade paroquial que o dinheiro arrecadado na FSB está servindo para a coletividade.

Sim e não. Não diretamente né. E sim porque as pessoas conseguem perceber também, né, quando falava né: “A festa é pra arrecadar dinheiro para a paróquia” né. Se não tiver nenhum serviço social também, pra que fazer uma festa? Só para manutenção da paróquia? A paróquia não gasta tanto assim. Então tem esse trabalho social [...] (E1).

Assim, argumenta-se que promoção da FSB com o objetivo de arrecadar dinheiro é justificada pelos ganhos que a própria comunidade recebe de volta através dos trabalhos sociais realizados pela instituição (E1).

A Associação dos Congadeiros participa de outras atividades em outros períodos do ano. As congadas se apresentam em outras festividades promovidas em outras cidades, o que traz retorno financeiro que auxilia na manutenção dos ternos; a Associação, através dos seus

integrantes, executa trabalhos voluntários dentro das escolas.

Nós acreditamos que estamos fazendo de um lado e de repente transforma e acaba pegando responsabilidade de outros pontos, que não nada a ver com a educação pedagógica. [...] Então nós fazemos várias coisas ao mesmo tempo, então não tem aquela coisa assim que nós vamos lá hoje, nós vamos, o objetivo nosso é trabalhar isso; amanhã o objetivo nosso é trabalhar aquilo; não. Nós temos que se fazer com é... De mil e uma utilidade, tanto dos professores, quanto dos alunos. E nós estamos tendo respostas (E3).

A fala do E3 é uma demonstração de como certas atividades são capazes de promover também a participação em outras, multiplicando a atuação do ator. O que ocorre é um investimento em capital social, considerando que, segundo Putnam (2006) práticas de assistência mútua representam esse investimento. Uma vez que as escolas auxiliam os ternos e a Associação dos Congadeiros na manutenção da cultura das congadas e, por sua vez, a Associação dos Congadeiros e os ternos auxiliam as escolas através de trabalhos com os alunos, ensaios de músicas, empréstimo de instrumentos, etc, tem-se uma estrutura de assistência mútua que representa um investimento em capital social.

Segundo Putnam (2006) as cadeias de relações sociais, bem como as normas, são formas de capital social que multiplicam-se com o seu uso e diminuem com o desuso. Nesse sentido, quando essas instituições que formam os grupos organizadores da FSB atuam em outras épocas do ano, em outros eventos, possibilitam a multiplicação do capital social o que pode contribuir para a promoção do sentimento de confiança e de ajuda mútua entre as pessoas, uma vez que o uso desse capital social promove o seu aumento, enquanto o desuso, promove na sua redução. A multiplicação do capital social não contribui apenas com esses eventos e trabalhos promovidos, mas também com outros que podem vir a surgir, inclusive em decorrência desse capital.

Tal questão pode ser percebida na fala de E3, que relata como os trabalhos em determinado grupo podem gerar benefícios em outros grupos, através da rede de relações sociais.

Porque nós trabalhamos com eles, vamos jogar aqui somente a questão da escola, nós trabalhamos com eles na escola durante um ano para que no mês de agosto eles ofereçam pra gente de uma forma diferente, principalmente na questão de disciplina, aquilo que na festa... Então vamos supor: tem alguns alunos que são indisciplinados. E nós usamos as congadas, dança, ou alguma parte de teatro, pra poder trabalhar a disciplina e nisso nós pegamos o bonde e trabalhamos os valores e tem a parte da sociabilidade, da socialização. Então, ou seja, é um grupo aonde um vai ter que

trabalhar junto com o outro, porque vai ter que ter harmonia, vai ter que ter a cadência, eles vão ter que cantar. Então um necessita do outro. E depois nós tentamos jogar, passar pra eles entender que dentro da sala de aula vai ter que ser da mesma maneira, que dentro de casa é da mesma maneira, na rua vai ser da mesma maneira (E3).

Também a Prefeitura exerce outras atividades durante o ano que não estão relacionadas diretamente com a FSB. A Secretaria de Educação Turismo e Esporte, o setor cultural de Machado, está passando por uma reorganização, buscando a criação de uma agenda cultural no município. Houve a promoção do encontro sul mineiro de Companhia de Reis e, embora seja uma linguagem diferente da das congadas, elas contribuem com a FSB no sentido da apropriação cultural pelos machadenses e, além disso, pelo fato de que, há companhias de reis que também são, durante a FSB, ternos de congada (E2).

Eles não contribuem do ponto de vista que são linguagens de manifestações culturais diferentes, né, a festa de São Benedito: congadas. Encontro de folia de reis: são as companhias de reisado. Então, são diferentes, mas o que me fez observar é que as pessoas se apropriam, o povo se apropria de ambas né. Por exemplo, no encontro de companhia de reis tem companhias de reis que também são, em agosto, são ternos de congada né, então eu observei isso né, que o Machadense ele, quando ele tem a possibilidade de se manifestar culturalmente ele está presente, esteve presente no encontro de folia de reis e estará presente também nas congadas de São Benedito (E2).

Pode-se considerar a existência de um capital social na Associação dos Congadeiros, uma vez que os atores que formam a associação se reúnem em momentos diversos para a promoção de outro tipo de festejo, qual seja, a Folia de Reis, fora da festa de São Benedito, mas que também é apropriada por eles, de maneira que a participação em outros eventos reforça essas relações entre as pessoas, o que acaba beneficiando a própria preservação da FSB, pois quanto maior o envolvimento desses atores entre si e com outras práticas sociais, maior a multiplicação do capital social.

Nesse sentido, pode-se perceber que a estrutura da FSB, através do arranjo institucional, forma de capital social à luz de Putnam (2006), embora tenha mudado ao longo dos anos, vem contribuindo para a manutenção dessa festa.

4.2 RELAÇÃO ENTRE OS PRINCIPAIS GRUPOS PROMOVEDORES DA FESTA

Para que a FSB fosse realizada, foram envolvidos vários atores sociais, que na presente pesquisa foram divididos em grupos para melhor análise e visualização.

A referida festa possui tanto programações culturais, como religiosas, conforme descrito no capítulo 3. Nesse sentido, um grupo apenas não seria capaz de promover a FSB em sua configuração atual.

A necessidade do envolvimento de vários atores, requer uma interação entre os mesmos. O presente tópico pretende compreender, através das categorias elencadas, como é a relação entre os grupos, tendo como fio condutor o conceito de capital social elucidado no referencial teórico, que considera a cooperação como um indicativo da presença de capital social, que permite o alcance de objetivos que, isoladamente, os atores não alcançariam, e que se materializa através da confiança, normas e sistemas de participação cívica.

Durante as entrevistas percebeu-se que os entrevistados partilham da mesma visão no sentido de que a festa demanda um esforço conjunto entre os atores quando foram questionados da possibilidade da realização da festa sem a cooperação entre os grupos:

[...] então tem toda essa colaboração, seria impossível eu fazer essa festa sozinho, seria impossível a prefeitura fazer sozinho, seria impossível os congadeiros fazerem sozinhos. Ela só acontece também por causa dessa interação e se juntasse paróquia, associação e prefeitura, se não tivesse o apoio do povo também a festa não aconteceria. Então é a junção de tudo que faz a festa acontecer (E1).

De maneira nenhuma né, ela não existe se não houver a cooperação desses três grupos por exemplo, grandes grupos né. Envolve outros grupos também, o grupo dos barraqueiros, o grupo da questão da segurança pública, mas o eixo norteador da festa, o tripé da festa de São Benedito de Machado é a prefeitura, a associação dos congadeiros e a igreja (E2).

Não seria possível. Há a necessidade, não seria possível não (E3).

Percebe-se que os entrevistados acima citados consideram indispensável a cooperação entre os grupos para a realização da festa. Nesse sentido, pode-se inferir, à luz da teoria de Putnam (2006) o alcance em conjunto de um objetivo que seria impossível de ser conquistado isoladamente.

O E3, em um primeiro momento, concorda com o pensamento acima citado. Logo após, reformulando o seu pensamento, passa a perceber que determinada instituição, sozinha, não seria capaz de promover o evento, entretanto, revela que, no seu modo de pensar, os outros grupos seriam capazes.

Isso. Não tem condições, vamos supor, a associação não consegue hoje, porque ela não tem recursos próprios. Então, se fosse jogar somente para a associação fazer a organização e pagar todas as dívidas, essa festa não teria condições de acontecer. A paróquia sozinha, ela tem um fator financeiro aquisitivo que ela pode, ela consegue fazer essa festa sozinha sim, e a prefeitura também consegue fazer essa festa sozinha (E3).

Pode-se perceber que, durante a construção da fala do entrevistado, há uma mudança de caminho onde, o motivo da incapacidade de determinada organização ser capaz de realizar a FSB sozinha, seria financeiro, bem como o motivo da capacidade dos outros órgãos em conseguir realizá-la gira em torno da questão financeira também. Entretanto, o que não foi contemplado pelo entrevistado é que a festa, como manifestação cultural, não depende apenas de recursos financeiros ou econômicos para ser realizada.

Como explicitado, a FSB possui vários elementos, dentre os quais merecem destaque as congadas, que representam forte elemento cultural do festejo, uma vez que persistem nele ao longo dos anos. A fala do E3, nos remete a um sentimento de desvalorização cultural, como se a festa continuasse a mesma sem as congadas, o que será analisado no capítulo pertinente.

Ante o exposto, pode-se inferir que para a realização da FSB é necessária a cooperação entre os diversos grupos - considerando que esta possibilita o alcance de objetivos que, sem ela (a cooperação), seriam inalcançáveis - e entre esses e a própria comunidade, o que pretende ser analisado com o auxílio das categorias abaixo.

4.2.1 Cooperação e conflito

4.2.1.1 Cooperação

Buscando alcançar os objetivos da pesquisa, a presente categoria se justifica pelo fato de que a cooperação é uma das bases do capital social e, também, devido ao fato de terem sido percebidas, ao longo das entrevistas, várias menções a práticas de cooperação entre as pessoas durante o evento.

Aos entrevistados foi perguntado sobre as percepções quanto aos comportamentos de

cooperação, confiança e solidariedade durante a realização da festa, fosse entre os grupos organizadores ou na sociedade em geral. Além disso, foi perguntado como são percebidos esses comportamentos, ou seja, de que maneira esses elementos se materializam².

Para Sá (2005), os temas da cooperação e solidariedade tem como problemática central a questão do laço social, possibilidades, mecanismos de produção e formas de manifestação, colocando em destaque a questão da fraternidade enquanto manifestação da produção do laço social.

Caponero (2009) entende que, para que determinadas festas sejam consideradas populares, sua manutenção deve se dar através da cooperação de toda a comunidade em que está inserida e, se não de todos, de grande parte dos seus membros. A cooperação deve estar presente em todas as etapas, desde a organização, até a preparação e fruição durante o evento, e, após, na reorganização para o retorno à rotina.

Por outro lado, a cooperação entre as pessoas, segundo Putnam (2006) é facilitada em comunidades que tenham herdado um bom estoque de capital social. Nesse sentido é que pretende-se analisar a existência e como se dá a cooperação nos diferentes momentos da FSB através da presente categoria de análise, que foi subdividida para melhor compreensão do tema.

Outrossim, embora exista cooperação em comunidades que possuem capital social, assim como nas comunidades cívicas descritas por Putnam (2006), elas não estão isentas de conflitos de maneira que também será analisada a existência de conflitos e em que medida eles ocorrem.

4.2.1.1.1 Cooperação entre os grupos

Primeiramente, cumpre salientar que nesta pesquisa foram considerados como grupos realizadores da festa de São Benedito a paróquia, a Associação dos Congadeiros, a prefeitura e os comerciantes da praça de alimentação, tendo em vista que a literatura local sobre o tema destaca a importância desses quatro grupos na produção do evento.

² Embora a pergunta direta sobre a percepção ou não da cooperação pelos grupos possa induzir o entrevistado a responder que a percebe, o que pode causar um efeito negativo na pesquisa, a questão é minimizada pelo fato de se questionar aos entrevistados como essa cooperação se dá.

Nas entrevistas realizadas foi possível perceber que nem todos os grupos possuem uma interação direta, de maneira que um colabora mais com outro e, em alguns casos, um grupo não colabora diretamente, ou seja, não oferece ajuda direta, não realiza trocas de favores, não estabelece um compromisso, com o trabalho do outro. Entretanto, de maneira indireta todos cooperam entre si porque cada um desses grupos é um elemento importante na festa, seja por sua colaboração, seja pelo fato de ser um atrativo para as pessoas irem ao evento.

Foi possível perceber pelas entrevistas que os grupos que realizam a organização da festa, através da definição de atividades, horários, pessoas das próprias instituições envolvidas na promoção do evento, são os grupos Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, Associação dos Congadeiros e prefeitura.

Os comerciantes que se localizam na Praça de São Benedito, embora não atuem diretamente na tomada de decisões dos assuntos da FSB, são parte importante da festa, uma vez que o comércio de alimentos típicos do evento, como o famoso biscoito com pernil, já é uma tradição que atrai muitas pessoas para a FSB, o que pode ser percebido pela dificuldade em se encontrar uma mesa nessas barracas. Entretanto, esse grupo não participa efetivamente na organização do evento, definindo horários ou ações de trabalho, e sua presença fica condicionada às normas impostas pela prefeitura para colocação de barracas, tais como medidas de segurança – utilização de lonas antichamas, solicitação de alvarás, pagamento de taxas etc.

Durante as entrevistas foi perguntado como os grupos cooperam entre si e onde mais cooperam. Pôde ser observado que os entrevistados consideram como cooperação o fato de que cada um cumpre com o seu papel na FSB e a participação durante as reuniões feitas pela comissão, onde é possível trocar ideias, dar sugestões e comunicar com outros grupos.

[...] nós nos reunimos né, e colocamos a disposição uns dos outros aquilo que agente tem, aquilo que a gente pode oferecer para que a festa aconteça. A [...] se mobiliza da melhor forma para não deixar nada de prejudicado na festa. [...] Cada um sabendo da sua função e não passando os limites. Isso é responsabilidade da [...], a gente graças a deus não tem nenhum problema da [...] chegar e falar: “Você não pode fazer assim”. Já tem essa estrutura né, então existe essa cooperação no sentido de um respeitar o espaço do outro e tem esse respeito e por isso a festa acontece (E1).

O E1 deixa claro que a cooperação ocorre na medida em que todos deixam à disposição aquilo que possuem, e em que todos cumprem com as tarefas que lhes incumbem, respeitando os limites existentes e respeitando o espaço um do outro.

O E3 por sua vez, quando indagado como as referidas partes cooperam respondeu que é preciso fazer reuniões e destaca que é mais fácil trabalhar com determinado ator do que com outro, evidenciando possíveis conflitos de interesses que dificultam a cooperação e que serão analisados em tópico apropriado.

A [...] – *um dos grupos realizadores* - também é aparentemente aberta, tem os pontos de vistas que eles trazem que seria pessoal que as vezes dificulta, mas com jeitinho a gente consegue chegar também num, digamos aqui, num denominador comum (E3).

Pode-se perceber que existe a superação das dificuldades através da criatividade, de soluções alternativas para os eventuais problemas, indo ao encontro do que Putnam (2006) destaca no seu livro como cidadãos virtuosos, que possuem “opiniões firmes sobre as questões públicas, mas que são tolerantes aos seus oponentes”.

Os três principais grupos promovedores do evento cooperam entre si na medida em que cumprem com suas atribuições e que auxiliam o outro no que for necessário.

Essas atribuições foram, primeiramente, definidas tradicionalmente, posteriormente, algumas delas foram acordadas no instrumento particular de avenças, firmado em 2010. Além disso, algumas atribuições, no que tange ao papel da prefeitura, foram fruto do registro da festa como patrimônio cultural imaterial. Todas essas atribuições, pela força tradicional que possuem, vem sendo reproduzidas ao longo dos anos pelos atores. Tal pensamento vai ao encontro do que Geertz, segundo Putnam (2006) entende como cooperação. Não se trata tanto de um espírito geral de cooperação, mas de um conjunto de práticas explícitas e concretas de troca se serviços, capital e bens de consumo, que podem ser úteis a todos os aspectos da vida.

Cumprе salientar que os entrevistados tiveram dificuldade em demonstrar como se dá a cooperação entre os grupos de maneira que a ajuda mútua e os papéis, já incorporados através da tradição, acerca do que cada grupo irá fazer para que a FSB aconteça, foram vistas como a cooperação entre dois dos três grupos organizadores (Prefeitura, Associação dos Congadeiros e Paróquia).

Segundo Ostrom (1990 *apud* PUTNAM, 2006), determinada organização que tenha tido algumas experiências por tempo considerável, desenvolvendo normas e padrões de

reciprocidade oferece aos indivíduos capital social para criação de mecanismos institucionais indispensáveis para a solução de seus dilemas.

Pode-se relacionar o exemplo acima com a situação vivenciada pelos grupos organizadores da FSB em que, em decorrência das experiências obtidas através da realização das festas criaram normas (sejam escritas ou consuetudinárias), dispondo assim de um capital social capaz de facilitar soluções para seus problemas.

Putnam (2006) assevera que são características do capital social a confiança, normas e cadeias de relações sociais, características que fazem o mesmo ser considerado bem público.

A ideia de confiança pôde ser observada na relação entre os grupos pela divisão do trabalho. Assim como preceitua a teoria de Coleman (1988), que fora utilizada por Putnam (2006), ao ser dividido o trabalho e ao caber a cada parte contribuir em uma parte específica, pressupõe uma confiança de que o trabalho da parte A será realizado, fazendo com que a parte B e C, cumpram seu papel, colaborando com o objetivo final. Trata-se de expectativas e obrigações perante o outro.

Isso se dá tendo em vista que as expectativas e confiabilidade dizem respeito a situação de troca de favores. Segundo Coleman (1988), essa forma de capital social depende de dois elementos, quais sejam, confiança no meio ambiente social de que as obrigações serão cumpridas e a extensão real das obrigações.

Tal confiança não precisa ser inabalável, bastando a mera previsão do comportamento de um ator independente (PUTNAM, 2006). No caso da FSB, existem três atores independentes e que já foram definidos, segundo o E3 como o tripé da festa de São Benedito.

A confiança em que o outro grupo irá fazer o que se comprometeu se baseia em sua própria palavra e, conhecendo a sua disposição, suas alternativas e as consequências do não cumprimento, acredita-se que ele preferirá cumprir com o combinado (PUTNAM, 2006).

Granovetter (1985) ao tratar da confiança explica que uma das motivações para não fraudar ou não enganar, rompendo assim com a confiança existente, é o custo de reputação, haja vista que pessoas com boa reputação são consideradas mais confiáveis e possuem melhores informações.

Então toda a parte [...] está submetida à minha aprovação. Eu tenho entre aspas “o poder”, se eu quiser falar: - “Não vai ter a parte [...]”, eu poderia. É claro que isso causaria um escândalo... até jamais faria isso (E1).

Pelas palavras do E1 pode-se perceber claramente que, embora ele se considere alguém com o poder para subverter à ordem tradicional, não o faria, reconhecendo que tal atitude causaria um escândalo. Nota-se uma clara preocupação com a sua imagem e com a imagem da instituição.

O exercício do poder de modo a romper com as práticas já tradicionalmente ou normativamente firmadas, denigriria a reputação da instituição que, segundo Puntam (1993) é indispensável na manutenção da confiança, que por sua vez, garante a cooperação e, assim, os indivíduos tentam manter sua reputação inabalável. Assim, nesse caso, a cooperação se mantém pela existência das práticas em conjunto, do disposto no Instrumento Particular de Avenças e do temor em causar um escândalo, ou seja, o ator se sente na obrigação de continuar contribuindo.

Para Putnam (2006) as normas também são uma forma de capital social e percebeu-se a presença das normas nas entrevistas quando foi mencionada a existência de uma definição de papéis no Instrumento Particular de Avenças, além de existirem as normas consuetudinárias, feitas na prática e culturalmente mantidas pelos grupos.

Nesse sentido, existe uma relação de cooperação, mantida pela tradição das práticas, pelo Instrumento Particular de Avenças e pela institucionalização das funções por meio das normas da prefeitura, onde cada um contribui de alguma forma para a promoção da FSB, de maneira que juntos, conseguem realizar uma festa que, isoladamente, não conseguiriam realizar, o que vai ao encontro do que Putnam (2006) entende por capital social.

Cumprir salientar que, durante a pesquisa, foi constatado que os comerciantes da praça de alimentação contribuem com a FSB, sendo um atrativo para a população, uma vez que a culinária e o espaço proporcionado por elas constituem-se em uma forma de lazer bastante procurada pelas pessoas que participam da festa.

Entretanto, durante as entrevistas notou-se que há pouca relação desse grupo com a paróquia e com a Associação dos Congadeiros, onde os entrevistados relataram que essas instituições não mantêm uma relação direta com os comerciantes e muito menos interferem de alguma maneira nos trabalhos deles (C1; C2; C3). Isso dificulta a cooperação.

Foi possível constatar que a entidade que mantém, segundo os comerciantes entrevistados, maior relação com eles é a Prefeitura, uma vez que é a Prefeitura quem faz a gestão das barracas, através do recolhimento dos impostos e da fiscalização das mesmas no que tange à obediência das medidas de segurança. Essa relação é verticalizada, uma vez que a

Prefeitura exerce seu poder sobre as barracas, definindo normas, fiscalizando e impondo sanções e, para Putnam (2006), relações mais verticalizadas dificultam a cooperação.

A gente paga uma taxa para prefeitura para poder estar ajudando a realizar a festa [...] (EC2).

[...] caso eu precise de um segurança que fica em frente a barraca, eles mandam [...] (EC2).

No entanto, os entrevistados entendem que colaboram com a Prefeitura através do pagamento das taxas e que, na medida do possível, a prefeitura colabora com eles, através da colocação de um segurança, por exemplo, na frente da barraca em um momento de necessidade (EC2).

4.2.1.1.2 Cooperação dentro dos grupos

O entendimento do que é capital social para Putnam (2006) perpassa pelas redes de relações entre os indivíduos, capazes de produzir e manter o capital social e que o autor denomina de sistemas de participação cívica, entendido por ele como redes de relações sociais pautados em relações horizontais.

As instituições Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio e Associação dos Congadeiros possuem número elevado de, no caso da paróquia, fiéis, e no caso da Associação, associados. Nesses grupos, pode-se constatar que também há grande mobilização social (E1; E2; E3).

Os grupos Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio e na Associação dos Congadeiros, possuem cadeias extensas de relações sociais, sendo que a Associação dos Congadeiros, de acordo com E3, conta com aproximadamente cinco a seis mil congadeiros, que também são considerados voluntários. Esses integrantes não cooperam, juntos, apenas para a realização da FSB, mas também para outros objetivos da associação de maneira que o capital social é reforçado nessas contribuições.

Dentro da Associação dos Congadeiros foi relatado que a cooperação acontece durante as reuniões, que ocorrem todos os meses, no primeiro domingo do mês onde os participantes

discutem assuntos relevantes para o grupo, sendo aberta a palavra para que possam emitir opiniões e sugestões. As decisões são tomadas em conjunto pelos congadeiros que buscam chegar em um denominador comum nos assuntos debatidos.

Tem as reuniões feitas uma vez por mês na associação e a colaboração, ou seja, a cooperação, acaba acontecendo dentro e nesses horários dessas reuniões que é o primeiro domingo de cada mês, então, ou seja, tem alguns que não concordam com determinadas atitudes que o outro terno tomou, mas acabam chegando num denominador comum [...] (E3).

A Associação dos Congadeiros, importante salientar, contém cerca de 20 ternos de congo, que, assim como os movimentos pastorais (da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio), são grupos independentes. Os ternos de congo, em sua maioria, são compostos por familiares que vão passando de geração em geração a tradição. Além de contribuírem com a parte cultural da festa, com a apresentação das congadas nos eventos, contribuem também com a associação da qual fazem parte.

No interior de cada terno, foi igualmente percebida a presença de elementos de confiança, cooperação e solidariedade. Os ternos também são voluntários, recebendo apenas uma subvenção da prefeitura para custeio de gastos durante a FSB. Vários participantes dos ternos, tem seu início na congada desde a infância.

O nosso terno é tudo união, porque é mais família. E mesmo assim os que não são família a gente trata como família. [...] aqui é mais é família, cada um ajuda no que pode. [...] A gente põe a congada na rua pro povo apreciar (TC1).

Putnam (2006) afirma que os laços de parentesco desempenham papel especial na resolução dos dilemas da ação coletiva, sendo comparáveis aos vínculos horizontais de engajamento cívico. Entretanto na perspectiva de ampliação das redes, citando Granovetter, afirma que os vínculos mais fortes, tais como os de uma família, são menos importantes que os mais fracos, tais como afiliações à associações. Isso se dá porque os vínculos fortes costumam se concentrar em grupos determinados, enquanto os mais fracos são mais abrangentes.

Segundo Putnam (2006) as associações fortalecem a solidariedade comunitária, uma vez que envolvem práticas de mútua assistência, demandando a existência de laços de confiança. Assim, o fato de existir uma associação dos congadeiros demonstra uma certa coesão social entre eles, que se organizam conjuntamente para obter melhorias. Entretanto,

por outro lado também há muita disputa entre os ternos, que será analisada em capítulo próprio.

Da mesma forma, segundo relatado nas entrevistas e pôde ser percebido na pesquisa observacional, que a paróquia conta com a participação de várias pessoas que se organizam em vários movimentos pastorais diferentes, não sabendo a instituição precisar ao certo a quantidade de pessoas. Os voluntários ajudam de diversas maneiras, dentro ou fora da igreja, durante as missas ou fora delas.

No caso da paróquia, interessante notar que, além dos voluntários comuns que auxiliam na realização da festa, existem os festeiros, pessoas responsáveis por toda a organização do evento, no que tange à parte religiosa. A nomeação dos festeiros é tradicional durante a FSB, sendo reconhecida pela paróquia a dificuldade em se conseguir voluntários para essa colocação, tendo em vista a grande responsabilidade, o número elevado de dias em que a festa ocorre e a demanda de trabalho que eles possuem, chegando ao ponto de os festeiros se absterem de seus trabalhos durante o período da festa.

Os festeiros se compõe de quatro casais escolhidos pelo pároco e fazem diversas atividades antes, durante e depois da FSB. No período anterior à festa, buscam contribuições para o leilão de gado e o realizam, bem como arrecadam brindes para o bingo. Participam e auxiliam nas atividades religiosas, além de oferecer o tradicional café aos congadeiros, após a alvorada. Durante a festa, administram o bingo da paróquia e participam dos eventos religiosos. Após a festa continuam cuidando da venda dos bilhetes do carro, tradicionalmente sorteado pela Paróquia. Tanto o leilão, como o bingo e a venda dos bilhetes do carro, que são feitos pelos festeiros, buscam a arrecadação de dinheiro para a paróquia.

Os voluntários comuns da paróquia, cooperam através do auxílio na venda dos bilhetes do carro; trabalham na barraca do bingo; doam prendas para a barraca do bingo; doam dinheiro; doam animais para serem leiloados no leilão de gado; participam do leilão e, não raro, pode-se observar pessoas que arrematam um animal, mas doa-o para a paróquia leiloar novamente em seguida, com o intuito de ajudá-la; as pastorais auxiliam na celebração da missa, tais como a pastoral da liturgia e a pastoral do dízimo; auxiliam no carregamento dos andores durante a procissão; dentre outras atividades que evidenciam a cooperação das pessoas para com a paróquia e para com a festa de maneira geral.

Pode-se também perceber cooperação em vários outros relatos à respeito da FSB como, por exemplo, a incorporação das congadas no evento pelo Cônego Walter Maria

Pulcinelli.

[...] Interei-me dos pormenores da comemoração e logo percebi a necessidade de melhorá-la, não no espírito religioso, mas no folclórico e popular. Não havia, então, interesse maior das autoridades em relação à festa, nem entidade alguma que representasse o folclore das congadas. [...] Começamos por enriquecer a indumentária da Corte, mandando fazer um manto real para o Rei Perpétuo e sua coroa. [...] (PULCINELLI, 2004, p. 40).

A cooperação do referido Cônego também é reconhecida pelo E3 que relata que fora o Cônego quem realizou a organização para resgatar o “Reinado” e além de ajudar nos acessórios necessários, deu “ideias para que as pessoas não perdessem a tradição”. Segundo o mesmo entrevistado “ele sempre estava junto com esses congadeiros durante esse período [...]. Então sempre eu posso te dizer que ele foi um dos colaboradores que.. ajudou na reestruturação dessa festa” (E3).

4.2.1.1.3 Outros locais de cooperação

Além disso, foram relatadas nas entrevistas a presença do auxílio de agentes externos aos grupos:

Nós recebemos ajudas individuais assim porque eu conheço muita gente eu vou atrás, eu peço então as pessoas me ajudam. Mas em si assim nós não temos muita ajuda não. Tem uma ajuda do município mas em relação ao que a gente gasta, de relação ao que a gente tem de despesa é irrisória, mas é só o que a gente tem (TC2).

Por meio das falas dos entrevistados, os mesmos afirmaram perceber a cooperação espontânea de diversas pessoas para com os grupos, e essas pessoas não necessariamente são integrantes desses grupos. Foi relatado que existem pessoas que contribuem doando dinheiro, alimentação, fazendo comida gratuitamente para os ternos de congada, doando copos, olhando os filhos de outras pessoas para que possam se apresentar durante a FSB, emprestando imagens para utilização na Tenda do Congo, auxiliando na fiscalização do evento – comunicando diretamente à autoridade policial acerca de irregularidades notadas, costurando as fardas dos congadeiros, dentre outras inúmeras atividades que minimizam as dificuldades

que os congadeiros enfrentam para participarem do evento e possibilitam o alcance de um objetivo que, sozinhos, eles não conseguiriam (E3).

Foi percebida em pesquisa observacional várias atitudes de colaboração da população em geral, nas mais diversas atividades, desde organizacionais, até na participação durante as apresentações culturais. Em especial, é reconhecida no livro *O fermento popular – cem anos a participação da comunidade*, destacando-se a presença de figuras como o “Maurinho Som”, domiciliado na Praça de São Benedito e que há mais de trinta anos promove, voluntariamente, o serviço de som da festa (ARAÚJO, 2014).

Além disso, os comerciantes também cooperam entre si através do auxílio nas atividades comuns do dia a dia, como empréstimos de objetos, gás, observação do movimento na Praça de São Benedito para garantir a segurança, dentre várias outras práticas que se constituem em verdadeiras trocas entre os atores.

Uai cada um tenta fazer assim o melhor, assim. O que tem, pede para cooperar a gente sempre da um jeito assim. [...] a gente tem uma relação assim bem amigável, todo mundo conversa. Antes a gente sempre reúne para ver preço para poder padronizar, para ninguém passar acima de ninguém. Então assim são bem amigo, um prestando ajuda para outro que precisa. Um está lá, assim. – Um coopera com o outro por meio dos - os preços que são tabelados para não sacanear ninguém e tudo assim, que a gente precisa, por exemplo, duas horas da manhã você precisa de um botijão de gás, aí você corre no vizinho e sempre um está disponibilizando a ajudar o outro (EC2).

Os comerciantes também cooperam entre si através de uma determinação de preço dos alimentos, onde eles se reúnem e combinam os preços que serão praticados naquele ano, para que nenhum barraqueiro se sinta prejudicado com a cobrança de preços irrisórios de um lado, ou ganho absurdo de outro, quando as barracas já estão lotadas e não há mais opção de escolha por preço pelo consumidor.

Também foi valorizada nas entrevistas a cooperação entre os congadeiros e as escolas que possuem o projeto de congada mirim. Os congadeiros se dispõem a ajudar ensaiando as crianças e jovens, além de emprestar instrumentos.

Aí é aquele instrutor da congada, aquele amigo da escola, aquele congadeiro que já participa junto com eles, que já ensaia a música com eles, já prepara tudo isso. [...] vem um congadeiro voluntário (EE1).

A gente faz os ensaios com um congadeiro de uma congada já adulta, que se pré dispõe a estar todo mês, uma vez por mês, estar na escola pra nos ajudar (EE2).

Por exemplo eu conto com voluntários, congadeiros, pessoas que me ajudam nos ensaios. A gente esbarra muito assim, as vezes eles (os congadeiros) querem contribuir, eles querem ajudar com ensaio que a gente precisa, orientação da congada em uma palestra. Só que assim devido eles terem horário de trabalho, tudo, eles podem vir fora do horário, nosso horário de aula né, horário que o aluno está na escola. E fica difícil trazer esses alunos em outro período, por exemplo, final de semana, em um sábado né, ou fora do horário, a tarde assim, horário que os congadeiros já estão em casa e podem vir. Aí fica complicado. Então eles até falam que poderiam se inteirar mais, ajudar, mas que esbarra nisso (EE3).

Nesse sentido, pode-se relacionar as várias espécies de contribuição com os sistemas de participação cívica citados por Putnam (2006), pois elas se dão por diferentes categorias sociais, promovendo uma cooperação mais ampla.

Além disso, vale lembrar que durante a FSB há uma grande presença de cooperação voluntária o que, para o supracitado autor, depende do capital social.

4.2.1.2 *Conflito*

Embora seja percebida a grande cooperação que gira em torno da promoção da FSB, as relações entre os grupos não estão isentas de conflitos. Entretanto, os mesmos não foram apontados como elemento impossibilitador da promoção do evento.

O conflito pode ser considerado como o processo ou o estado em que dois ou mais indivíduos discordam sobre metas, interesses ou objetivos individuais, percebidos como mutuamente incompatíveis (YARN, 1999 *apud* AZEVEDO, 2009).

Para Paxton (2002), o capital social pode produzir, também, efeitos negativos, gerando conflitos. Tal situação poderá ocorrer quando, por exemplo, haja uma grande coesão intra-grupos, chamada de confiança localizada, e pouca coesão inter-grupos, chamada de confiança generalizada, podendo ocasionar conflitos entre os grupos envolvidos.

Foi perguntado para os principais grupos realizadores da FSB se havia muitos conflitos e discussões entre eles, buscando verificar se eles ocorrem e como ocorrem.

[...] existem conflitos, sim. Muitos, não. Os conflitos que acontecem que não é algo planejado: “Eu não concordo com fulano e já vou armado para ter uma discussão”, mas há discussão porque, as vezes, um fala e o outro não concorda. Discussão e não briga. Graças a deus, o tempo que eu estou aqui eu não vi nenhuma briga entre esses

membros né, agora discussão e a discussão é saudável. As vezes a pessoa altera um pouquinho a voz, mas sempre o outro abaixa o tom e espera a pessoa acalmar também né. Nunca tivemos nenhum problema nisso. Discussões, críticas né, mas que possa realmente contribuir. A crítica é sempre bem-vinda quando ela é feita pra mim. [...] Agora entre essas organizações, acredito que é muito saudável, tem críticas, tem discussões, mas nós conseguimos chegar num ponto comum (E1).

[...] acredito que vá haver debates em relação a ocupação de espaço, a questão da igreja, do papel da igreja, do papel dos congadeiros, acho que isso é natural, de uma festa grande né, os horários, os tempos de manifestação, o espaço que os congadeiros têm que se manifestar, né. A questão do repasse do recurso público que a prefeitura vai dispor. Acredito que isso é natural [...] isso pode vir a acontecer e acredito que vá acontecer, é um processo que as vezes as pessoas: - “Ah mas é um conflito e tal.” Sim, mas é para o bem né, acho que não é a toa que está aí há 100 anos, há mais de 100 anos e isso é natural né (E2).

Existem, sempre. E eu acredito que é até um ponto positivo porque por meio dos conflitos acaba quebrando certos paradigmas. Então um joga uma ideia o outro não aceita, acaba discutindo e de repente aparece uma ideia nova que fica em comum pra todos. Aí dá pra, eu acredito que sim, que é necessário, é um ponto positivo as discussões (E3).

Através das falas dos entrevistados pode-se perceber que os conflitos existem e surgem pela divergência de opiniões ou mesmo pela luta por seu espaço durante o evento. Entretanto, também é possível perceber que entre todos os principais grupos, os conflitos foram vistos como algo natural e, além disso, como um ponto positivo, de maneira que é através deles que o evento se engrandece, se quebram paradigmas e se promovem melhorias na FSB.

Além disso, também pode ser constatada tanto pelas falas de E1 e E3, quanto pela realização em si do evento, que os conflitos são superados e que as partes conseguem administrá-los a fim de se alcançar um denominador comum.

Tal como nos dilemas da ação coletiva, a confiança, a cooperação, a tolerância e a solidariedade entre os grupos permite que eles tomem ações que trazem resultados positivos para todos (PUTNAM, 2006).

Durante as entrevistas, pôde ser percebido que os conflitos surgem nas mais diversas formas e giram ao redor dos interesses que cada grupo, particularmente, possui, bem como do que cada grupo enxerga como sendo interesse dos demais.

A [...] – *um dos grupos organizadores* - não tem conversa porque a [...] se fala somente no financeiro e, dificilmente, você encontra uma liberdade, ou seja, um espaço, então não - *não há cooperação* -. Eu percebi isso, por causa de [...] houve discussões, tudo, o [...] diminuiu esse ano a parte dos [...] que é responsabilidade dele (E3).

Nesse sentido, pode-se perceber que os conflitos surgem também em decorrência do descumprimento dos deveres preestabelecidos a cada parte para a realização do evento, o que, de certa forma, abala a confiança e a cooperação entre os grupos. Segundo Putnam (2006) a expectativa de que os outros seguirão as regras facilita a vida coletiva.

E2 também reconhece a existência de interesses diversos. Acredita haver a solidariedade, cooperação e confiança, mas ciente que existem interesses por trás disso, considerando como algo normal de relações institucionais.

Eu acho que deve existir (cooperação, solidariedade e confiança), mas tem um critério aí nessa pergunta, existem interesses também né. [...]. Mas acho que existe esse diálogo, acho que tem uma relação de confiança, senão não estaria aí nesses 100 anos mas acho que há os interesses, os interesses das entidades da sociedade civil, da igreja sim. Isso é notório e eu acho que em qualquer relação de instituições diferenciadas né, cada um com sua missão, com seus interesses, com seus objetivos né (E2).

Além disso, a utilização do espaço público onde se realiza a festa é fonte de conflitos entre os mais variados atores, seja entre os grupos organizadores, seja entre os próprios congadeiros e os comerciantes que se situam na Praça de São Benedito.

A praça passou por algumas reformas ao longo dos anos, o que, segundo E3, diminuiu o seu espaço. A revista *Imagem & Conteúdo* (2014), em matéria que aborda as três grandes reformas realizadas na praça informa que a “obra, entretanto, deixou a desejar” (PRAÇA..., 2014, p. 66) e que o prefeito cujo mandato foi realizada a obra, ao voltar ao governo municipal em 2013, cogitava realizar um projeto de ampliação para melhor aproveitamento do espaço.

Segundo E3, há conflitos entre os congadeiros e os comerciantes na praça de alimentação, uma vez que os comerciantes possuem um limite, assinalado através de uma faixa amarela e da qual eles não podem ultrapassar, sendo proibida a colocação de mesas e cadeiras fora dessa faixa amarela, haja vista que isso diminuiu o espaço de circulação na praça, que é onde os congadeiros se apresentam.

[...] inclusive da parte da praça de São Benedito que é aonde os barraqueiros, que são os comércios da praça de alimentação, eles ultrapassam os limites. Porque existe um limite, uma faixa amarela [...] porque essa praça foi reformada e ela perdeu aproximadamente 40% dela, então isso acabou tirando o espaço de alguns congadeiros (E3).

O conflito pela utilização do espaço é evidente. Alguns comerciantes entrevistados alegaram nas entrevistas que é difícil controlar a colocação de mesas e cadeiras fora da faixa amarela, pois as pessoas vão chegando e colocando mais mesas e cadeiras. Não raro, durante a FSB é comum se observar mesas e cadeiras que ultrapassam, e muito, a faixa delimitada.

Esse conflito pelo uso do espaço é recorrente e, inclusive, já foi levada a questão à Prefeitura que fez a pintura dessa faixa amarela, sinalizando aos comerciantes e até mesmo à população do limite da barraca. Entretanto, esse limite não é respeitado o que indica também uma desvalorização das congadas, que será analisada em capítulo próprio.

Outrossim, existem conflitos pelo espaço ao longo das adjacências da FSB, onde antigamente, havia um número muito maior de barracas (EE1). As barracas e o acúmulo de pessoas, principalmente na Avenida Santa Cruz, tomavam tamanha proporção que era impossível se transitar no local, de maneira que também os congadeiros perdiam espaço.

Entretanto, apesar de atualmente não existir barracas na referida Avenida, permitindo que os ternos de congada passem por ela, ainda assim segundo EE1, os congadeiros atualmente não contam com um local de acolhimento na Praça de São Benedito, para que se assentem, descansem, se alimentem ou bebam água (EE1).

Então, assim, aperta-se muito aqui - *na praça* - o espaço pra eles apresentarem. Ao saírem desse espaço, depois que eles já apresentaram, eles ficam pelas calçadas, eles ficam pelo chão, naquela avenida Santa Cruz, quando você passa, tem o bar do Toti, o Smart, eles ficam aqui nos, nos estacionamentos... Todos com os instrumentos no chão. Pra frente do Toti aqui, até o Chapisquinho, eles ficam todos sentados no chão, ali, com crianças, mães de colo, idosos. Tudo ali, ao léu, ao tempo. Então, porque que a associação, a prefeitura, ainda não organizou um sistema de barracas, um lugar pra sentar, tomar uma água. É um dos exemplos que eu estou te dando (EE1).

A Praça de São Benedito é marcada pelo comércio e o pouco espaço que sobra, fica destinado à passagem de pessoas que, durante a noite e nos dias de maior movimento, fica-se difícil de se transitar e praticamente impossível de os ternos de congada se apresentarem.

Nesse sentido, após suas apresentações é comum ver os congadeiros todos amontoados pelas adjacências da Praça, sentados no chão, segurando seus pesados instrumentos, sem um local apropriado para descansarem e festejarem a festa fora do seu período de apresentação (EE1).

Também foram percebidos conflitos nas entrevistas com os ternos de congo, pôde-se perceber que existem conflitos entre os próprios ternos, bem como entre alguns deles e a própria associação da qual fazem parte.

Eu particularmente não, eu particularmente não confio pelos outros presidentes que já teve. Pode ser que eu esteja falando bobeira, mas eu particularmente não confio, não é uma confiança, não é uma coisa que eu falo assim: - “Não, eu confio na associação.” Pra nós é só mais uma associação e querendo ou não a gente tem que fazer parte por obrigação, mas... se fosse por outra coisa a gente não faria parte. É por conta do dinheiro que vem, como é que fala, do governo e esse dinheiro do governo tem que ser... tem que ter um... ah, se não tivesse a associação a gente não recebe (TC1).

Entretanto, há ternos de congo que não veem dificuldade na relação com a associação, constatando se tratar de algo bastante subjetivo de cada terno. O que pode explicar a aparente pouca interação entre os ternos e a associação é o fato de terem ocorrido eleições para nova diretoria em abril de 2017. O pouco tempo de relação entre a nova diretoria e os congadeiros pode ser o motivo de a coesão intragrupos atualmente estar maior que a intergrupos, para alguns.

Cumprе salientar que existem grandes conflitos entre os ternos de congo, que se materializam em disputas pelo espaço, disputa pelo som, disputa em ser o melhor terno. A rivalidade entre os ternos de congo é antiga e dificulta a coesão dos mesmos na busca por seus objetivos comuns.

É, existe aquela coisa de disputa, porque um quer aparecer mais do que o outro, mas não são todos não, mas existe sim. Só que nós estamos tentando tirar isso da cabeça dos jovens e das crianças para que não tenha essa... Porque - *não se faz* - a disputa mais de ternos de congo, antigamente fazia, de um tempo pra cá não, já faz uns 16 anos (E3).

Quanto a coesão entre os ternos e a diretoria da associação, ressalta-se que além de a mesma ser recente, também é recente a assunção de responsabilidade pelo pároco administrador que conta com apenas dois anos de atuação no evento; bem como a secretaria de cultura, sendo o primeiro ano que a festa possui a atuação direta de um secretário de cultura, haja vista que a pasta fora criada recentemente.

A estrutura de relações relativamente jovem, à luz do que preceitua Coleman (1990), cuja teoria Putnam (2006) utilizou no seu estudo sobre capital social, pode ser um fator determinante na existência dos conflitos existentes. Embora o capital social seja pertencente à estrutura, no entendimento do referido autor, a estrutura foi parcialmente alterada, podendo ter tido reflexos na coesão intergrupos, tornando-a frágil e passível de conflitos. Pode-se

identificar os ternos de congo como grupos específicos dentro de um grupo maior e generalizado.

Além disso, foram percebidos esses conflitos no âmbito da pesquisa observacional, seja dentro da Associação dos Congadeiros, entre os diferentes ternos de congo; seja entre a Associação dos Congadeiros e a paróquia, no que tange, supostamente, ao não cumprimento de tarefas, tradicionalmente estabelecidas; seja entre os comerciantes e a associação, no que tange ao desrespeito no limite do espaço reservado para as barracas; seja entre os comerciantes e a prefeitura, quanto as taxas por aqueles consideradas elevadas.

Além disso, existem conflitos entre os ternos de congo e a prefeitura no que tange ao repasse de valores anual realizado por esta. Para os congadeiros, o valor ajuda, mas não é suficiente, sendo que eles alegam que devem todos os anos arcar com seu próprio bolso os vários gastos para saírem com seus ternos na FSB.

Assim, percebe-se que o fator financeiro é uma fonte de conflitos entre os atores envolvidos. Alguns se apropriam da festa para tirar proveito econômico, outros se apropriam dela como fator cultural e por isso possuem uma grande perda financeira. Essa divergência de interesses é fonte de conflitos.

Putnam (2006), ao tratar das comunidades cívicas, forma de comunidade que brota em locais com alto estoque de capital social, entende que, embora estejam presentes relações que favoreçam a cooperação, participação das pessoas nos negócios públicos, contenha práticas e estruturas específicas, a mesma não está livre de conflitos, pois as partes possuem opiniões firmes, mas tolerantes.

Entretanto, o fato de ter sido alcançado um objetivo que seria impossível sem a cooperação entre os grupos, qual seja, a festa de São Benedito, sugere que os conflitos estejam sendo superados.

A respeito da multiplicação de tal capital, Bourdieu, Coleman e Putnam não divergem entre si. Para todos a reprodução, ou a manutenção, do capital social, diferentemente do que acontece com o capital físico ou econômico, não se perde com o seu uso, pelo contrário, o seu uso é elemento multiplicador. Uma vez que quanto mais se usa o capital social, mais se possui capital social, quanto mais acontecerem as relações entre os grupos e quanto maior for sua densidade, mais denso será o capital referente a elas, dentro do que Putnam (2006) entende por círculo virtuoso.

4.2.2 Horizontalidade e hierarquia

Putnam (2006) entende que os sistemas horizontais de colaboração e solidariedade nas relações sociais é uma característica da comunidade cívica e que esses sistemas facilitam a cooperação e a confiança entre os indivíduos. De outro lado, o autor entende que os sistemas verticalizados, caracterizados pela autoridade, aqui entendida como hierarquia e dependência, dificultam a cooperação, produzindo práticas clientelistas e corruptas. Entretanto, despidos de utopias, o autor reconhece que em grande parte das comunidades o que acontece é um misto desses sistemas. Porém, um sistema vertical ideal é aquele em que os líderes são e se consideram responsáveis por seus concidadãos.

Através das falas dos entrevistados, bem como através da pesquisa exploratória, foi percebida a existência tanto de relações horizontais, como verticais, na realização da FSB.

A relação da Associação dos Congadeiros com os demais grupos festivos sempre foi muito complexa. Primeiramente a associação mantinha para com a paróquia uma relação de dependência, uma vez que, no início, mesmo antes da existência da associação, os congadeiros recebiam alguma ajuda financeira da paróquia. Entretanto, no ano de 1959 houve registro no livro de tombo da igreja de que, nos próximos anos “o congado não receberá absolutamente nada da festa” (REBELLO, 2006, p. 185).

O fato de as congadas dependerem em um primeiro momento da paróquia para saírem com os ternos evidencia uma relação verticalizada, além disso, tal fato também é evidenciado pela apropriação da paróquia na FSB para arrecadação de recursos financeiros, deixando os congadeiros fora do montante arrecadado.

Depois disso, segundo Pulcinelli (2004) é relatada ajuda aos congadeiros em 1965 através do cônego Walter Maria Pulcinelli que integrou as congadas no seio da festividade e auxiliou na reorganização do evento. Entretanto, prevalece a noção de dependência dos congadeiros em relação à igreja, bem como sua submissão a ela, uma vez que eles foram integrados ao evento por vontade do referido cônego, pois antes os mesmos tinham sua festa das congadas separadamente da FSB.

Com o passar dos anos, a Associação dos Congadeiros, reivindica maior participação na organização do evento, bem como direito à sua arrecadação, uma vez que apenas a paróquia, através de particulares, realizava o aluguel do espaço público, arrecadando dinheiro

com a festa, além dos leilões e bingos que realizava e realiza até hoje (REBELLO, 2006; DOSSIÊ, 2010).

Assim, no ano 2000, a Associação dos Congadeiros, conforme já explicado anteriormente, assume parte da organização do evento, o que indicaria uma certa horizontalidade da relação. Entretanto, segundo Rebello (2006) foi muito conveniente para a paróquia, uma vez que transmitiu à associação o direito que era do município em alugar o espaço público, e ainda se livrou do demorado trabalho em organizar as barracas, expedir alvarás, cuidar da segurança, bem como de todos os riscos de saúde e segurança. Assim, parece ter a relação entre a paróquia e a Associação dos Congadeiros ter se horizontalizado, tendo essa perdido sua relação de dependência para com aquela, embora pareça que a associação não tenha obtido muitas vantagens.

Porém pouco tempo depois, a prefeitura assume o papel na organização do evento e a partir daí a associação perdeu o direito ao aluguel do espaço público. Nesse sentido, a relação verticalizada, de dependência, que a associação mantinha com a paróquia agora foi reconfigurada sendo que a hierarquia superior é, agora, a prefeitura.

Nesse sentido, a Associação dos Congadeiros mantém uma relação de dependência com a prefeitura, tendo que submeter às suas normas para participação em um convênio que destina uma subvenção para a associação, sendo que esta, para tanto, deve cumprir com o seu dever de manutenção da cultura, principalmente das congadas.

Além disso, os ternos de congo também mantém uma relação de dependência com a prefeitura e com a Associação dos Congadeiros, uma vez que a prefeitura exige que os mesmos estejam associados para que possam receber o valor de R\$ 4.000,00, em 2017, de subvenção para auxiliar com os gastos do terno.

Assim, pode-se perceber uma cadeia vertical em que a prefeitura se insere no topo e a Associação dos Congadeiros representa politicamente os congadeiros, que formam os ternos de congo. Entretanto, por mais que se trate de uma relação verticalizada, percebe-se um sentimento de colaboração e ajuda entre as entidades, uma vez que em entrevista a referida associação, através de seu representante afirmou que a prefeitura municipal coopera 100% com a associação e que era perceptível uma maior colaboração e abertura desse órgão do que outros atores envolvidos no evento.

Além disso, a prefeitura também mantém uma relação verticalizada com os comerciantes, uma vez que impõe regras para a colocação das barracas através do Decreto que

é expedido todos os anos.

A prefeitura pega e divide cada espaço, soma cada espaço também para cada um pagar por metro quadrado e é isso. [...] Não precisavam ser tão altos os custos. Mas é satisfatório - *o trabalho da prefeitura* - sim. Eles tem uma ajuda que eles dão também. A gente tudo que precisa eles fazem certinho. (EC1).

[...] porque a gente já teve muitos problemas com a prefeitura que queria acabar um pouco com a festa, agora a gente já ouviu falar que vai terceirizar. Então assim, acho que se terceirizar vai realmente acabar. [...] A gente bate muito de frente com a prefeitura né, questões de taxa, aí a gente sempre está discutindo assim. Não é um conflito, mas a gente sempre está brigando para abaixar poque as taxas são altas. Então a gente está sempre ali junto, vai discutindo, mas não tem conflito assim não. [...] Taxas, normas que eles impõem. Então esse ano vocês vão ter que... mais uma luz de emergência, vocês tem que por mais extintor, dessa forma. [...] Eles impõem e isso não tem acordo, é tem que ter e pronto acabou.. [...] ou concorda ou não põe a barraca, entendeu (EC2).

Nesse sentido, percebe-se uma relação de hierarquia também entre a prefeitura e os comerciantes, que devem se submeter as regras daquela para colocarem suas barracas, o que é natural, visando atender as medidas de higiene, saúde e segurança.

Entretanto, essa relação de hierarquia parece ser minimizada através de diálogo, cooperação das partes e através da reunião da comissão, momento aberto para que todos possam expor suas ideias e debater assuntos que considerem relevantes.

A gente é chamado na prefeitura tudo para ajudar na organização, a gente tem os termos que a gente tem que cumprir, não ultrapassar a faixa que as congadas vai passar (EC2).

No que tange à paróquia, as manifestações que ocorrem no interior da igreja não dependem da aprovação da prefeitura, entretanto, o fato de a festa ser registrada como patrimônio cultural, dificulta um pouco, na opinião do seu representante, por não ser permitida nenhuma mudança no evento. Assim, também é estabelecida, em menor grau, uma relação de hierarquia entre essas partes.

Nesse sentido, entende-se que a hierarquia existe entre as relações que envolvem a prefeitura, contudo o diálogo entre as partes e o mecanismo das reuniões da comissão são uma oportunidade para minimização do exercício do poder, e espaço para construção coletiva do evento.

4.3 VALORES CULTURAIS E PRESERVAÇÃO

A presente unidade de análise foi escolhida tendo em vista um dos objetivos da pesquisa, qual seja, investigar o processo de preservação da festa. Esta se deu sempre entre os grupos organizadores já mencionados, porém a prefeitura até o ano de 2013 não tinha atuação tão forte e significativa.

Segundo Rebello (2006), antigamente os políticos locais não se preocupavam em apoiar as manifestações folclóricas, mas buscavam tirar proveito delas. Em 1927, Waldemar P. da Costa ofereceu emenda ao orçamento com o objetivo de taxar licença para dançar o congo, porém a mesma acabou rejeitada.

Tal atitude mostra a despreocupação das políticas públicas para com a cultura do povo. Fonseca (2005) explica que o tema direitos culturais é complexo, principalmente em países que se originaram das colônias europeias e foram marcados pela escravidão, como é o caso do Brasil. A cultura desses países não reconhecia a cultura dos estratos populares sendo a verdadeira cultura aquela importada das metrópoles europeias.

Segundo a mesma autora o envolvimento do estado brasileiro nas políticas públicas em prol dos patrimônios só se deu a partir de 1920 e a preocupação girava em torno da salvação dos vestígios do passado da nação, mais especificamente, com a proteção de monumentos e de objetos de valor histórico e artístico nacional.

Entretanto, mesmo nos dias atuais há bastante dificuldade na preservação dos patrimônios culturais dos grupos de minorias, haja vista que, por um longo período de tempo, os patrimônios preservados giravam em torno dos bens da aristocracia.

Some-se a isso o fato de que as festas populares, ainda que com viés religioso, não são fruto de uma cultura apenas, mas sim de várias culturas que se relacionam e são mediadas no evento festivo. É a união das culturas de cada indivíduo em um todo, em uma cultura coletiva, cujos significados vão sendo reanalisados e reproduzidos a cada tempo festivo.

4.3.1 Hibridismo

Primeiramente, antes de mais nada cumpre demonstrar que o hibridismo presente na FSB começa com um de seus elementos fundamentais: as congadas. Segundo Caponero (2009, p. 203) as congadas podem ser consideradas como “folguedo ou folguedo folclórico, auto popular ou auto folclórico, manifestação do teatro folclórico, dança dramática, folgança”, dentre outras classificações. Entretanto, segundo a autora, durante a IV Semana Nacional de Folclore de 1952, a Comissão Nacional do Folclore (CNF) oficializou a nomenclatura folguedo popular para “todo fato folclórico, dramático, coletivo e com estruturação” (CAPONERO, 2009, p. 206), sob críticas de antropólogos que consideram a classificação como externa ao grupo produtor do ritual popular. Nesse sentido, as congadas atualmente se classificam como folguedos populares.

A origem das congadas tem a ver com resistência, uma vez que a própria chegada dos escravos africanos, de diversas regiões, ao Brasil, pelos portugueses, deu origem a essa resistência que começou buscando, primeiramente, o respeito às tradições e os mitos pelos próprios filhos d'África que perceberam que, para sua sobrevivência, deveriam se aliar, unindo suas culturas com a mística da cristandade (O QUE É..., 2014).

Em 1780, segundo Souza (2002), conde de Povolide, terceiro governador de Pernambuco, ao ser consultado sobre a permissão ou repressão das práticas africanas, estabeleceu diferença entre danças supersticiosas e as “danças que não sejam as mais santas” (SOUZA, 2002, p. 129), mas ainda assim não devem ser totalmente reprovadas. Nesse contexto, as danças que deveriam de fato serem reprovadas seriam aquelas feitas às escondidas para adoração de ídolos, bodes vivos ou de madeira, as que untam os corpos de óleo e de sangue de galo com bençãos supersticiosas.

Embora houvesse a intenção de se separar brancos e negros, entre eles havia momentos de encontro. As irmandades de homens pretos contavam com certa ajuda dos senhores, seja ajudando nas contribuições dos escravos, ou permitindo que saíssem do trabalho para cumprir com suas obrigações assumidas na irmandade. Nessas irmandades as danças tidas como não totalmente reprováveis, tais como aquelas em que os “pretos se dividiam em nações e com instrumentos próprios de cada uma, dançam e fazem volta como arlequins, e outros dançam com diversos movimentos do corpo [...]” eram mais aceitáveis pelos administradores coloniais (SOUZA, 2002, p. 130).

Segundo Tinhorão (2001), no seio das irmandades, surgiram as congadas, sendo que o autor identifica como a primeira coroação de rei congo, no Brasil, a ocorrida na irmandade de

Nossa Senhora do Rosário, em Pernambuco, em 1711.

As congadas são uma cultura híbrida que contém características religiosas e africanas. Para Brandão (1989) congada é um folguedo brasileiro, religioso, apresentado em forma de cortejo real e que possui cantos e danças, onde também comumente estão presentes representações teatrais.

A congada é um folguedo de tradição africana, onde se destacam os costumes dos negros de Angola e do Congo e grande parte dos grupos homenageia um santo negro, em sua maioria, São Benedito (O QUE É ..., 2014).

Segundo Caponero (2009), as irmandades facilitaram a expressão cultural dos escravos, uma vez que a partir dos séculos XVIII e XIX as congadas, juntamente ao moçambique, foram incorporadas às festas religiosas e a igreja, por sua vez, com o intuito de não perder o poder sobre os negros, abriu espaço para a sua vida religiosa. Citando Moraes (1995), a autora explica que foi através das irmandades que os negros tinham permissão dos municípios para dançar o congo nos largos das igrejas e que depois passaram a ocorrer após as celebrações religiosas.

Pode-se perceber que as próprias congadas, um dos elementos da FSB, é resultado de um processo de hibridização de culturas, primeiramente entre as culturas africanas, com o objetivo de atingir uma unidade negra, e, posteriormente, até mesmo por uma questão de sobrevivência cultural, passam a incorporar os símbolos do catolicismo, conhecidos pelos negros através do processo catequético que se inicia ainda na África, especialmente no Congo e em Angola (SOUZA, 2002).

Além disso, durante a própria FSB as congadas passaram por algumas transformações, seja nos instrumentos, seja nas músicas. Entretanto, em entrevista à Folha Machadense (O QUE ..., 1987 *apud* DOSSIÊ, 2010), o mais velho capitão das congadas de Machado defendeu a colocação do uso dos instrumentos de sopro nas congadas, o que originalmente não havia. O capitão ainda argumenta: “Inventaram aqui em Machado, todo mundo gostou [...] se a congada não acompanhar os tempos, não é mais possível dançar” (O QUE ..., 1987 *apud* DOSSIÊ, 2010, p. 57). Tal afirmação vai diretamente ao encontro do que Canclini (2008) estabelece e a mistura se reveste de um tipo de resistência para enfrentar os novos tempos.

Além disso, a FSB sofreu algumas mudanças ao longo dos anos que evidenciam um processo de mediação entre diferentes culturas e diferentes interesses, buscando dar

continuidade ao evento.

Primeiramente sua realização nem sempre se deu em agosto. Nos anos de 1938 e 1939 a festa ocorreu em julho. Já em 1940, em setembro. Apenas a partir de 1942 é que a FSB passou a acontecer no mês de agosto. Geralmente, as festas dos santos negros no Brasil, como a de São Benedito, ocorrem quase sempre em maio, tendo em vista a data da libertação da escravidão, ou por ser o mês de Nossa Senhora. Entretanto, na cidade de Machado, a festa se realiza no mês de agosto por ser a época de maior fatura econômica, tendo em vista a renda da apanha de café. Além disso, os congadeiros, antigamente em sua maioria trabalhadores nas colheiras de café, teriam mais condições de participar do evento, sendo que o motivo financeiro foi o que realmente teria sido significativo para a mudança da data (GONÇALVES; REIS, 1979).

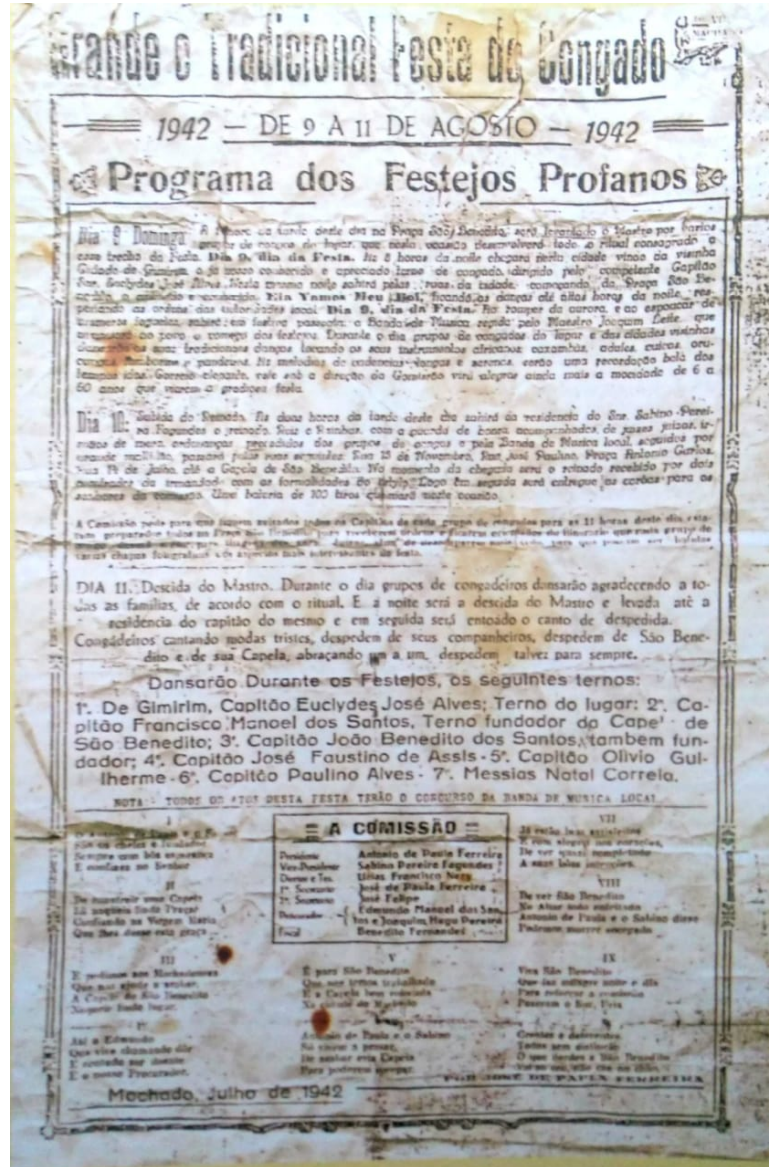
Tal fenômeno pode ser considerado, à luz da teoria de Canclini (2008) como um processo de hibridização, uma vez que o autor, além de entender o hibridismo como processos e práticas diferentes que se juntam gerando novas estruturas, práticas e objetos, também o entende como sendo o processo proveniente da busca em se reconverter um patrimônio para inseri-lo em novas condições de produção e mercado.

A FSB na sua configuração atual também é fruto de uma mistura entre diferentes culturas. Seu início é marcado pelos esforços principalmente, da população de cor, conforme consta no Livro do Tombo da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio (1959 *apud* REBELLO, 2006), sendo que alguns ternos de congo antigamente dançavam em frente à capela da Grama, construída por eles. Posteriormente, o local se mudou mais uma vez, sendo a festa levada para o adro da Igreja de Santa Cruz, próxima à pracinha da velha caixa d'água, na Avenida Santa Cruz. Apenas depois dessas duas mudanças ela passou a ocorrer na Praça de São Benedito, que recebeu esse nome em decorrência da construção de uma capela naquele local, onde os ternos de congada também passaram a dançar no terreiro da capela.

Após, a Igreja se apropriou da FSB, buscando arrecadar dinheiro para a paróquia e, assim, houve o domínio da igreja no evento. Assim, em seu início, a paróquia, que detinha o poder de organização da festa naquela época, não considerava as congadas como parte integrante. Dessa maneira, elas eram comemoradas durante três dias após a programação religiosa e eram anunciadas como Programa dos Festejos Profanos. Conforme já demonstrado no capítulo destinado à Festa de São Benedito no referencial teórico, as congadas por muito

tempo, e talvez até hoje, são tidas com muito preconceito. Abaixo o cartaz que divulgava a festa quando ainda havia a separação entre a FSB e a Festa das Congadas.

Imagem 1 – Programa dos Festejos Profanos.



Fonte: Revista Imagem e Conteúdo, 2014, p. 17.

Em 1965 chega o Cônego Walter Maria Pulcinelli na cidade, que inclusive nessa época cancelou duas outras festas no município, a de São Sebastião e a de Nossa Senhora Aparecida, com o objetivo de concentrar uma maior arrecadação em um só evento, e obteve êxito (REBELLO, 2006). Isso denota clara mudança na programação dos eventos religiosos do município para se adequar aos objetivos financeiros da igreja.

O hibridismo ocorre a partir do momento em que uma festa tida como religiosa, administrada pela igreja, insere no seio de sua festividade a apresentação das congadas. A separação foi desfeita no ano supracitado, pelo referido cônego, e atualmente as manifestações das congadas e as manifestações religiosas são divulgadas em um mesmo cartaz e consideradas um mesmo evento.

Imagem 2 – Cartaz de divulgação da 103ª Festa de São Benedito, ano 2017.

103ª FESTA SÃO BENEDITO
De 18 à 29 de Agosto de 2017
MACHADO/MG

São Benedito e o Amor na Família!

Que Santo é aquele que vem no andor? É SÃO BENEDITO enfeitado de flor!

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE NOSSO MUNICÍPIO!

VENHA PRESTIGIAR A GRANDE FESTA DE SÃO BENEDITO!

REALIZAÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE MACHADO, PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA E ASSOCIAÇÃO DOS CONGADAIROS | APOIO: CÂMARA MUNICIPAL DE MACHADO

Uma alegre alvorada com repicar de sinos e congadas anunciará, às 5 horas do dia 19 o Início da Grande Festa!

PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA

MISSA E LEILÃO – LOCAL: ISALTINA LEIÕES DIA 04 DE AGOSTO MISSA ÀS 10H E EM SEGUNDA LEILÃO DE GADOS

MISSAS E ROVERIA – LOCAL: CAPELA DE SÃO BENEDITO DE 18 À 26 DE AGOSTO ÀS 19H.

18-04 – PADRE JOSÉ HAMILTON 25-04 – PADRE PAULO SORRAL
19-04 – PADRE PEDRO PEREIRA 24-04 – PADRE JOÃO CESAR
20-04 – PADRE JULIANO 25-04 – PADRE WELLINGTON
21-04 – PADRE LEONARDO 26-04 – PADRE RONALDO PASSOS
22-04 – PADRE DIONÉ PIZA

MISSA E PROCESSÃO – LOCAL: IGREJA MATRIZ ÀS 16H.
27-04 – PADRE DONIZETO DE BRITO

Proceção com as Imagens de Nossa Senhora Aparecida, Santa Antônia, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

ADMINISTRADOR PAROQUIAL: PADRE PEDRO ALCIDES DE SOUZA
VIGÁRIO: PAROQUIAIS: PADRE RIVOLSON ÁNGELO DA SILVA
PADRE MARCO ALVES PEREIRA

FESTIVOS 2017:
ROBERTO TOME PRUDÊNCIO JOÃO MARCOS COELHO
SÔNIA MARIA DA SILVA PRUDÊNCIO MARIA APARECIDA DINIZ COELHO
FRANKER SERRAFORE HELIETO JOSÉ HÉRCIO DA LUIZ
MARIA JOSÉ DOMÍNGUES WESLO ANA MARIA CARVALHO LUIZ

CORTE DO REI

Rei Perpetuo: Ulmar Ricardo de Silva / Ulmar Settecento
Rei Camp: Sebastião Rodrigues / Rainha Camp: Maria Aparecida de Silva
Rainha Perpetua: Marilene Torres Vicente e Amélia Lages de Silva
Rainha do Camp: Maria Sebastiana Camilo / Rainha dos Joazeiros: Cecília Lages
Rainha do Rosário: José Camilo de Oliveira / Rainha de Santa Efigênia: Juliana Anselina de Silva / Rainha do Rosalite: Vanessa de Souza
Rainha de Embaixada: Teresa da Silva Ferreira, Jucymara Aparecida Bellini e Ingrid Carolyne Pinheiro; Maria Lucia Lages, Cristiane Izabel de Paula Souza e Eveline Cristina Baidão Silva Rainha de Promessas: Natália Siqueira Domingues

GUARDA REAL

Capitão de Mestre: Elias Batista do Silva / Capitão de Benedito: Lázaro dos Santos Capitão General: Nivaldo de Rêgo
Sub-Comandante: Benedito Brazão Gusmão; João Srezo; Sérgio Calisto, Jaime Bellini, Wellington dos Santos; Paulo Roberto; Samuel Maciel; Rosilene Mary; Wandia Vitor Alves; André Luiz; Carlos Ribeiro; Seneciana Camarinho; Helton Henrique; Adriano de Paula; José Wilton; Maria Edviges

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS CONGADAIROS DE MACHADO

Presidente: Cláudia Aparecida de Carvalho / Vice Presidente: Sécure Antônia
1º Secretário: Ana Maria Teodoro / 2º Secretário: Cláudia E. Borges
1º Tesoureiro: Renata Aparecida de Carvalho / 2º Tesoureiro: Eliane Cristina de Silva
Diretor Social: Leonardo Ribeiro

PROGRAMAÇÃO DAS CONGADAS NA PRAÇA DE SÃO BENEDITO

04-19 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
05-20 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
06-21 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
07-22 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
08-23 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
09-24 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
10-25 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
11-26 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
12-27 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
13-28 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
14-29 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
15-30 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
16-31 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
17-32 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
18-33 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
19-34 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
20-35 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
21-36 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
22-37 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
23-38 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
24-39 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
25-40 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
26-41 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
27-42 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
28-43 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
29-44 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
30-45 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
31-46 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
32-47 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
33-48 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
34-49 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
35-50 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
36-51 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
37-52 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
38-53 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
39-54 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
40-55 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
41-56 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
42-57 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
43-58 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
44-59 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
45-60 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
46-61 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
47-62 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
48-63 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
49-64 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
50-65 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
51-66 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
52-67 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
53-68 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
54-69 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
55-70 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
56-71 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
57-72 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
58-73 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
59-74 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
60-75 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
61-76 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
62-77 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
63-78 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
64-79 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
65-80 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
66-81 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
67-82 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
68-83 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
69-84 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
70-85 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
71-86 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
72-87 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
73-88 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
74-89 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
75-90 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
76-91 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
77-92 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
78-93 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
79-94 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
80-95 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
81-96 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
82-97 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
83-98 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
84-99 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO
85-100 - Congada de Iracema da Roca Santiana Associação de IRACEMA DO IREMO

Fonte: coletado pela autora durante a pesquisa de campo, 2017.

Apesar da congada ser, por muitos, considerada uma cultura católica, antigamente, pelos padres do município de Machado ela não era bem-vista, considerando-a imprópria à fé

cristã, que não deveria ser demonstrada por meio dos cantos e danças considerados profanos (CONGADA..., 1980 *apud* DOSSIÊ, 2010).

Em matéria do Jornal Folha Machadense de 1980 relata-se que:

[...] a Igreja com propósitos de arrebanhar seus filhos, respeitando-lhes a individualidade e sua maneira própria de ser de exprimir-se, a Igreja em “Puebla” lança um apelo a todos os líderes pastorais, no sentido de que descubram e valorizem o jeito típico do povo exprimir sua fé, evitando que suas manifestações sejam esmagadas pelos meios de comunicação de massa, pelas multinacionais ou por interesses alheios aos do povo (CONGADA..., 1980 *apud* DOSSIÊ, 2010, p. 54).

Pode-se perceber uma busca na legitimação dos diferentes tipos de expressão de fé, os quais no referido jornal foram relacionados às congadas, através de sua incorporação pela igreja, tendo em vista o objetivo de arrebanhar seus filhos e lutar contra uma cultura de massas. Assim, pode-se perceber esse processo de hibridismo, de mistura entre culturas, utilizado como um mecanismo de defesa e sobrevivência pela igreja na época.

Além disso, a festa também pode ser considerada como um fenômeno híbrido por seu caráter popular, onde reúne ricos e pobres, pretos e brancos, católicos e não católicos, todos esses com suas diferentes culturas participando de um só evento, confraternizando diferentes pessoas, uma vez que as festas populares não são feitas apenas pelos grupos que a organizam, mas sim por toda a comunidade pois os participantes são ao mesmo tempo observadores e atores do evento (CIDADE..., 1979; 1981 *apud* DOSSIÊ, 2010).

Ao longo dos anos, ocorreram outras mudanças na estrutura da festa para condicioná-la às novas condições de produção e de mercado, além da supracitada alteração do calendário de festas da cidade para que a igreja pudesse concentrar a arrecadação em apenas uma festa, dando-lhe mais força e conseguindo arrecadar mais. Inicialmente as barracas de alimentação eram feitas de madeira, bambu, esteira, sapé e lona, em sua maioria, havendo disputa pelos melhores lugares. No centro da praça duas grandes barracas se montavam, uma para o Leilão de Prendas e outra para o Bingo, ambas para arrecadação de dinheiro para a paróquia (GONÇALVES; REIS, 1979; ARAÚJO, 2014).

À festa foram incorporadas barraquinhas de vendedores ambulantes, instaladas ao longo da Rua Airton Rodrigues Leite, cuja data de aparecimento é impossível de se precisar, mas teriam surgido naturalmente, como parte integrante de um evento popular e seu número foi aumentando, juntamente com o crescimento da dimensão da festa (ARAÚJO, 2014).

As barraquinhas de vendedores ambulantes tomavam toda a rua Airton Rodrigues Leite e com o crescimento da festa também estavam presentes na Avenida Santa Cruz, Rua Joaquim Teófilo, e na década de 70, chegando inclusive, a ocupar parte das calçadas da Rua Barão do Rio Branco, no centro da cidade (ARAÚJO, 2014).

Entretanto, pode ser notada uma modernização do processo de construção tanto das barracas de alimentação, quanto das barraquinhas dos vendedores ambulantes. Agora as barracas de alimentação, localizadas na praça de São Benedito, são padronizadas, “[...] no estilo de tendas, muito utilizadas nos grandes eventos de exposições agro-industriais e comerciais [...]” (ARAÚJO, 2014, p. 31). Além disso, as barraquinhas do comércio de vendedores ambulantes também não são mais realizadas como antigamente sendo que hoje há uma grande fiscalização para adoção de lonas antichamas próprias, diferentemente do que era antigamente.

A utilização de tais barracas é exigência da prefeitura, atendendo à um protocolo que visa minimizar os riscos que as antigas barracas traziam. Por serem de bambus, lonas, esteiras, e sapés, as barracas antigamente ofereciam um alto risco de incêndio e, devido a proximidade umas das outras, seria muito difícil conter as chamas no caso de alguma tragédia. Assim, atualmente a prefeitura, através de suas secretarias, faz intensa fiscalização nas barracas da FSB, verificando se todas obedecem aos requisitos legais e às normas de segurança impostas (MACHADO, 2017; E2).

Outra mudança na estrutura da festa foi a colocação da Tenda do Congo, instituída em 2004 como parte do projeto: Desenvolvimento e Reestruturação da Congada de Machado e do Estado de Minas Gerais. O projeto executado pela Associação dos Congadeiros foi realizado com parceria da prefeitura municipal e patrocínio da Petrobras e Governo Federal (ARAÚJO, 2014).

A barraca contém documentos, fotos e objetos que contam a história da festa e das congadas, sendo um ponto de encontro e reencontro de congadeiros e amigos, bem como de todos os que buscam conhecer a história da FSB. A cada ano um tema é escolhido para ser tratado no interior da tenda que é aberta ao público na noite do primeiro sábado da festa. É na frente da tenda que ocorre a subida e a descida do mastro, o concurso de poesia, a premiação dos ternos de congo e apresentação dos ternos mirins (ARAÚJO, 2014).

Além disso, as mudanças nos papéis dos grupos organizadores da FSB acarretaram alterações na estrutura que também modificaram a forma de realização do evento. A partir do

momento em que a prefeitura assume a organização da FSB, o processo de organização da mesma passa a ser mais burocratizado o que implicou tanto em mudanças nas formas das barracas, quanto na quantidade das barracas (EC2; E2).

Segundo Rebello (2006) o crescimento demasiado e desordenado da FSB causa problemas, tendo já sido registrado pelo autor o número de 1.500 barracas. Em péssimas condições de higiene e segurança, os barraqueiros comem e dormem junto com suas mercadorias, relatou-se a falta de banheiros públicos, muita sujeira e transtorno nas passagens de pedestres e veículos.

Entretanto, com a participação da prefeitura na organização do evento e com a assunção de sua responsabilidade para com a FSB, o cenário está se modificando, conforme pode-se ver pela fala do E2:

Ela surgiu do povo né, talvez o critério de resistência, a grande justificativa da resistência é essa. Ela não é uma festa de *cowboy*, uma festa de boiadeiro planejada, estruturada, não. Ela, hoje, ela é estruturada, mas eu falo a essência dela, o início dela, ela brotou do povo, ela brotou da comunidade de São Benedito, dos congadeiros, da igreja, do envolvimento ali né. As vezes a essência dela né, dos improvisos, né, das barracas de madeira. Se perguntasse para o meu avô, na década de 70, né, ele jamais pensaria que ali poderia dar um incêndio ali, matar várias pessoas, né, não pensou. Eles fizeram com lonas pretas né, de plástico e tal. Então, assim, a uma essência da festa, tá nisso né. Acho que a essência cultural, a essência da festa de São Benedito está nisso e ela hoje, claro está se adaptando aos novos tempos, a questão da segurança, a questão do corpo de bombeiros né, acho que tem que se adaptar mesmo (E2).

Nesse sentido, visando administrar os conflitos de espaço e de segurança, a prefeitura adotou normas a serem seguidas por todos os barraqueiros, limitou o espaço de colocação das barracas, seja na Praça de São Benedito, seja nas adjacências, devido ao trânsito. Com isso, o número de barracas da festa diminuiu significativamente.

Fotografia 2 – Rua das barracas.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2017.

Fotografia 3 – Praça de São Benedito.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2017.

Além disso, atualmente há uma forte presença dos atores do mercado na FSB através dos patrocinadores, que oferecem dinheiro tanto para a paróquia como para os ternos de congo. No caso dos ternos de congo, os mesmos não podem ostentar em suas fardas o patrocínio das empresas. Entretanto, no que tange às barracas, há uma grande ostentação de propagandas e slogans dos patrocinadores.

Fotografia 4 – Praça de São Benedito.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2017.

Nesse sentido, pode-se perceber que a festa se comunica com o conceito de hibridismo cultural. A FSB está longe de ser uma festa de uma cultura pura, sendo permeada pela cultura cristã e pela cultura afro-brasileira, através das congadas que também são híbridas. Além disso, sua estrutura não permanece a mesma desde o início. Primeiramente, ela surgiu através dos esforços da população negra, foi apropriada pela paróquia, em grande parte com objetivos financeiros, e posteriormente, quando a Associação dos Congadeiros conseguiu reivindicar algum direito na arrecadação do evento, a prefeitura a registrou como patrimônio cultural imaterial do município e passou a organizar administrativamente o evento, que teve sua estrutura alterada para se adequar às novas exigências legais de locação do espaço público, saúde, segurança e higiene.

4.3.2 Resistência

Quando questionados aos entrevistados qual era o motivo de a FSB estar perdurando por todos esses anos, vários motivos diferentes puderam ser percebidos.

É eu tenho, eu posso te afirmar, que eu tenho certeza que é justamente pela fé do nosso povo (E1).

Eu acho que é uma junção de coisas. É a cidade, a formação histórica da cidade, a questão religiosa, a questão da congada, a questão do ambiente daquele lugar ali, da acolhida daquele povo ao entorno da praça para se manter viva ali, os redutos ali culturais né, tem tudo a ver (E2).

A insistência dos congadeiros, a insistência da paróquia, a insistência da prefeitura. Eu acredito que é por esse lado. Porque existem leis em cima de leis que aparecem a cada dia [...] (E3).

É – *por conta dos* - os congadeiros mesmo (EC1).

Eu acho que é muita persistência dos congadeiros que é tradição deles e assim da gente das barracas, porque a gente já teve muitos problemas com a prefeitura [...] (EC2).

Resistência do povo negro. Resistência. Entendeu? Vontade, é essa resistência de não... de não querer permitir que a cultura acabe. Né? Não permitir que a discriminação, racismo, a diferença perpetue. Então isso que é a nossa, isso que nos move. Entendeu? (EE1).

Aí eu acho que é o envolvimento da comunidade mesmo, né, está no sangue. Eu acho que é, já faz parte de Machado, isso já faz parte da história, da cultura né. Entrou pra cultura da escola, eu acho que tudo aquilo que é bom, que funciona bem, tem que ser mantido. Eu acho que a festa de São Benedito é uma festa muito esperada pela comunidade, pela sociedade, né. Então eu acho que tudo aquilo que envolve, que fala que é pra festa, o povo está sempre empenhado, né. Os pais, a gente percebe os pais dos alunos empenhados, a gente percebe a comunidade escolar empenhada. Então eu acho que a gente se empenha bastante pra que esteja tudo acontecendo, que é um momento gratificante depois, pra escola, pra comunidade (EE2).

Eu acho assim que é muito cultural mesmo, eu vejo assim pelas entrevistas que eu faço, as conversas que eu tenho com os ternos de congo, com os capitães de terno, então é muito aquela coisa de pai para filho mesmo né, do povo gostar mesmo da festa, sabe (EE3).

Conforme pode-se ver, a complexidade que envolve a estruturação da festa, seu surgimento e manutenção também se reflete nas opiniões acerca dos motivos que fazem a

feita perdurar por todos esses anos. Como trata-se de uma festa popular, é comum que cada um se aproprie dela de alguma forma própria, pois ela abrange vários tipos de participantes com valores, crenças e objetivos diversos. Entretanto, pode-se perceber que para a sua manutenção a união dos grupos e dos atores que a promovem é fundamental.

Uma das dificuldades de culturas locais, surgidas naturalmente no seio da comunidade e não fabricadas através de uma racionalidade programada para obtenção de lucros, se manterem nos dias atuais é resistir às mudanças da própria comunidade que, por vezes, são moldadas pelas culturas de massas, feitas para atender a um mercado cultural que obedece à lógica de máximo consumo.

A FSB já contou com alguns espetáculos ao longo de sua existência, conforme fora divulgado no cartaz da festa de 1923, onde é relatado apresentação do drama *Martyr do Dever* e a comédia *Advogado em apuros*, apresentados pela União dos Moços Católicos. Também pode se constatar dos relatos sobre as festas de 1977 e 1981, quando se instalou um *dancing* com conjunto musical e a promoção de diversos shows com artistas da Televisão Tupi (REBELLO, 2006).

Entretanto, segundo E2, os ritos da FSB se encontram ameaçados por tal tipo de cultura pois, conforme foi relatado nas entrevistas, há uma vontade popular de se aumentar a festividade através da realização de shows que em nada dialogam com a essência do evento, uma festa popular, de caráter religioso e cultural.

Já me deram muitas sugestões: - “Nossa, porque você não faz na festa de São Benedito um show né, de sertanejo universitário, por exemplo.” Falei: - “Nossa.” Já me chegou essas sugestões, o que mais chega pra mim é sugestão, mas eu fico pensando e aí? Tem a ver? Mas a atração é o congadeiro, não é o Luan Santana, com todo o respeito ao Luan Santana né, mas acho que o cenário de manifestação dele é em outros palcos, não no palco da congada né. Então assim, pra lidar com isso né a gente tem que ter muita responsabilidade né e conhecer muito a história da festa né [...] as pessoas até falam: - “Mas pera aí, porque você não volta com o show tal? Porque você não promove isso?” Lá em Poços a secretaria de cultura lá foi um papel de inclusão, de valorização da cadeia produtiva local e das manifestações tradicionais locais né. Porque a cultura de massas, você tem um mercado aí jovens e um público que paga por ela, paga 100, paga 200. O difícil é você fazer teatro com público local à R\$ 5,00 reais, você lotar o teatro. Mas, as vezes, com 200 com um artista famoso, de massas, isso vai lotar. Então o poder público não tem que se preocupar muito com o mercado né. O mercado é importante sim né, talvez essa banda que nós tenhamos apoiado como artista local [...] daqui uns anos possa arrebentar no mercado aí, ou não, mas valorizar essa cultura da resistência né. E aí a história da congada linda, da resistência do povo brasileiro, da história do povo negro, é fabuloso, fantástico, motivador né. [...] porque cultura não é só evento né. Evento, as vezes, é vento, ele é passageiro né, mas a festa não. [...] Então eu acho

que é, eu tenho certeza que é um movimento de resistência, sem dúvida, e deve ser fortalecido (E2).

Pode-se perceber na fala do E2 um discurso pautado na noção de cultura de massas, fruto da indústria cultural estudada por Adorno e Horkheimer. Para atender aos objetivos da indústria e do consumo, a cultura de massas segue princípios capitalistas, sendo destinada a um “aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade”. A utilização do termo cultura de massas é equivalente aos termos sociedade industrial ou sociedade de massas (MORIN, 1997).

Segundo o mesmo autor, a cultura pode ser entendida como um complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que internalizam-se no indivíduo e na sua intimidade. As sociedades modernas para Morin (1997) são policulturais e a cultura de massas se integra nessa realidade policultural, não sendo, entretanto, absolutamente autônoma.

A fala de E2 demonstra preocupação com o evento, de que o mesmo sofre ameaças e que tem importância no âmbito cultural, principalmente no que tange às congadas. Além disso, o entrevistado demonstra já uma certa percepção da desvalorização da cultura local e popular, através dos exemplos citados.

Assim, chama atenção a desvalorização das congadas em uma festa que surgiu principalmente por conta delas. A ameaça à questão cultural e evidente sentimento de desvalorização da cultura das congadas também foi percebida pela fala de outros entrevistados.

Eu acho que ninguém vai lá ver as congadas em si, entendeu (EC2).

Também foi percebida por E3 que, ao explicar que a festa poderia ser produzida sozinha tanto pela Prefeitura, quanto pela Paróquia, foi questionado se a FSB sem a presença dos congadeiros continuaria sendo a FSB. Foi respondido:

Pelo fator financeiro comercial que eles tem em vista, acredito que sim. Infelizmente sim, é uma festa que é um patrimônio imaterial do povo machadense, do congadeiro, mas se a Paróquia quiser ela consegue e se a Prefeitura quiser sozinha, também consegue [...]. P: Mas a população ao ir na festa e não ver a apresentação dos congadeiros? R: Acostuma, a população acostuma. Então eu acho que entre todos os animais da terra o único que se adapta em qualquer situação é o homem com a mulher. Então tem muitos que vão na festa e detestam as congadas, principalmente esse barraqueiro que eu disse que ele disse que estava atrapalhando. Então a maioria das pessoas iam sim, uma porcentagem grande, iria.... (E3).

A fala do E3 deixa evidente a questão da desvalorização da cultura e muito embora o mesmo acredite que a FSB ainda seria a FSB, menciona que é “pelo fator financeiro que eles tem em vista” (E3). Dessa forma, entende-se que a festa continuaria sendo a mesma para quem dela quer extrair recursos financeiros. Entretanto, sem a presença dos congadeiros a festa perde parte de sua essência, pois, desde seus primórdios ela conta com tal apresentação cultural, tendo inclusive surgido das danças que os negros realizavam nos terreiros das igrejas.

A questão da resistência das congadas em Machado e, principalmente na FSB, ganha maior destaque por ser antiga e por ter surgido nas classes mais humildes da sociedade. Nos primórdios, elas eram separadas do evento e desvalorizadas.

Rebello (2006) relata que os festejos primitivos eram muito simples, sendo realizados apenas entre os pobres, em sua maioria pretos que enfrentavam o preconceito, ou hostilidade da classe dominante e dos próprios padres, que não queriam que o congado se unisse à liturgia católica, embora o primeiro registro que se tem da FSB conste que a mesma fora realizada “devido principalmente aos esforços da população de côm” (PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA E SANTO ANTÔNIO, 1857 *apud* REBELLO, 2006, p. 184).

Conforme já relatado, o mesmo autor também evidencia o ano de 1963 quando as comemorações à São Benedito eram consideradas uma “espécie de quermesse dos pretos” demonstrando o tom preconceituoso que era dado às congadas.

Entretanto, a situação não mudou muito de figura pois, até os dias atuais, são percebidas atitudes preconceituosas e de desvalorização da cultura das congadas.

[...] ainda teve um dos barraqueiros que disse que essas coisas desses negros estava atrapalhando a venda deles. Então, ou seja, uma festa criada por negros, num ambiente comprado por negros, porque aquela praça não é pública, ela foi pública depois, e... Esse comerciante levantar as questões do samba e da congada que teve no sábado, ele disse que atrapalhou as vendas deles e ele é uma pessoa que não é negra, mas que está ali em prol financeiro (E3).

A desvalorização das congadas pôde ser observada também pelo espaço à elas destinado na Praça de São Benedito, local onde acontece a festa. O local abriga as apresentações culturais, as várias barracas de alimentação, Tenda do Congo, a barraca do Bingo, além das várias pessoas que passam por ali.

Fotografia 5 - Praça de São Benedito no horário de maior movimentação.



Fonte: acervo pessoal, 2017

E.. para ver se no ano de 2018 nós conseguimos um espaço maior para as congadas, inclusive da parte da praça de São Benedito que é aonde os barraqueiros, que são os comércios da praça de alimentação, eles ultrapassam os limites. Porque existe um limite, uma faixa amarela, e.... [...] Porque essa praça foi reformada e ela perdeu aproximadamente 40% dela então isso acabou.... tirando o espaço de alguns congadeiros. E... nesse ponto, é.... ou seja, nessa ideia é um dos pontos que poderia ser mudado pro ano de 2018. P - A associação já chegou a levar isso pra prefeitura? R: Já, já foi levado fizeram até uma faixa amarela e não foi respeitado (E3).

Nesse sentido é que convivem os atores da FSB no espaço festivo, pois os interesses entre os grupos divergem, o que é natural. Para os comerciantes, por exemplo, através das entrevistas constatou-se que eles gostam de participar da FSB, entretanto, que o fator financeiro é o que realmente motivou e determina sua continuação no evento.

Na época a gente estava meio apertado, falamos assim: “Vamos tentar”. E acabamos assim tentando, deu certo e estamos há 10 anos lá. P: O que te mantém auxiliando na produção da festa/mantendo sua barraca na festa? R: Ah, eu gosto né, e tem a renda também que é uma renda extra boa. Então a gente gosta também porque é bem sacrificado trabalhar os 13 dias é bem sacrificado (EC2).

Pela questão financeira que começa aí que a gente quer ganhar, ter uma renda maior nessa festa. P: O que te mantém auxiliando na produção da festa? R: O lucro mantém as pessoas, que todo mundo faz pelo lucro mesmo (EC1).

Nesse sentido, percebe-se que há diferentes apropriações da FSB pelas pessoas, embora seu início tenha sido pelos esforços da população negra, a festa se modificou ao longo dos anos, novos atores se apropriaram do evento, sendo que hoje todos têm sua parcela de importância para que a FSB aconteça, bem como cada um tem o seu interesse na promoção do evento.

Ferreira (2006) explica que nas festas de classes subalternas como categoria da cultura, emergem dois aspectos significativos. O primeiro refere-se a capacidade que a festa possui de transportar para a atualidade experiências culturais vivenciadas por determinado povo há muitos anos. O segundo diz respeito ao fato de que os usos e costumes mais profundos vividos no cotidiano e arraigados no inconsciente afloram, deixando-se perceber a verdadeira face de um povo.

Rebello (2006) relata, entretanto, que a cada ano as congadas mais se descaracterizam, perdendo sua autenticidade. Segundo o autor, os integrantes dos ternos esqueceram os gestos rituais, não sabendo tirar as modas antigas, cantam pouco e sofrem influência das escolas de samba, quase não podendo serem distinguidas destas.

Tal questão foi notada pela pesquisadora durante a pesquisa observacional onde, alguns ternos mirins, se apresentaram com músicas contemporâneas, esquecendo-se da tradição das congadas, com seus cantos, instrumentos e gestos. Entretanto reconhece-se a dificuldade de um terno mirim, comandado por uma escola que não tem a vivência das congadas, em compreender o aspecto folclórico no seu sentido amplo (desde os pequenos gestos, até os passos de dança). Reconhece-se também a dificuldade em se adquirir os instrumentos necessários para tanto.

Ferreira (2006) explica que a festa estabelece uma relação complexa com a realidade, não sendo mera reprodução ou inversão de sentido. Pelo contrário, ela capta experiências que normalmente são vividas em separado e coloca sentido àquilo que, no cotidiano, é visto como descontinuidade.

Para a autora, é fundamental o resgate da própria identidade, buscando recuperar um equilíbrio que pode estar sob ameaça. Entretanto, reconhece que tal resgate é um ato

conflitivo na medida em que significa incorporar novos valores aos tradicionais, o que a autora julga ser uma experiência salutar, haja vista que enriquece a identidade cultural da comunidade, incorporando novos valores culturais e demonstrando o caráter cumulativo e dinâmico da construção da cultura pelo homem.

Nesse momento cumpre lembrar a fala do capitão de terno em entrevista para a Folha Machadense (O QUE ..., 1987 *apud* DOSSIÊ, 2010), já destacada anteriormente, que evidencia a necessidade de incorporação de novos instrumentos, diferentes dos tradicionais, nas apresentações das congadas, objetivando manter sua continuidade em uma sociedade que, naturalmente, está em constante movimento.

Para Brandão (1989, p. 184), na FSB de Machado, os “gestos finos da reciprocidade, da deferência e da devoção foram apagados”. O autor relata que primeiramente são esquecidas as formas de olhar, os gestos sutis da mão. Relatando em uma época que o contexto e os instrumentos e objetos utilizados pelos congadeiros eram os mesmos, Brandão identifica uma concorrência entre os ternos “ganha de todos aquele que conseguir impor seu som alto, seu ritmo de tambores, sem perder o compasso que inevitavelmente se mistura com o de muitos outros”.

Entretanto, tal competição entre os congadeiros pode reforçar a resistência cultural das congadas no seio da FSB, uma vez que a luta por serem os melhores, ou aparecerem mais para o público reflete o desejo em praticar a manifestação cultural, reafirmando internamente a cultura e reforçando o sentimento de pertencimento. Interessante notar que a relação entre os congadeiros se apresenta de maneiras distintas. Frente aos interesses da Associação dos Congadeiros, na luta por subvenções e reconhecimento, eles se apresentam unidos em prol de uma mesma causa. Entretanto, entre cada terno de congo, podem se apresentar desunidos, evidenciando uma competição entre eles.

Gil (2008) assevera que, sendo a competição um comportamento comum em entidades associativas, devido a união de várias pessoas com interesses diversos, a racionalidade deve prevalecer, buscando o objetivo comum. É o que ocorre na Associação dos Congadeiros de Machado.

A referida associação, por exemplo, reivindicou em 1999 alguma participação no controle da festa. Sendo aceito pela paróquia, no ano de 2000 ambas firmaram um acordo onde caberia à associação a receita dos valores pagos pelos barraqueiros, bem como a organização, instalação e responsabilidade das barracadas na época da festa. Até então a

prefeitura nada arrecadava e em nada organizava a festa, buscando não contrariar o interesse dos que já a exploravam.

Entretanto, conforme evidencia Rabello (2006) a conquista da associação veio com muitos ônus, uma vez que em contrapartida, a associação se comprometeu a construir a barraca do bingo e a da Polícia Militar; não realizar nos quatro meses antes da FSB nenhuma promoção que resultasse na distribuição de prêmios, doações ou qualquer tipo de pedido. Assim, os festeiros e a Paróquia se eximiram de qualquer gasto com a segurança da FSB, bem como para com qualquer ajuda para os congadeiros.

Nesse sentido, o autor argumenta que o acordo teria sido muito favorável, na realidade, para a Paróquia, pois a mesma “se exonerou da responsabilidade pelas barracas, cuja instalação sempre foi polêmica pelos transtornos que acarreta ao comércio, ao trânsito e à população, e pelos riscos de incêndio, doenças, etc..” (RABELLO, 2006, p. 189). Além disso, ela transferiu para os festeiros a renda de uma receita que, de fato, é do poder público, por se tratar do aluguel de um espaço público e que também é extremamente difícil e trabalhosa de se gerenciar.

A arrecadação da Associação dos Congadeiros durou pouco, haja vista que em 2010 a festa foi registrada como patrimônio cultural imaterial do município e em 2013, segundo Araújo (2014) a Prefeitura assumiu definitivamente a responsabilidade.

Frente a esse cenário, no que tange à resistência da parte cultural da FSB, qual seja, as congadas, além da dificuldade de se manterem atrativas ao público ano após ano, em uma sociedade permeada pela cultura de massas, prontas para consumo, sem necessidade de interpretação ou envolvimento do observador que, literalmente, se resume em mero observador; a questão financeira também é um problema a ser enfrentado.

O apoio financeiro das congadas, anteriormente, vinha da paróquia, depois foi repassado ao município o encargo. Hoje cada terno de congada recebe uma subvenção do município no valor de R\$ 4.000,00.

No ano de 1942, sob responsabilidade dos festeiros Fernando José de Oliveira e Maria Estela Nery de Oliveira, Rebello (2006) relata que as congadas se apresentaram independentemente da festa que, ainda assim, registrou um *deficit* de mais de um conto de réis. Em 1946 a festa teria ocorrido sem o apoio da igreja, ainda que conste no livro de tombo que o Apostolado da Oração, movimento da igreja, havia sido o festeiro. Já em 1947, a festa teria

acontecido sem padres, tendo sido realizada apenas pelos esforços dos congadeiros, que inclusive organizaram a procissão, rito característico e de responsabilidade da paróquia.

Em 1959, de acordo com o mesmo autor, o Vigário Cássio Marques Ferreira registrou no segundo livro de tomo da paróquia o desinteresse em contribuir com a continuidade das congadas, uma vez que a festa não estaria compensando financeiramente, pois em anos anteriores as despesas ultrapassaram a renda.

Este ano demos apenas Cr\$ 25.000,00 da festa para o congado. E publicamente, por mais de uma vez, e até mesmo solenemente, a 13 de maio, em uma missa que celebramos na capela de S. Benedito – presentes vários capitães e autoridades do congado – afirmamos que, para os anos seguintes, o congado não receberá absolutamente nada da festa (PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA E SANTO ANTÔNIO, 1959 *apud* REBELLO, 2006, p. 185)

O trecho acima deixa evidente um dos interesses da paróquia na FSB, qual seja, a arrecadação, pois não se dispunha mais a dividir o valor arrecado com os ternos, bem como ressalta o descaso da paróquia para com os congadeiros. Tal situação demonstra a vontade dos congadeiros em continuar mantendo essa tradição, pois os mesmos durante muito tempo não possuíam e até hoje não possuem nenhuma arrecadação com a festa, pelo contrário, segundo os relatos, para os mesmos restam dívidas. E mesmo com essas dificuldades financeiras, quando a paróquia não promoveu a festa, os congadeiros fizeram ela acontecer.

É.. a ajuda que a gente tem da prefeitura é o que eu já disse pra você é uma ajuda que é uma subvenção que a gente tem anual, é uma vez por ano só da festa de São Benedito, mas é muito pouco... não é suficiente pro, pros gastos que a gente tem. [...] Ah, normalmente - *tem que tirar dinheiro do próprio bolso* - quase todo ano, é batata, fica a dívida pro capitão pagar, o dono do terno (ETC2).

Vários congadeiros relataram que, todos os anos, o valor repassado pela subvenção da prefeitura não é suficiente para os gastos que o terno possui, restando o mesmo com várias dívidas após a festa. Os gastos que os congadeiros possuem para colocar o terno na rua são grandes, pois alguns ternos são muito numerosos e há gasto com aluguel de uma casa próxima ao evento, chamada de ranchamento, para que eles possam ficar durante o período da festa, realizarem suas alimentações; com alimentação; com a compra e manutenção de instrumentos; com fabricação das fardas; com água; dentre outros.

Entretanto, apesar dessa dificuldade os mesmos mantêm a tradição e vêm resistindo, contando com grande público durante sua realização, ainda que outros tipos de cultura

recebam maior incentivo municipal, tais como shows privados, segundo fora relatado por um integrante da Associação dos Congadeiros.

Segundo Ferreira (2006), é possível considerar o fenômeno festa, praticado desde os primórdios da civilização até a atualidade, por determinados grupos humanos os quais, principalmente em regiões periféricas, têm sobrevivido ao impacto das mídias e dos processos predadores neoliberais. Elas resistem mesmo enfrentando várias barreiras, tais como, o tempo, processos de aculturação, de sincretismo e até de proibições.

Os ternos de congo, cultura local da cidade de Machado, como já dito acima, são formados em sua maioria por famílias que os vão mantendo geração por geração, sendo a responsabilidade transmitida do ascendente para o descendente. Quando questionado a alguns congadeiros sobre os motivos de a FSB estar perdurando por mais de cem anos, demonstrando a resistência cultural, a força da tradição mereceu destaque.

Antes do surgimento dos modernos meios de comunicação, as festas eram a principal atividade pública, pois eram os momentos centrais dessa atividade, sendo um verdadeiro sistema de comunicação entre a própria comunidade e entre esta e os visitantes que participavam do evento. A comunidade possui na festa um sistema de afirmação de identidade coletiva, reafirmando sentimentos de pertencimento ao grupo e assumindo o papel de protagonista da própria história. Como lugar simbólico, na festa também afloravam conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e até para se obter controle social (FERREIRA, 2006).

(Para) O pessoal mais velho é a fé, porque a fé é o que move montanhas né. E pra nós que é mais novo, sinceramente, é isso aqui ó. É a união, é uma coisa da hora que você... ah, se não vai ter festa não adianta nada você ir na festa lá e não poder, você não ter um amigo uma pessoa pra você tá junto. E isso aqui é a melhor coisa que tem, Você vai, você ter amigo você, ah... Ela é minha mãe, aqui no meu congado tem mais nove irmãos meus, tem meu pai, tem cinco sobrinhos meus, então é tipo assim essa relação... A gente já trabalha, luta o ano inteiro. É esses três dias que a gente tem pra... Pra mostrar pra turma a união que a gente tem, então fazer o que né (ETC1).

Pela fala do entrevistado pode-se perceber que, para eles, a festa continua sendo, à luz do que explicou Ferreira (2006) um grande momento de confraternização entre a comunidade e, até mesmo com os visitantes.

[...] Então esse encontro da família eu acredito que é o fundamental e é o que acontece. Então as famílias se encontram, param, conversam e junto com os filhos

também [...] e aquela questão também de você não ficar no isolamento, porque as vezes nós ficamos todo mundo fechado dentro de casa. Então é esse momento de confraternização também, momento de grande alegria na nossa cidade (E1).

Entre os entrevistados, a festa tem sido sinônimo de alegria. Chama a atenção o fato de a mesma já ser centenária, mesmo com tantas dificuldades, seja pela ameaça das culturas de massa, seja pela burocratização na instalação das barracas, seja em manter a parte cultural viva, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos congadeiros, mas que vem resistindo no tempo.

Entre os motivos que fizeram com que a festa resistisse no tempo, elencados pelos entrevistados, a questão da devoção e a tradição são recorrentemente citadas. Recorrentemente foi citada a fé do povo machadense. Essa fé, pode ser, inclusive, relacionada ao capital social presente na sociedade machadense.

Olha, eu vou ser sincero pra você, eu acho que é a devoção mesmo, tanto dos ternos de congo, como de parte da população. Parte não, maior parte, maioria da população, porque, se a gente dependesse de alguns órgãos públicos e de alguns comerciantes locais, essa festa já tinha acabado. Mas graças a Deus a gente luta e tenta manter a tradição, e outra, por ser uma tradição familiar, porque o terno passa de pai pra filho e vai, vai, vai indo. Então a gente, eu por exemplo, eu ficaria muito triste, mas muito triste, muito desanimado mesmo se o terno morresse na minha mão. O terno do meu pai, que foi do meu avô, do meu tio José Faustino, - *morrer* - na minha mão? Não, não pode. Então a gente faz de tudo pro terno caminhar... (ETC2).

É... Eu tenho, eu posso te afirmar que eu tenho certeza que é justamente pela fé do nosso povo. [...] Então na hora que eu falo da fé eu não “tô” negando a tradição cultural dos congadeiros, até porque a congada, ela existe mediante a fé deles, porque se não... Porque olhando a nossa, os evangélicos eles não manteriam essa festa, mesmo se fosse cultural porque a cultura está ligada à São Benedito e à Santa Efigênia, e não falando mal deles também, mas mostrando a fé católica, a fé num santo que fez essa tradição também acontecer (E1).

Uma das bases para se ter capital social é a confiança. D’Araújo (2010), explicando as fontes da confiança para Fukuyama, assevera que elas surgem de normas partilhadas, que derivam da religião, da tradição, da história, que são macrofenômenos sociais, pouco afetados pelas decisões individuais. Entretanto, para Putnam (2006) também são fonte de confiança e cooperação a existência de regras de reciprocidade e de relações horizontais.

Contribuem também para a resistência das congadas, os ternos de congada mirim organizados por algumas escolas de Machado. Na cidade, a congada mirim teve início em 1997, na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, sendo fruto de subprojeto do PRODEC. O

terno se apresentou pela primeira vez em 1998 e foi idealizado pelas professoras Maria Aparecida Cangussu e Soniamar de Lima Ferri, diretora da escola na época. O objetivo da congada mirim foi preservar o folclore da cidade, especialmente a congada (CONGADAS ..., 2004).

O projeto foi desenvolvido também com a colaboração da professora Silvana Cristina e na época ele teve duração de aproximadamente 15 aulas em que os alunos realizaram entrevistas, maquetes, poesias e finalizaram com a criação do terno infanto-juvenil. A escola contou com a colaboração do capitão do terno de Francisco Baiano e da Escola Agrotécnica Federal, atual Instituto Federal do Sul de Minas, que emprestou os instrumentos. Em 1999 o terno da escola se tornou independente (CONGADAS..., 2004).

No ano seguinte, a Secretaria Municipal de Educação implantou projeto parecido em duas outras escolas municipais, Comendador Lindolfo de Souza Dias e Carlos Legnani (CONGADAS ..., 2004).

Atualmente, além das escolas supracitadas, várias outras mantêm ternos de congada mirim, tais como Escola Estadual Gabriel Odorico, Escola Estadual Iracema Rodrigues, Centro de Educação Infantil Vovó Donana, Creche CEMEAI e o Colégio Imaculada Conceição.

Através dos trabalhos dos ternos de congada mirim, também são trabalhados, ainda que indiretamente, o preconceito, a valorização da cultura negra e das congadas em si, uma vez que também é percebido o preconceito e desvalorização desta cultura no âmbito escolar, conforme a fala do EE1:

Então a discriminação assim... é uma festa de preto. É uma festa religiosa, é uma festa de preto. Congada é coisa de preto. Eu já ouvi isso dentro do seio escolar. Então a nossa missão enquanto educadores é realmente de cortar né... Impedir que continue isso, essa visão, esse pensamento. Então a finalidade é exatamente assim, trabalhar. A gente não só forma os ternos e coloca na rua, mas sim implementa ações dentro do seio escolar, antes, bem muito antes da FSB, pra que a criança, o adolescente, aprenda o que é, o que significa a congada, a cultura, a festa, enfim (EE1).

Assim, os projetos colaboram com a perpetuação das congadas no município uma vez que incentiva as crianças, desde pequenas, e adolescentes a participarem dessa manifestação cultural tradicional de Machado. Além disso, eles reforçam a existência dos ternos adultos,

uma vez que foi relatado em várias escolas que muitas crianças que participam da congada mirim, também participam dos ternos adultos, com suas famílias.

Isso demonstra também a multiplicação da cultura para outros segmentos, uma vez que as crianças levam essa manifestação do seu núcleo familiar para a escola que envolve também outras crianças e jovens que não fazem parte de famílias de congadeiros. Outrossim, ressalta a vontade de continuidade das congadas, uma vez que os mesmos atores que saem com os ternos adultos, contribuem transmitindo isso para os seus filhos, que por sua vez, transmitem para a escola. Além disso, também foi percebido que os próprios congadeiros, pais de alunos ou não, vão até as escolas para contribuir nos ensaios das crianças.

Quando a gente fez a montagem da congada, né, que nós sondamos os alunos que gostariam de participar, o rapaz falou que ele tinha já congada, que ele já trabalhava com congada e que ele gostaria de ser o capitão. E aí a gente achou interessante (EE2).

Os ternos de congo eles tem muito carinho e interesse na congada mirim. Porque a fala dos congadeiros mesmo fala que eles não querem que acabe a congada. Então eles veem na escola e com as crianças uma continuação né (EE3).

As congadas mirins, por sua vez, também passam por dificuldades financeiras para se manterem, sendo recorrentemente relatada a falta de recursos para a manutenção do projeto, pois existem muitos gastos para que as escolas saiam com os seus ternos, como alimentação e água para as crianças no dia da apresentação, condução, fabricação das fardas, compra e manutenção de instrumentos.

Então aí a gente contou também mais uma vez com esses congadeiros que nos emprestaram os instrumentos pra que a gente... Se a gente não tivesse a colaboração, isso é um empecilho para que a gente saia, né. Como que a gente vai sair com 45 alunos, se a gente só tem instrumento pra 20, né. Então acho que isso seria um empecilho. Mas graças a deus a gente tem pessoas que nos apoiam, que nos ajudam, que estão sempre colaborando para que o evento aconteça, para que a congada saia. A roupa, a gente tinha muita vontade de ter essa farda, foi um sonho concretizado ano passado, mas é... A gente também acredita que a gente deveria ter um dinheiro, né, a gente deveria ter um espaço pra que a gente possa estar renovando essas fardas, né, ano a ano. Porque as congadas saem, elas saem com a roupa anterior e tem um dia da festa que elas põem a farda nova. E aí todo ano a gente sai com a mesma farda, eu acho que isso é um pouco desmotivante, mas a gente está lutando, a gente está conseguindo (EE2).

Então, dificuldade que nós temos, assim, nós precisamos muito mesmo é de um professor de música, uma pessoa que realmente entenda. Assim, eu gosto, eu estudo, mas eu não sou professora de música. Então eu tenho a minha dificuldade em relação a isso. Então por exemplo assim um professor de música. Claro, a

dificuldade financeira, porque a se agente tivesse uma maior assistência, se fosse possível, para adquirir mais instrumentos, ter mais integrantes (EE3).

E, muitas roupas ainda, muitas dessas indumentárias, seja o quetê, a blusa, a calça, o tênis, é reutilizada de alguns anos, reaproveitada, porque realmente não há um recurso estadual que possa ser implementado e não há também... A quantidade de recurso repassada pela prefeitura não é suficiente (EE2).

Muito irrisório. Muito irrisório. Assim como é feito com os demais ternos de congada da cidade, valores, assim, irrisórios que não dá pra você trabalhar, o que, nem 10% dos gastos. Né. Se fosse organizar, realmente, uma vestimenta, uma farda nova a cada ano, né. Alimentação de qualidade, transporte. Tudo pra oferecer pra congada, é 10% das despesas. O restante fica deficitário. Então daí a importância de reutilizar o material que tem dos outros anos, fazer a parceria com a escola, parceria com outras entidades. As maiores dificuldades é essa falta de recurso financeiro, que é irrisório; recursos humanos; e a falta do planejamento antecipado de tudo que vai acontecer. Então são os principais, entendeu? São os principais fatores. Acho que não existem outros não (EE1).

Nesse sentido, percebe-se que, ainda com as várias dificuldades de valorização das congadas pela sociedade, a desvalorização do espaço destinado a elas no tempo festivo, bem como as dificuldades financeiras pelas quais tanto os ternos mirins, quanto os ternos adultos passam, pode-se concluir que a sua manutenção na FSB é fator de resistência por parte dessa comunidade que a mantém, ano após ano, geração após geração, tendo inclusive despesas para sua realização, enquanto outros atores que promovem percebem lucros com a realização do evento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio cultural é um fator de grande importância para a comunidade que o constitui, uma vez que é capaz de promover o elo entre o passado e o presente, possibilitando o reconhecimento dos indivíduos com o seu grupo e território, fortalecendo a noção de comunidade. As festas populares, constituídas como patrimônio cultural de determinada comunidade, além de promoverem a noção de comunidade através do reconhecimento dos indivíduos com o seu grupo e território, também reforçam a noção de comunidade porque demandam um fazer coletivo antes, durante e depois do evento, fortalecendo a coesão dos grupos envolvidos.

A Festa de São Benedito na cidade de Machado demanda um grande fazer coletivo, sendo que os grupos mais atuantes na promoção do evento são a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, a Associação dos Congadeiros e a Prefeitura Municipal. No início do projeto de pesquisa da presente dissertação, acreditava-se que os comerciantes das barracas de alimentação localizada na Praça de São Benedito possuíam um papel tão importante no que tange à tomada de decisões para a produção do evento, quanto os demais grupos supracitados. Entretanto, no decorrer da pesquisa foi percebido que embora sejam um grande atrativo da festa, eles são subordinados à prefeitura municipal e suas normas, tendo pouca força decisória no processo de organização.

O processo de preservação da festa se deu sempre através desses grupos sendo que apenas em 2013 a prefeitura passa a atuar significativamente na promoção do evento. Durante os 104 anos de existência, o cenário da festa se alterou em grande parte, tendo em vista as normas de segurança impostas pelo poder público, tornando a festa mais padronizada através da montagem de barracas pré-montadas e antichamas. As formas de articulação entre os grupos também se alteraram durante os anos, tendo sido percebidas estratégias de negociação entre eles.

Essa negociação entre as partes resultou na definição dos papéis de cada grupo na organização do evento, que é feita com os esforços dos grupos e de seus voluntários. Embora os grupos consigam negociar e cooperar entre si, suas relações não estão livres de conflitos sendo algumas, inclusive, marcadas pela hierarquia e subordinação.

Entendendo o conceito de capital social à luz do que preceitua Putnam (2006) como características da organização social, tais como, confiança, sistemas e normas que auxiliem no incremento da eficiência da sociedade, facilitando as ações, a cooperação espontânea e o alcance de objetivos que sozinhos, os indivíduos jamais alcançariam; pode-se entender que as festas populares, podem ser fruto de um capital social existente na comunidade, bem como podem reforçá-lo, configurando-se um círculo virtuoso que constantemente se alimenta e reproduz.

Assim, durante a presente pesquisa foi percebido que, no processo de preservação da Festa de São Benedito da cidade de Machado, há a existência de um capital social que se materializa através de um arranjo institucional que abraça os diferentes grupos e onde os papéis e funções de cada grupo são bem definidos através da tradição, negociações ou normas institucionalizadas pelo poder público. Além disso, pôde ser percebida a sua presença através da colaboração espontânea da comunidade, através da atuação em conjunto com os grupos, ressaltando a existência de elementos de cooperação, solidariedade, confiança e ajuda mútua.

O capital social também pôde ser percebido nas relações entre os principais grupos promovedores do evento, uma vez que há cooperação entre os grupos, mas que não estão livres de conflitos, o que não é um fator negativo, tanto na opinião dos entrevistados, quanto no entender de Putnam (2006), que reconhece que mesmo as comunidades cívicas não estão livres de conflitos. Outrossim, ainda no que tange às relações entre os grupos, foi constatado pelas entrevistas que algumas relações se dão horizontalmente, favorecendo o capital social; enquanto outras são marcadas pela hierarquia, o que dificulta a formação do capital social, mas essa situação é minimizada através da negociação entre as partes.

Assim, pode-se entender que o capital social contribui com a promoção da Festa de São Benedito, tendo em vista que os grupos dispõem de certas características da organização social, que são consideradas como formas de capital social e que trazem benefícios para a atuação em rede.

Uma vez que se trata de uma cultura imaterial que une o sagrado e o profano, não foi ignorado o fato de que a festa é fruto de um hibridismo cultural que fortalece a coesão entre os grupos e onde o sagrado e o profano, juntos, dão uma característica única ao evento. Mais do que uma mistura entre culturas, o hibridismo também pôde ser percebido como um fator de manutenção do evento, através da adequação do mesmo às novas realidades, buscando a sobrevivência deste patrimônio, à luz do que preceitua Canclini (2008).

Também indispensáveis a essa manutenção são as congadas, cultura imaterial cujo fator de resistência no evento merece destaque no presente trabalho. A atuação dos ternos de congo todos os anos durante a festa se perpetua mesmo com a desvalorização dos mesmos por uma parte da comunidade e mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas. Também merecem destaque as congadas mirins que, além de contribuírem com a promoção e perpetuação das congadas, constituem-se em um verdadeiro trabalho em conjunto, uma vez que elas contam com a colaboração das escolas, professores, crianças, pais, congadeiros e demais voluntários, o que reforça a existência do capital social existente na comunidade.

Ainda que tenha sido possível perceber a contribuição do capital social na preservação desse patrimônio cultural machadense, esta pesquisa possui a limitação do recorte realizado, já citado na metodologia, uma vez que seria interessante, mas impossível entrevistar todos os envolvidos na organização do evento, tendo sido optado pelas entrevistas entre os principais grupos, por meio de um representante, e demais participantes aleatórios, na medida do possível.

Além disso, uma outra limitação seria o fato do curto tempo disponível para a realização da pesquisa, sendo interessante um acompanhamento a longo prazo dos citados grupos, com entrevistas anuais, a fim de se verificar a manutenção ou não da coesão entre os grupos e da multiplicação ou não do capital social.

Neste sentido, sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas relacionadas à interação entre os grupos e às estratégias de preservação da festa a fim de se verificar se o capital social continua sendo um fator determinante na preservação deste patrimônio cultural imaterial.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos, 1947.
- ALBARET, P. de L. **São Benedito, o africano**. São Paulo: Editora de Cultura Espiritual, 1989.
- ALENCAR, L. F. de. **No rastro dos "pés descalços"**: da Marujada à narrativa literária. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, PA, 2014. Disponível em: [http://pplsaproesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/NO_RASTRO_DOS_“PÉS_DESCALÇOS”_da_Marujada_à_narrativa_literária_\(TEXTO\).pdf](http://pplsaproesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/NO_RASTRO_DOS_“PÉS_DESCALÇOS”_da_Marujada_à_narrativa_literária_(TEXTO).pdf). Acesso em: 15 maio 2017.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.
- AMARAL, R. de C. de M. P. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1998. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>. Acesso em: 15 maio 2017.
- AMSELLE, Jean-Loup, Logiques métisses. Anthropologie de l'identité en Afrique et ailleurs, Paris, Payot, 1990.. In: **Politix**, vol. 3, nº10-11, Deuxième et troisième trimestre 1990.
- ARANTES, A. A. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. **Hábitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 425-435, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/download/362/300>. Acesso em: 10 maio 2017.
- ARAÚJO, R. M. S. **O fermento popular**: 100 anos 1912-2014: festa de São Benedito: patrimônio cultural, imaterial do povo de Machado. Machado: Gráfica Gilcav, 2014.
- ASSOCIAÇÃO DOS CONGADEIROS. Projeto Desenvolvimento e Reestruturação da Congada de Machado e do Estado de Minas Gerais. **Revista Congadas**, Machado: Folha Macahadense, 2004.
- AZEVEDO, A. G. de. **Manual de mediação judicial**. Brasília: PNUD, 2009.
- BAQUERO, M.; CREMONESE; D. (org.) **Capital social**: teoria e prática. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2006. Disponível em: <http://www.capitalsociaisul.com.br/capitalsociaisul/arquivos/mt/livro%20capital%20social%202006-.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BARBOSA, D. S. de; OLIVEIRA, E. A. de. **Festa do Divino Espírito Santo em Paraty: entre o religioso e o secular**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BESEN, J. A. **São Benedito**. 3. ed. Florianópolis Missão Jovem, 2012.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BOSCHI, C. Sociabilidade religiosa laica: as irmandades. *In*: BETHENCOURT, F.; CHAUDHURI, K. (dir.). **História da expansão portuguesa: volume 3**. Navarra: Círculo de Leitores e Editores, 1998.

BOURDIEU, P. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. (ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

_____. O capital social – notas provisórias, 1998. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 65-69.

_____. **Las formas de capital**. Lima: Piedra Azul, 1999.

_____. Le capital social: notes provisoires, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 31, 1980, p.2-3.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

_____. Decreto-Lei n. 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 04 de ago. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 10 jan. 2017.

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CANANI, A. S. K. B. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 163-175, jan./jun. 2005. Disponível em: http://nau.paginas.ufsc.br/files/2010/09/Canani_UnB.pdf. Acesso em: 15 maio 2017.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2008.

CAPONERO, M. C. **Festejando São Benedito: a congada em Ilhabela, recurso cultural brasileiro**. 2009. 314 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-23082012-081734/publico/Caponero.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CIDADE vive o apogeu da grande festa. **Folha Machadense**, Machado, n. 273, p. 1, ago. 1979.

COLEMAN, J. S. **Foundations of social theory**. Cambridge: Havard University Press, 1990.

_____. Social capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 94, supplement: Organizations and Institutions: sociological and economic approaches to the analysis of social structure (1988), p. 95-120, 1988. Disponível em: <http://www.econ.msu.ru/cmt2/lib/c/477/File/Social%20Capital%20in%20the%20Creation%20of%20Human%20Capital.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

CONGADAS NAS ESCOLAS. **Revista Congadas**, Machado, p. 29-30, ago. 2004.

CONGADA: ontem e hoje, expressão de fé. **Folha Machadense**, Machado, p. 8, ago. 1980.

COSTA, M. L.; CASTRO, R. V. Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias ou construindo histórias? **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p.125-131, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/04.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

CRUZ, T. C. de C. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. **Percursos**, Florianópolis, SC, v. 8, n. 1, p. 3-17, jan. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1525/1287>. Acesso em: 02 set. 2017.

CUNHA, D. F. S. **Patrimônio cultural: proteção legal e constitucional**. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

D'ARAÚJO, M. C. **Capital social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DOSSIÊ da Festa de São Benedito. Machado: Casa da Cultura de Machado-MG, 2010.

- DURKHEIM, É. **The Elementary Forms of the Religious Life**. Translated by Karen E. Fields, New York: The Free Press, 1968.
- DUTRA, F. Cultura de massas e outras culturas: as concepções contemporâneas de Edgar Morin e Néstor García Canclini sobre a cultura de massas. **Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Patos de Minas, v. 1, p. 79-86, 2008. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/38116/CulturaDeMassaEOtrasCulturas.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- FERREIRA, A. B. de H. **Míni Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA, M. N. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. **Comunicação e Informação**, v. 9, n. 1, p. 111-117, jan./jun. 2006.
- FESTA de São Benedito e Centenário. **Folha Machadense**, Machado, n. 366, p. 1, ago., 1981.
- FESTA de São Benedito será “bem imaterial” do município. **Folha Machadense**, Machado, n. 1.813, abr., 2010.
- FIALHO, F. M. Capital social e seus indicadores: um estudo teórico e empírico à luz dos dados do BH Area Survey. *In*: SEMINÁRIO PAD/PRMBH, 1., 2003. **Anais [...]**. [S.l.: s. n.], [2003].
- FIORILLO, C. A. P. **Curso de direito ambiental brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC – IPHAN, 2005.
- FRANCO, A. de. **Capital social**: leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levy. Curitiba: Instituto de Política Millenium, 2001.
- FREIRE, G. de M. **Casa-grande e senzala**. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- FUKUYAMA, F. **Confiança**: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- GEERTZ, Clifford. The rotating credit association: a "middle rung" in development. **Economic Development and Cultural Change**, v. 10, p. 241-63, 1962.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, I. C. Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista. **Revista NERA**, Presidente Prudente, SP,

v. 11, n. 12, p. 31-56, jan./jun. 2008. Disponível em:

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1398>. Acesso em: 05 set. 2017.

GONÇALVES, C. C.; REIS, M. S. **A festa de São Benedito em Machado- MG**. 1979. Monografia (Pós-Graduação “*Latu Senso*”) - MEC/SESU/CAPES/DGE, 1979.

GONÇALVES, J. R. S. O Patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 19-29.

GRANOVETTER, Mark S. Economic Action and Social Structure: the problem of embeddedness. **The American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, I.; KANTOR, Í. (org.). **Festa: cultura e sociedade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001. v. 2, p. 969-975.

HALL, P. A.; TAYLOR, R. C. R. As três versões do neo-institucionalismo. **Lua Nova**, n. 58, p. 293-224, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n58/a10n58>. Acesso em: 17 jul. 2017.

HIGGINS, S. S. **O capital social está na moda: análise para sua reconstrução teórica**. 2003. 253 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003.

HOLSTI, O. R. **Content analysis for the socialsciences and humanities**, Addison- Wesley, 1969.

_____. Os fundamentos teóricos do capital social. Chapecó: Argos, 2005. Resenha de: BOEIRA, S. L.; BORBA, J. **Ambiente e Sociedade**, v. 9, n. 1, p. 187-193, jan./jun. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Machado: panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/machado/panorama>. Acesso em: 7 maio 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Recomendação Paris**. Convenção sobre a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris, 17 out. 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%202003.pdf>. Acesso em: 3 maio 2017.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA). **ICMS Patrimônio Cultural**. Belo Horizonte, 12 dez. 2016. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoaes/icms-patrimonio-cultural>. Acesso em: 1 nov. 2018.

KERN, D. O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. **MÉTIS: história e cultura**, v. 3, n. 6, p. 53-70, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1158>. Acesso em: 10 maio 2017.

LANTERNARI, V. **Festa, Carisma, Apocalipse**. Palermo: Sellerio, 1987.

LIN, N. **Social capital: a theory of social structure and action**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2001.

MACHADO (MG). Convênio nº 17/2017 que entre si celebram o Município de Machado-MG e a Associação dos Congadeiros de Machado. **Jornal Oficial do Município de Machado**, Machado, ano 18, ed. 513, p. 2, 17 jul. 2017.

_____. Decreto n. 5.364, de 04 de agosto de 2017. Dispõe sobre a realização da Festa de São Benedito em 2017 e estabelece medidas de higiene, segurança e de proteção ambiental. **Jornal Oficial do Município de Machado**, Machado, ano 18, ed. 516, p. 1, 7 ago. 2017.

_____. Portaria nº 391, de 03 de julho de 2017. Dispõe sobre a nomeação dos membros da Comissão Organizadora da Festa de São Benedito – ano 2017. **Jornal Oficial do Município de Machado**, Machado, ano 18, ed. 512, p. 15-16, 10 jul. 2017.

_____. Lei n. 2.232, de 19 de fevereiro de 2010. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial no âmbito do município de Machado/MG e dá outras providências. **Câmara Municipal**, Machado, 19 fev. 2010. Disponível em: <http://legislador.diretriznet.com.br:8080/legisladorweb.asp?WCI=LeiConsulta&ID=55&nrLeiDE=2232&>. Acesso em: 5 jun. 2018.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATTOSO, K. M. de Q. **Bahia século XIX: uma província no império**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MENEZES, D. B.; OLIVEIRA, E. A. A. Q.; CARNIELLO, M. F. O capital social: uma ferramenta para implementação de planejamento de desenvolvimento regional. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS ON UNIVERSITY-INDUSTRY COOPERATION, 4., 2012, Taubaté. **Anais** [...]. Taubaté: UNINDU, 2012. Disponível em: <http://www.unitau.br/unindu/artigos/pdf407.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MORAES, J. G. V. **As sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX**. Rio de Janeiro: Funarte, 1995, p. 75-76.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

OLIVEIRA, A. J. M. de. **Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

_____. **Os santos pretos carmelitas:** culto dos santos, catequese e devoção negra no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Faperj, 2002.

O QUE é congada. **Revista Imagem & Conteúdo**, Machado, n. 25, p. 20, abr./maio 2014.

O QUE é congado. **Folha Machadense**, Machado, ago. 1987.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

OSTROM, E. **Governing the commons: the evolution of institutions for collective action**. New York: Cambridge University Press, 1990.

PAXTON, P. Social capital and democracy: an interdependent relationship. **American Sociological Review**, v. 67, p. 754-778, 2002.

PELEGRINI, S. C. A. A gestão do patrimônio imaterial brasileiro na contemporaneidade. **HISTÓRIA**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 145-173, 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a08v27n2.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2017.

PERUZZO, C. M. K.; VOLPATO, M. O. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Libero**, São Paulo, v. 12, n. 24, dez. 2009. Disponível em:
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/6790/6132>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PISTORE, A. Genealogia conceitual do capital social nas perspectivas de Bourdieu, Coleman e Putnam. **A Economia em Revista**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 37-44, jul. 2013. Disponível em:
http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EconRev/article/view/14358/pdf_12. Acesso em: 06 fev. 2017.

PRAÇA São Benedito passou por três grandes reformas. **Revista Imagem & Conteúdo**, Machado, n. 25, p. 66, abr./maio, 2014.

PULCINELLI, Walter Maria. Um pouco do passado... **Revista Congadas**, Machado, p. 40, ago., 2004.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia:** a experiência da Itália moderna. Tradução Luiz Alberto Monjardim. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **Making democracy work:** civic traditions in modern Italy. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993.

REBELLO, R. M. **O município do Machado até a virada do milênio:** tomo 2. Machado: Gráfica Gilcav, 2006.

REIS, J. J. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 7-33, jan. 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf. Acesso em: 02 set. 2017.

_____. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 14-39, 1996.

REIS, M. C. dos. **Ampliação dos espaços sociais e desenvolvimento local: estratégias e processos com pessoas e grupos sociais**. Curitiba: Juruá, 2015.

SÁ, M. C. **Em busca de uma porta de saída: os destinos da solidariedade, da cooperação e do cuidado com a vida na porta de entrada de um hospital de emergência**. 2005. 459 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16022006-121307/publico/tesemariene.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SCARANO, J. **Devoção e escravidão**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.

SELLTIZ, C. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1972.

SILVA, D. B. L. da. **A formação do capital social baseada em organizações intensivas em conhecimento como fator de desenvolvimento local: estudo de caso de uma associação de empresas de tecnologia**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94019/276857.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 fev. 2017.

SILVA, F. de P. e, Bispo. Vida de São Benedito, o Preto. **Folha Machadense**, Machado, 2002.

SILVA, M. B. N. (org.) **Brasil: colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SILVA, M. D. de C. Irmandades religiosas e devoção a santos negros no Brasil escravocrata. **Vozes, Pretérito e Devir**, Piauí, v. 6, n. 1, p. 197-215, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/134>. Acesso em: 15 ago. 2017.

SILVA, S. S. Patrimonialização, cultura e desenvolvimento. Um estudo comparativo dos bens patrimoniais: mercadorias ou bens simbólicos? **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 5, n. 1, p. 157-183, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/128/182>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SOUZA, M. de M. e. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. **Afro-Ásia**, v. 28, p. 125-146, 2002. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21046>. Acesso em: 15 maio 2017.

TINHORÃO, J. R. **Cultura popular**: temas e questões. São Paulo: Editora 34, 2001.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típicoideais. *In*: FERNANDES, F. (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TOMAZ, P. C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 7, n. 2, p. 1-12, maio 2010. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf. Acesso em: 03 ago. 2017.

VELOSO, M. O fetiche do patrimônio. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 437-454, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/363/301>. Acesso em: 10 mar. 2017.

YARN, D. **Dictionary of conflict resolution**. São Francisco: Jossey Bass, 1999.

ZANIRATO, S. H.; RIBEIRO, W. C. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/12.pdf>. Acesso em: 19 maio 2017.

APÊNDICE A – Quadro 3: Programação da Festa de São Benedito de 2017

(continua)

PROGRAMAÇÃO DA FESTA DE SÃO BENEDITO 2017		
DIA E HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
06/08/2017 - domingo		
10:00	Missa e Leilão	Isaltina Leilões
18/08/2017 - sexta-feira		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
19/08/2017 - sábado		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
20:00	Chegada da imagem de Nossa Senhora Aparecida na Tenda do Congo com apresentação do terno modelo	Tenda do Congo – Praça de São Benedito
20/08/2017 - domingo		
16:00	Subida do mastro e da bandeira de São Benedito	Praça de São Benedito
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
21/08/2017 - segunda-feira		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
22/08/2017 - terça-feira		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
23/08/2017 - quarta-feira		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
24/08/2017 - quinta-feira		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
25/08/2017 - sexta-feira		
19:00	Missa	Igreja de São Benedito
26/08/2017 - sábado		
07:30	Procissão das Congadas Mirins	Saída da Praça João Luís Garcia até a Praça São Benedito
09:00	Concurso de Poesia	Praça São Benedito
15:00	Procissão motorizada com a imagem de São Benedito	Saída do Parque de Exposições até a Praça São Benedito
16:00	Apresentação da Embaixada de Carlos Magno	Praça São Benedito
19:00	Missa	Igreja de São Benedito

Quadro 3 - Programação da Festa de São Benedito de 2017

(conclusão)

20:00	Apresentação do Boi das Oliveiras e da Mulinha	Saída da casa dos congadeiros responsáveis pelo boi (onde ele fica guardado) até a Praça São Benedito
27/08/2017 - domingo		
10:00	Apresentação de congadas	Praça São Benedito
14:00	Retirada do Caiapó	Jardim Botânico do Iracema Rodrigues
16:00	Missa e Procissão	Igreja Matriz, saída da procissão até a Praça São Benedito
28/08/2017 - segunda-feira		
16:00	Subida do Reinado	Saída da Praça Antônio Carlos até a Praça São Benedito
29/08/2017 – terça-feira		
14:00	Solenidade de premiação dos ternos de congadas	Praça São Benedito
18:00	Encerramento da Festa de São Benedito com o descimento do mastro e da bandeira de São Benedito	Praça São Benedito

Fonte: adaptação da tabela feita por Caponero (2009) com os dados relacionados a Festa de São Benedito de 2017 da cidade de Machado-MG.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Qual seu nome, idade e profissão?
2. Qual sua trajetória/história em relação à festa? (desde quando, em que áreas atuou, seu papel enquanto participante, etc.)
3. A quem você atribui o sucesso da festa?
4. Como você contribui para a realização da festa? Porque?
5. O que te mantém auxiliando na produção da festa?
6. O que a Festa de São Benedito representa para você?
7. Para você, qual é o motivo de a festa estar perdurando por mais de cem anos?
8. Você faz parte de alguma organização social como por exemplo, associações, ONG's, etc? Se sim, qual e o que te motivou a fazer parte dessa organização?
9. Você (ou sua organização) participa de outras atividades sociais (eventos, festas, etc) em outros períodos do ano? Quais? Isso ajuda na realização da festa de São Benedito?
10. Quem organiza a festa de São Benedito?
11. Você conta com a ajuda de voluntários? Qual o papel dos voluntários/participantes na definição das atividades, planejamento e realização da festa?
12. Há muitos conflitos/discussões entre os participantes?
13. Como os grupos/cooperam entre si para a realização da festa? Onde mais cooperam? Qual o tipo de cooperação? Por que cooperam? Como cooperam? Seria possível a realização da festa sem essa cooperação dos grupos?
14. Como é a sua relação com os integrantes da organização da qual você faz parte? Você percebe elementos como confiança, cooperação, solidariedade nos trabalhos realizados pela organização? As suas expectativas em relação ao seu grupo estão sendo satisfeitas?
15. Como os membros dos diversos grupos que promovem a festa, Igreja, sociedade civil, vendedores e Estado se relacionam? Como você enxerga o trabalho deles?
16. Esses mesmos elementos de confiança, cooperação e solidariedade são percebidos por você na sociedade em geral?
17. Quais as dificuldades encontradas para manter ou melhorar a festa? Por quê?
18. Quais as razões que poderiam levar você a deixar de contribuir com a promoção do evento?
19. As suas expectativas em relação a festa estão sendo satisfeitas?